

MESTRADO INTEGRADO

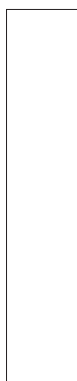
ARQUITETURA

Da memória ao lugar: o (re)desenho de uma casa

Daniela Alexandra Santos Pereira Mau

M

2019



Daniela Alexandra Santos Pereira Mau

Dissertação de Mestrado em Arquitetura
orientada pelo Professor Doutor Helder Casal Ribeiro
e apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Setembro de 2019

Informações prévias:

- A presente Dissertação de mestrado foi redigida de acordo com o novo acordo ortográfico;
- Todas as citações presentes no trabalho cuja língua original não é o português, foram traduzidas pelo autor de modo a tornar a leitura do texto mais fluída e coerente, preservando a integridade e intenção das passagens originais;
- As imagens aqui exibidas provêm de variadas fontes (referenciadas no Índice de Imagens) e a sua utilização e edição foi feita com o intuito exclusivo de contribuir na investigação académica aqui apresentada, não devendo por isso ser reproduzidas de outra forma que não recorrendo à fonte original;
- Reserva-se o direito exclusivo de utilização, de todas as fotografias referenciadas como pertencentes ao autor.

agradecimentos

A conclusão deste capítulo na forma desta dissertação não é mais que um bilhete de agradecimento aos meus pais, por tudo o que conseguiram proporcionar-me durante estes últimos anos, obrigada por confiarem, não cabe em palavras tudo o que vos tenho a agradecer, desde a oportunidade ao apoio e compreensão.

Ao meu irmão, por ter preenchido em casa, o vazio que causei nas minhas ausências e acima de tudo agradeço que siga as suas convicções assim como eu segui as minhas.

Vocês são a minha definição de *casa*.

Agradeço às pessoas que me acompanharam nesta aventura e que ocuparam no meu coração o lugar de *família*.

Entre elas,

o Luís e a Bruna, pelos devaneios, pelo carinho, por me completarem e acreditarem tanto em mim, fazem brilhar os meus olhos

o Nuno, por estes 9 anos partilhados, por caminhar sempre ao meu lado, pela bondade e amizade

a Maria e a Mariana, as *princesas do meu jardim* que se tornaram na minha força interior para terminar este trabalho e me ajudaram a levantar a cada dia com a certeza que ia valer a pena, é tão grande o meu obrigada

o Bruno, pela amizade, pelo sentido de humor e a sua maneira de ser única

a Catarina, pelos conselhos, pela sabedoria, por todos os momentos que partilhou comigo e que nunca serão esquecidos

a Helena, por ser um génio em ascensão e por abrir as portas de sua casa para jantares maravilhosos

a Maria e a Joana, por tudo em Florença

a todos aqueles que não referi, mas que nunca me esqueço, que me ajudaram a crescer e a preencher o meu coração com um mar de energia

Não se explica por palavras todo o agradecimento que tenho por vocês, por me terem dado a mão sempre que precisei, um obrigado por nunca me deixarem desistir e por terem partilhado comigo cada segundo desta etapa. O meu amor por vocês é incondicional e infinitamente para sempre.

Agradeço-vos, ainda, por todos os jantares onde se partilhou de tudo. Obrigada por me ensinarem a definição de *amizade*, *companheirismo* e *amor*.

Agradeço ao meu orientador, Helder Casal Ribeiro, por me ter incentivado e despertado a atenção para aquilo que é arquitetura desde a primeira aula de projeto nesta faculdade. Por todas as conversas, por tudo o que me ensinou e que me ajudou a concluir este trabalho.

A todos um obrigada por terem feito parte da minha *escola*.

Oh as casas as casas as casas
as casas nascem vivem e morrem
Enquanto vivas distinguem-se umas das outras
distinguem-se designadamente pelo cheiro
variam até de sala pra sala
As casas que eu fazia em pequeno
onde estarei eu hoje em pequeno?
Onde estarei aliás eu dos versos daqui a pouco?
Terei eu casa onde reter tudo isto
ou serei sempre somente esta instabilidade?
As casas essas parecem estáveis
mas são tão frágeis as pobres casas
Oh as casas as casas as casas
Mudas testemunhas da vida
elas morrem não só ao ser demolidas
elas morrem com a morte das pessoas
As casas de fora olham-nos pelas janelas
Nao sabem nada de casas os construtores
os senhorios os procuradores
Os ricos vivem nos seus palácios
mas a casa dos pobres é todo o mundo
os pobres sim têm o conhecimento das casas
os pobres esses conhecem tudo
Eu amei as casas os recantos das casas
Visitei casas apalpei casas
Só as casas explicam que exista
uma palavra como intimidade
Sem casas não haveriam ruas
as ruas onde passamos pelos outros
mas passamos principalmente por nós
Na casa nasci e hei-de morrer
na casa sofri convivi amei
na casa atravessei as estações
respirei - ó vida simples problema de respiração
Oh as casas as casas as casas

Ruy Belo, “Oh as Casas as casas as casas” in *Todos os Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 291-292

*Aos meus avós
e à casa deles que ficará sempre na memória*

Sumário

Agradecimentos	3
Abstract	8
Resumo	9
Introdução	10
I. memória(s)	16
viagem ao lugar	19
do passado	24
a casa exterior	34
a casa de férias	40
ao presente	44
II. problema(s)	
quatro referências	54
Villa Le Lac	57
Casa das Marinhas	61
Casa Alves Costa	65
Vill'Alcina	69
III. (re)desenho	
memória, intervenção, tempo	74
Considerações Finais	116
Referências Bibliográficas	122
Índice de Imagens	125

Abstract

This dissertation intends to focus on domestic dwelling and the architectural space as an object of study that supports and conditions human behavior. The work will focus on deepening ways of living from the redesign of my parents' home, in the confrontation between personal memories and its site condition. It is from the desire to retrieve all the memories and to rethink the architecture of this house, that it is pretended to combine the reflection about home and dwelling.

The project intends to deconstruct the existing, considering what can be maintained, destroyed or transformed, giving importance, not only, to the way of inhabiting of each person in each space, but also, to the history of the house over the years, the dialogue with the surrounding and the relationship between the inhabitant and the place.

Resumo

A presente dissertação incide sobre o habitar da casa e o seu espaço arquitetônico como objeto de estudo que suporta e condiciona o comportamento humano. O trabalho terá como foco principal o aprofundar as formas do habitar a partir do redesenho da casa dos meus pais, no confronto entre memórias pessoais e a sua condição no lugar. É a partir do desejo de resgatar todas as memórias e de repensar a arquitetura desta casa, que se pretende conjugar a reflexão sobre a casa e o habitar.

Pretende-se desconstruir o existente, considerando o que se poderá manter, destruir ou transformar neste projeto, dando importância, não só, ao modo de habitar de cada pessoa em cada espaço, mas também, à história da casa ao longo dos anos, o diálogo com a envolvente e a relação entre o habitante e o lugar.

Introdução

A presente dissertação terá como foco principal o habitar da casa e o significado do seu espaço arquitetónico como forma de questionar as formas do habitar a partir do redesenho da casa dos meus pais, no confronto entre memórias pessoais e a sua condição no lugar.

Através de uma casa existente procuramos percorrer este estudo, começando por analisar o seu desenho, mas mais que isso, analisar os espaços singulares e a forma como o corpo respondeu a esses espaços em diferentes fases da sua vida. *“Assim, a habitação, a casa e o círculo do seu espaço doméstico são o registo desse corpo, físico, tridimensional e em movimento.”*¹

É a partir do desejo de resgatar todas as memórias e de repensar a arquitetura desta casa, que se pretende conjugar a reflexão sobre a casa e o habitar, através, não da construção da sua raiz, mas da reconstrução da casa a partir dos problemas que ela atualmente nos confronta. Pretende-se desconstruir o existente, considerando o que se poderá manter, destruir ou transformar neste projeto, dando importância não só ao modo de habitar de cada pessoa em cada espaço, mas também à história da casa ao longo dos anos, o diálogo com a envolvente e a relação entre o habitante e o lugar.

*«o homem distingue-se dos animais porque a “finalidade” do seu refúgio varia segundo o clima e as necessidades e constantemente o vai aperfeiçoando. A missão do arquitecto é pôr ordem na relação com o entorno humano. O homem é um animal que não só se refugia como faz a casa. A construção da casa está enraizada no ser humano desde a infância.»*²

Por ser a minha morada, o objeto de estudo revela-se com um carácter tão pessoal e íntimo, que é importante referir que o trabalho terá uma primeira parte que se desenvolverá numa visão puramente

¹ RAMOS, Rui, *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*, Porto: Faup publicações, 2010, p.49

² MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere, *Casa collage : un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, Barcelona: GG, 2001, p. 28, original: “Según Rasmussen el hombre se distingue de los animales en el hecho de que su refugio varía según el clima y las necesidades, y en que constantemente lo va perfeccionando; su conclusión es que la misión del arquitecto es poner orden y relación en el entorno humano. (...) el hombre es un animal que, no sólo se refugia, sino que se hace una casa. (...) la construcción de la casa está arraigada en el ser humano desde la infancia”

pessoal sobre a casa e o seu lugar de intervenção. Esta visão irá desdobrar-se em duas vertentes: a de um olhar que precede os estudos de arquitetura, e a de um olhar após esses estudos que possibilitaram uma nova interpretação sobre este objeto de estudo. Por vezes, estas duas vertentes estarão a par uma da outra, pois só na reunião das duas é que nos foi possível compreender as transformações que fariam mais sentido realizar. Pretende-se descrever um processo evolutivo tanto da casa, como da pessoa que a habita, desde criança, em que a casa era de férias, à adolescência, em que a estadia passou a ser permanente, e por fim, como estudante de arquitetura, momento em que cresceu o desejo de intervenção.

Numa segunda parte do trabalho, como forma de estruturar e enriquecer esta pesquisa será fundamental recorrer a outros casos de estudo específicos que nos auxiliem no processo de (re)desenho da casa e que permitiram desencadear este estudo, servindo como base de temas de arquitetura determinantes para a compreensão do desenho dos espaços da casa. A Casa das Marinhas de Viana de Lima, a Casa Alves Costa de Álvaro Siza Vieira e a Vill'Alcina de Sergio Fernandez são exemplos de uma arquitetura doméstica que revela o desejo de manipular e reinventar espaços que informam o programa da casa através da sua organização e materialidade, tal como Le Corbusier desenhou a Villa Le Lac respondendo às necessidades de um habitante particular – para si e para a sua mãe – com uma perceção de escala e proporção que permitiu criar uma atmosfera íntima e doméstica num espaço contido e regado.

Ao evocar estas casas pretendemos analisar e traduzir os temas anunciados pela sua narrativa arquitetónica e poética espacial, podendo através da construção de um discurso mental e fotográfico transportar esse estudo para a prática do nosso projeto *“confrontando a questão do habitar, da ocupação de um lugar, de levar a cabo actos quotidianos num espaço. A qualidade e a poesia destas pequenas arquitecturas estão essencialmente ligadas à vida”*³.

³ CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza : casas 1954-2004*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2004, p. 7

A terceira e última parte do trabalho incide sobre uma possível proposta de intervenção para a casa, uma solução que tenta resolver os problemas atuais da sua arquitetura, mas também pensa nos problemas do futuro e do agregado familiar que integrará a casa, possibilitando diferentes formas de apropriação mediante o número de habitantes da casa. Desenvolve-se assim, neste capítulo, o processo de trabalho que demonstra soluções e hesitações, deixando algumas opções em aberto para um diálogo com a família.

É importante ainda referir que para uma melhor análise deste trabalho, a organização tornou-se um ponto relevante e optou-se por colocar as páginas 24, 28, 76 e 82 num formato desdobrável que possibilita a continua leitura do trabalho, ao mesmo tempo que os desenhos contidos nessas páginas se podem manter ao lado, sempre ao alcance do olhar.

“Ter uma casa significa a possibilidade de fundar um lar. Paralelamente à busca de uma casa para cada núcleo familiar, lentamente começa-se a desenvolver uma busca pelo espaço de cada um na própria casa. (...) Tanto a reclusão do espaço da família em relação ao exterior, como a busca gradual do espaço individual, traduzem-se em novos esquemas de distribuição e novos usos dos espaços da casa”⁴

⁴ **SILVA, Ana Sofia Pereira da**, *La intimidad de la casa : el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Buenos Aires: Diseño, 2015, p. 24, original: *“Tener casa propia significa la posibilidad de fundar un hogar. En paralelo con la búsqueda de una casa para cada núcleo familiar, se empezará lentamente a desarrollar también una búsqueda del espacio de cada uno en la propia casa.”*

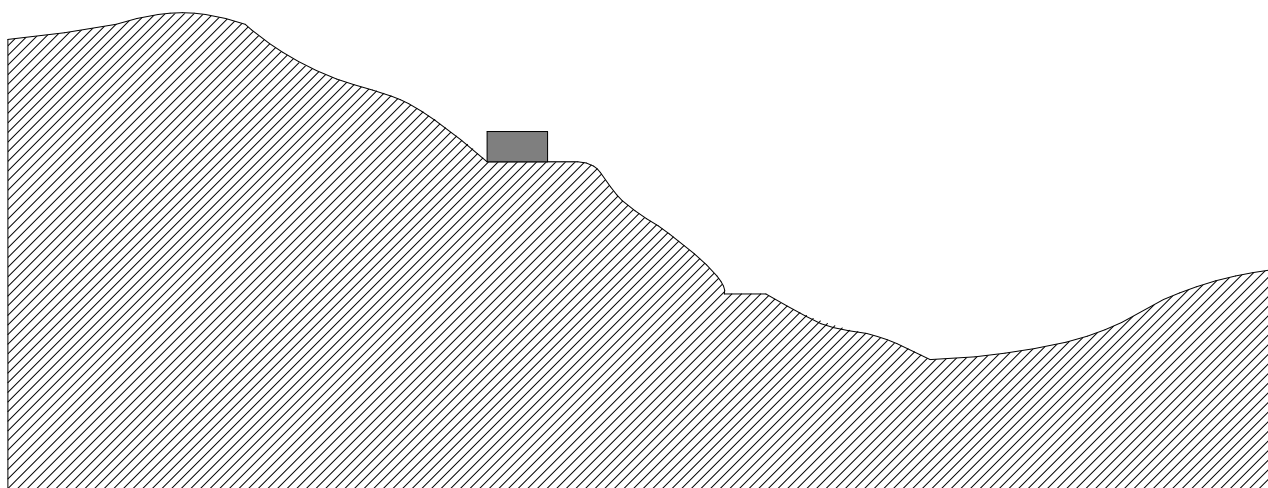
I. memória(s)



1| Planta geral com marcação do local da casa
escala 1: 25 000



2| Perfil com diferença de alturas do local e marcação da casa
escala 1: 1250



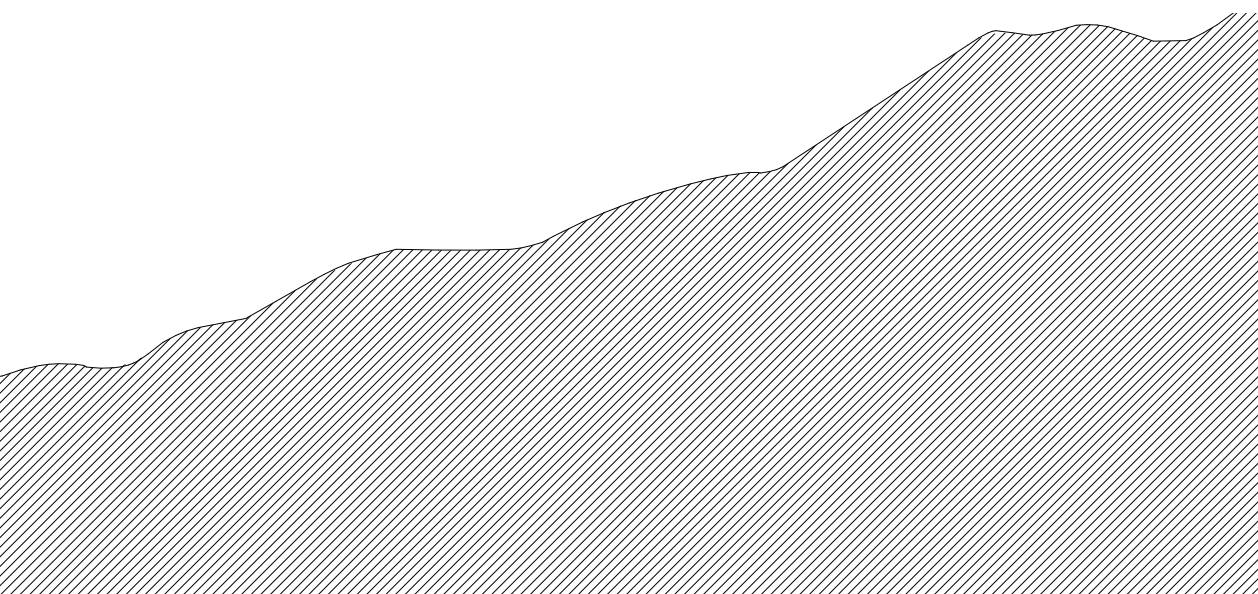


3| Planta aproximada do local

escala 1: 1250

área do lote: 435 m²

área bruta c/garagem: 205 m²





Janeiro de 2019
Final de tarde, durante a viagem para casa

viagem ao lugar

“A casa é o abrigo.

A coisa principal da casa é o telhado e depois a chaminé.

Dentro somos independentes ou quase. Estamos protegidos da cidade e do mundo inteiro.

Os que podem usam tranquilamente a internet.

A casa tem janelas: é preciso respirar, mesmo quando o ar está poluído.

É bom ir à janela. Vê-se a rua, a vizinha sai e fecha a porta, há gente a passar e motos e animais e automóveis, comboios, autocarros e aviões, do ar chega o ruído dum avião, passa uma gaivota. Não estamos sozinhos, felizmente não estamos sozinhos, bate à porta o carteiro, chega o jornal.

O sol entra pela janela e pinta a parede em frente, a chuva martela os vidros, zunbe o vento. Sabemos que a rua vai por aí fora, ramifica-se e sai da cidade, liga a Norte a Sul a Leste a Oeste e a todos os espaços intermédios, tece uma manta sem princípio nem fim porque se torce sobre si própria, mesmo ao cruzar o mar (com grande dispêndio e dificuldade).

A Aventura apetece.”⁵

O lugar tem como nome Aborlide e situa-se nos arredores de Marco de Canaveses, perto da estação de comboios do Juncal, um apeadeiro. Após inúmeras viagens da cidade do Porto para o Marco foi possível notar que a chegada a este lugar se revela um pouco atribulada e particular em relação à deslocação de casa ao centro da cidade do Marco, onde o contraste é menos abrupto apesar da distância.

⁵ VIEIRA, Álvaro Siza, Texto 129: A casa in *01 Textos*, Parceria A.M. Pereira, Lisboa 2019, p. 243

a|



d|



e|



b|



c|



A partir do momento em que nos separamos da autoestrada aproximando do centro da cidade do Marco, a velocidade abranda e a primeira alteração que sentimos é no ar, mais quente e pesado no Verão, mais frio e seco no Inverno. À medida em que nos afastamos do centro da cidade vamos percebendo que prevalece a massa verde, da natureza, sobre a massa cinzenta, de edificações. No Inverno, as estradas são rodeadas pelos esqueletos das árvores com o céu de pano de fundo, enquanto que no Verão a grande mancha verde das folhas contrasta com o azul constante do céu.

À medida que descemos na altitude, as curvas e as contracurvas vão ficando cada vez mais apertadas e sucessivas, as estradas mais estreitas e destruídas, e a paisagem tenta compensar para aqueles que não sofrem de vertigens. A velocidade tende a ser cada vez menor à medida que se aproxima o destino, e a última curva – a mais apertada e fechada para terminar este percurso – abre sobre um espaço amplo com duas fachadas que se destacam da estrada a que se chega, uma delas é desta casa que queremos falar, cor de rosa voltada para a rua e encostada a um afloramento rochoso.

Quando somos confrontados com este lugar, sentimo-nos entre duas montanhas onde se destaca o silêncio, talvez provocado pela inexistência aparente da presença humana. No entanto, através de um leque, em que a casa a que chegamos é o ponto convergente, são visíveis vários aglomerados de habitações unifamiliares que não fogem muito da mesma paleta de cores, nem diferem muito entre si no que diz respeito à sua aparência: paredes em pedra aparente ou em tijolo pintadas de branco, rosa ou amarelo, coberturas de água em telha, as janelas com as suas portadas exteriores e cada casa com o seu jardim exterior verde com parte dedicada à produção de alimentos e estruturas onde guardam os animais ou a lenha para o Inverno.

Ainda assim, prevalece o verde dos pinheiros, dos carvalhos, dos eucaliptos e de uma vasta floresta que dá lugar a um conjunto de animais que sonorizam o lugar.

4| Julho de 2019
Conjunto de imagens do
percurso de chegada
ao local da casa

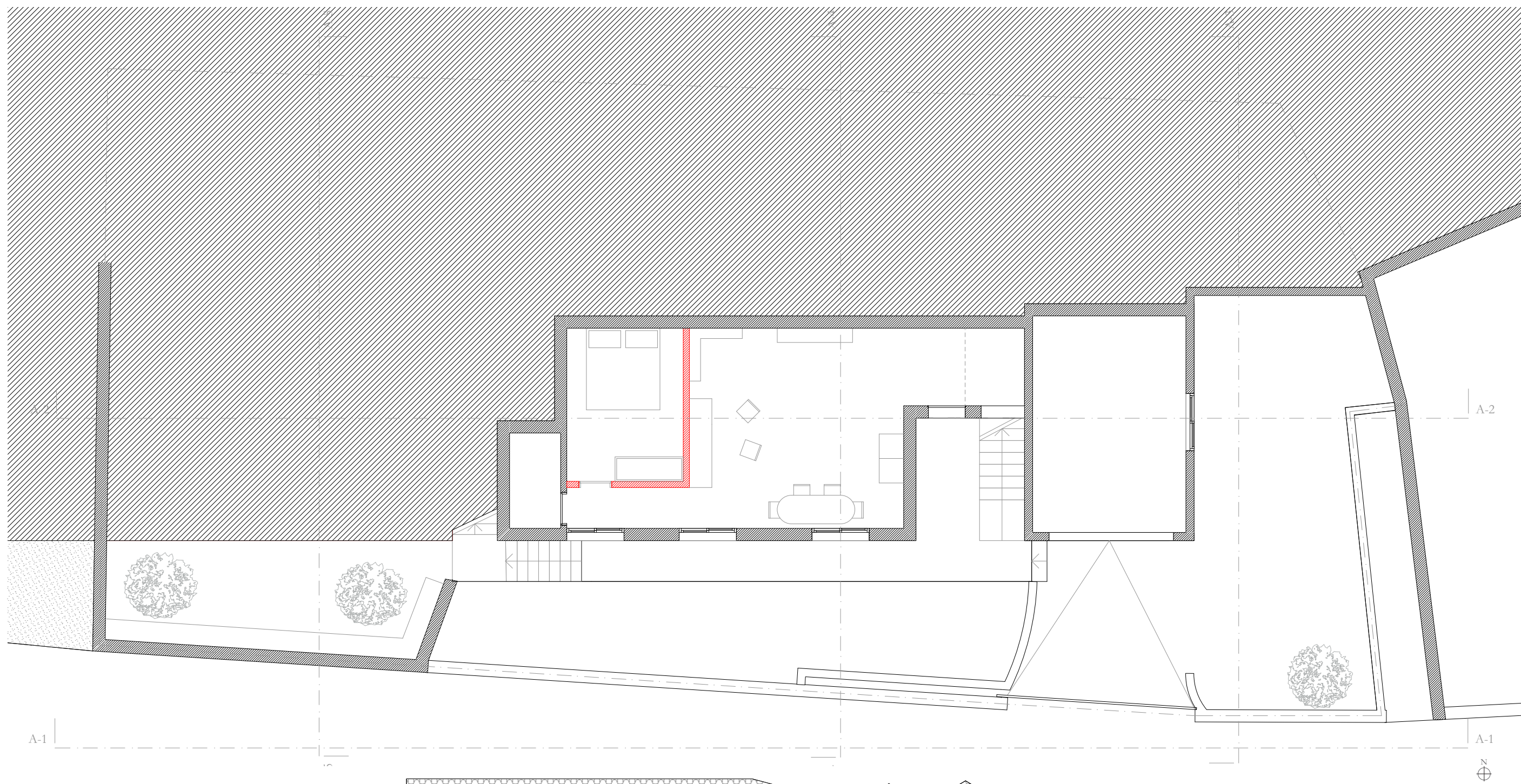


5| Agosto de 2019

Vista da envolvente
a partir da frente da casa



6| Agosto de 2019
Vista para a casa
e envolvente



8 |

do passado

“Quanto mais simples é a casa gravada, mais ela trabalha a minha imaginação de habitante. Ela não é apenas uma “representação”. Suas linhas são fortes. O abrigo é fortificante. Que ser habitado simplesmente, com a grande segurança que a simplicidade proporciona. A casa gravada revela em mim o sentido da cabana; revivo nela a força de olhar que a janelinha tem.”⁶

Esta é uma casa que descreve a narrativa do habitar de quatro pessoas que construíram, ao longo do tempo, o espaço doméstico que existe atualmente nesta casa, também ela construtora das identidades de quem a habita, como se a casa fosse moldada, mas também nos moldasse de volta. Esta narrativa conta-nos a variedade de formas que a habitação foi assumindo para responder a diferentes fases de apropriação ao lugar, mas também a diferentes formas a que os habitantes se apropriaram da casa ao longo do tempo, desde a estadia temporária destinada a férias até ao momento de estadia permanente.

Interessa-nos perceber a narrativa vivida em cada espaço em ambas as situações, e como consequência desta observação, compreender as mudanças pretendidas na transformação do espaço.

O terreno foi adquirido a partir da necessidade da construção de uma garagem e mais tarde deu-se continuidade à ideia inicial de um projeto de uma casa. A escolha deste terreno deve-se à proximidade com grande parte da família que este lugar acolhe.

7| Casa atual - Planta piso térreo e alçado (A1)
Recentes intervenções destacadas a vermelho
escala 1: 100

8| Agosto de 1995
casa em construção

⁶ BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, trad. António de Pádua Danesi, 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 66

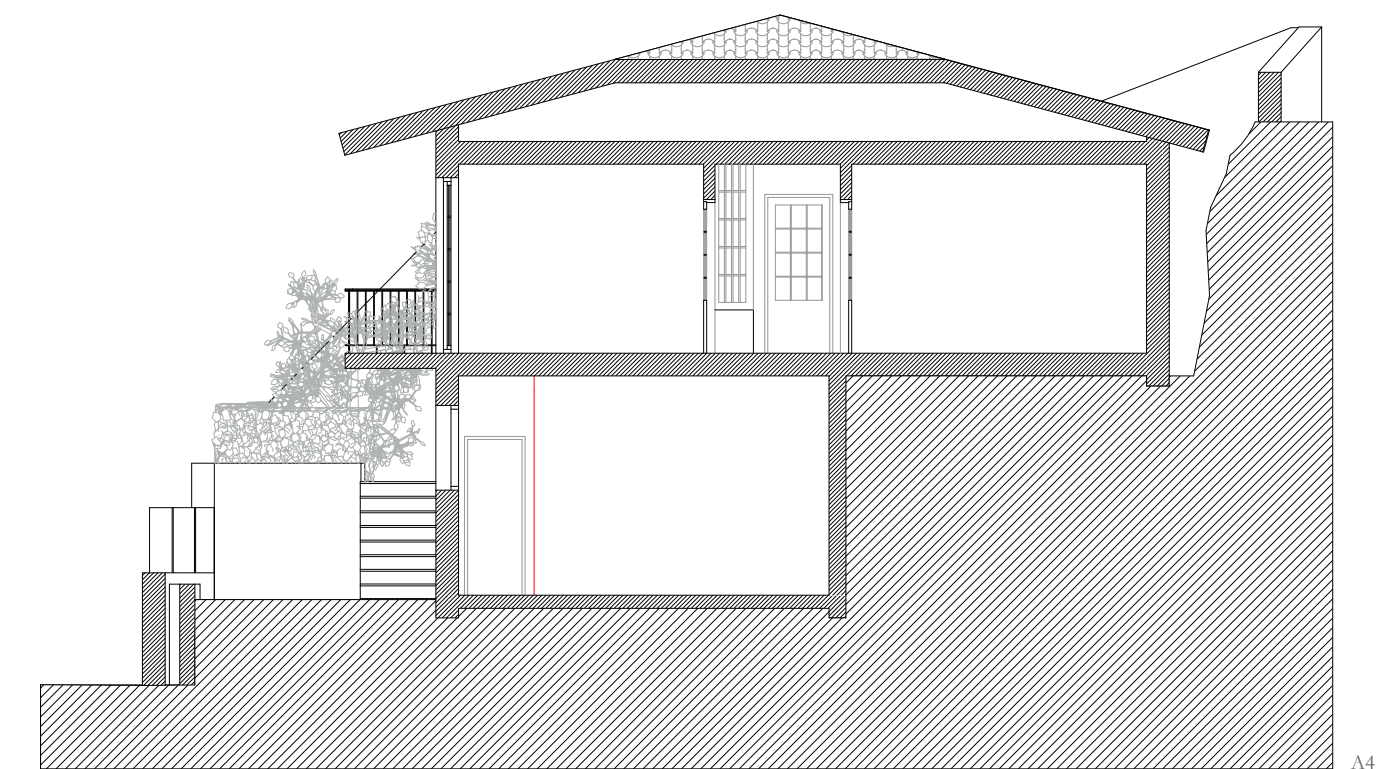
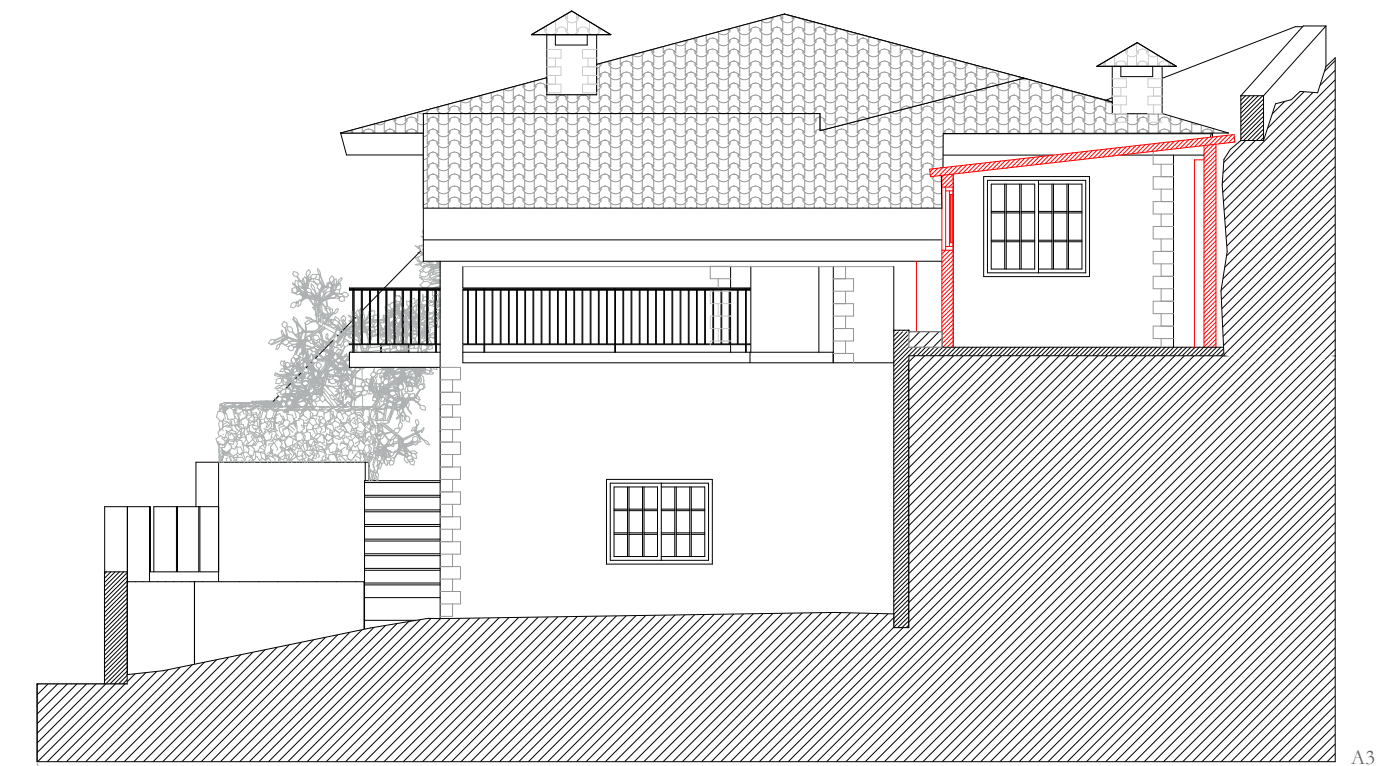
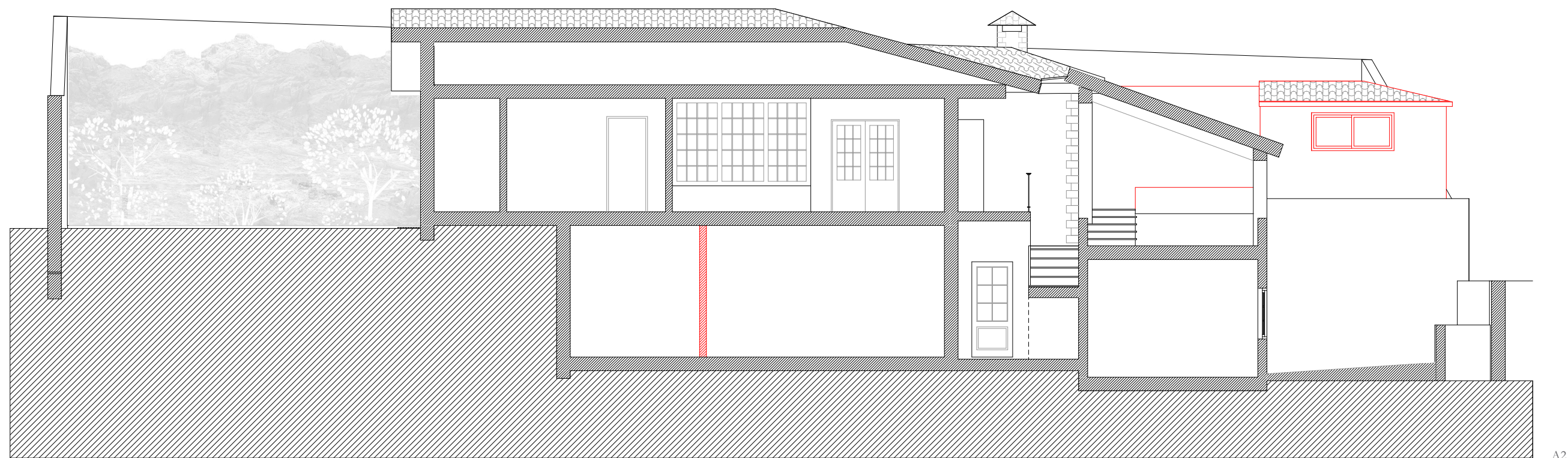
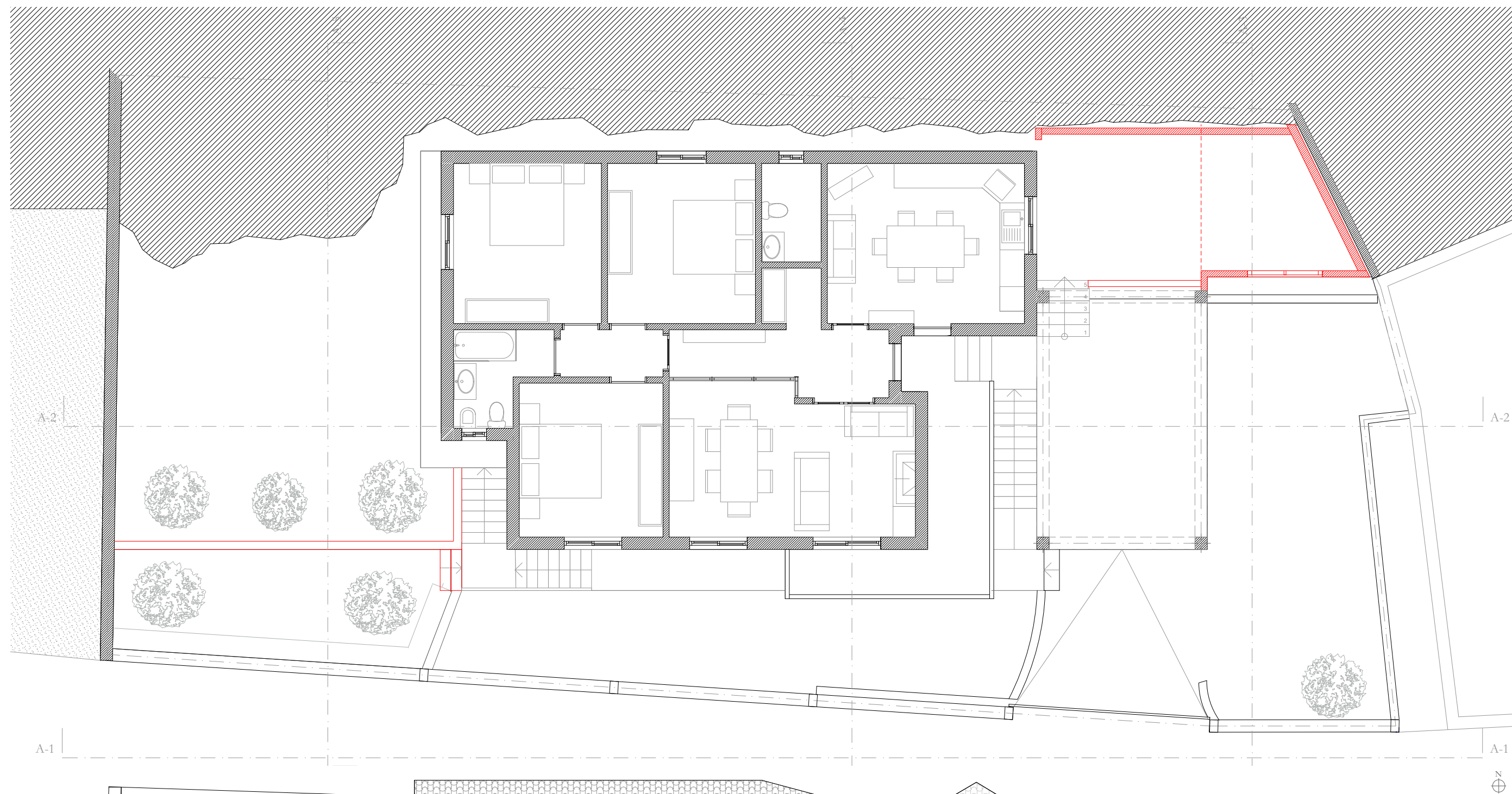
A casa foi pensada e construída para estadia permanente, no entanto, durante muitos anos o seu uso era apenas para férias. O movimento do corpo numa casa de férias é diferente do movimento numa casa de vivência permanente. No primeiro, não existe rotina, os movimentos são imprevisíveis e o corpo humano adapta-se facilmente a qualquer situação que a casa lhe apresente. O mesmo não acontece na vida quotidiana em que, para além da rotina, a exigência é maior perante a casa. Nesta sequência, observamos que existiram duas visões sobre esta habitação, a primeira foi a de uma casa que nos movia numa viagem de fuga à rotina, durante o mês de Agosto até à minha adolescência; a segunda, de uma casa de vivência permanente em que somos confrontados com os mesmos espaços e objetos através de um olhar mais exigente que a vida quotidiana nos impõe; e dentro desta, uma terceira visão, a mais atual e apenas minha, de um refúgio ao trabalho durante os fins de semana, uma fuga ao desassossego na procura de um lugar estável para habitar.

A casa nasceu a partir do piso térreo, o primeiro a ser habitado enquanto a restante casa se desenvolvia. Este espaço retangular de 50m², com três janelas desenhadas na frente da casa, foi dividido em duas zonas. Após a entrada, éramos recebidos pela cozinha e zona de refeição que ocupavam a primeira metade deste espaço amplo, dividido por um comprido cortinado que se estendia por todo o pé direito e escondia a outra metade do piso, mais privada, onde se encontrava o quarto e a casa de banho com a única porta contida no piso. O quarto era ocupado pela cama de casal, um berço, um móvel de madeira com gavetas e uma camila; a cozinha, além dos móveis necessários para cozinhar, continha uma mesa para as poucas refeições que se faziam em casa durante o período de férias em que aqui se habitou. E este seria o primeiro espaço doméstico, que marcaria as primeiras férias da minha infância.

As fases seguintes de construção seguiram na ausência dos moradores desta casa e a cada visita tornava-se mais completa a apropriação da habitação àquele lugar. Tudo o que completava o espaço doméstico do piso térreo foi transportado para o segundo piso quando terminada a sua construção.

- 9| Dezembro de 1998
zona do quarto durante a
habitação no piso térreo
- 10| Agosto de 1999
zona da cozinha durante a
habitação no piso térreo





Este piso, acessível através de uma escada exterior em mármore, inicia-se junto da entrada do piso térreo proporcionando um vazio entre o volume principal e a garagem. Os dois pisos permaneceram desligados e independentes, até hoje, e apenas fica a recordação de um espaço que já foi casa. Atualmente é chamado de “cave”, por ser espaço de arrumações, e recentemente, além da construção de um novo quarto neste espaço, foi também transformada a zona da antiga cozinha, em lavandaria.

Acima do piso térreo encontra-se o núcleo da casa no segundo piso - a sala de estar e sala de jantar – com duas aberturas para o exterior, uma delas de acesso à varanda que ladeia em L o espaço da sala até à porta de entrada. Ainda sobre a área do piso térreo, o quarto adjacente à sala contém a terceira abertura da fachada, completando assim o mesmo número de janelas que o piso térreo. Paralelamente à sala e à fachada, um eixo horizontal atravessa o meio da casa e marca a distribuição de todos os espaços. Este eixo, com início na porta de entrada principal, abre três opções de percurso: à esquerda a sala, à direita a cozinha e casa de banho de serviço, e por último, se continuarmos pelo corredor - ao longo de uma caixilharia de madeira envidraçada que nos separa da sala - chegamos ao hall de entrada dos três quartos - cada um orientado para uma zona exterior diferente - e a casa de banho principal que remata este eixo.

O eixo organiza a casa fazendo a ligação entre os vários espaços, contudo, a vida doméstica incide sobre as áreas comuns da sala e da cozinha, separadas pelo hall de entrada. O uso da cozinha durante todo o dia, deve-se essencialmente ao gosto da minha mãe pela culinária, especialmente pela pastelaria, e à consequente importância dada ao momento de refeição. A ligação da cozinha com o exterior permite mais facilmente o estar dentro e fora de casa por ser o espaço com mais uso e pela porta estar sempre aberta, principalmente durante o Verão, o que faz com que a entrada principal raramente seja usada. Por ser a cozinha o espaço mais utilizado, adveio a necessidade de um pequeno sofá, para quem quiser fazer companhia à mãe, e de uma televisão para dar som aos cozinhados e às refeições que se fazem sempre na mesa deste espaço.

11| Casa atual - Planta piso 1
corte longitudinal A2
cortes transversais A3 e A4
Recentes intervenções
destacadas a vermelho
escala: 1: 100

Assim, o espaço cozinha abrange três funções domésticas – cozinhar, comer e estar – servindo a sala de jantar apenas para ocasiões especiais com maior número de pessoas.

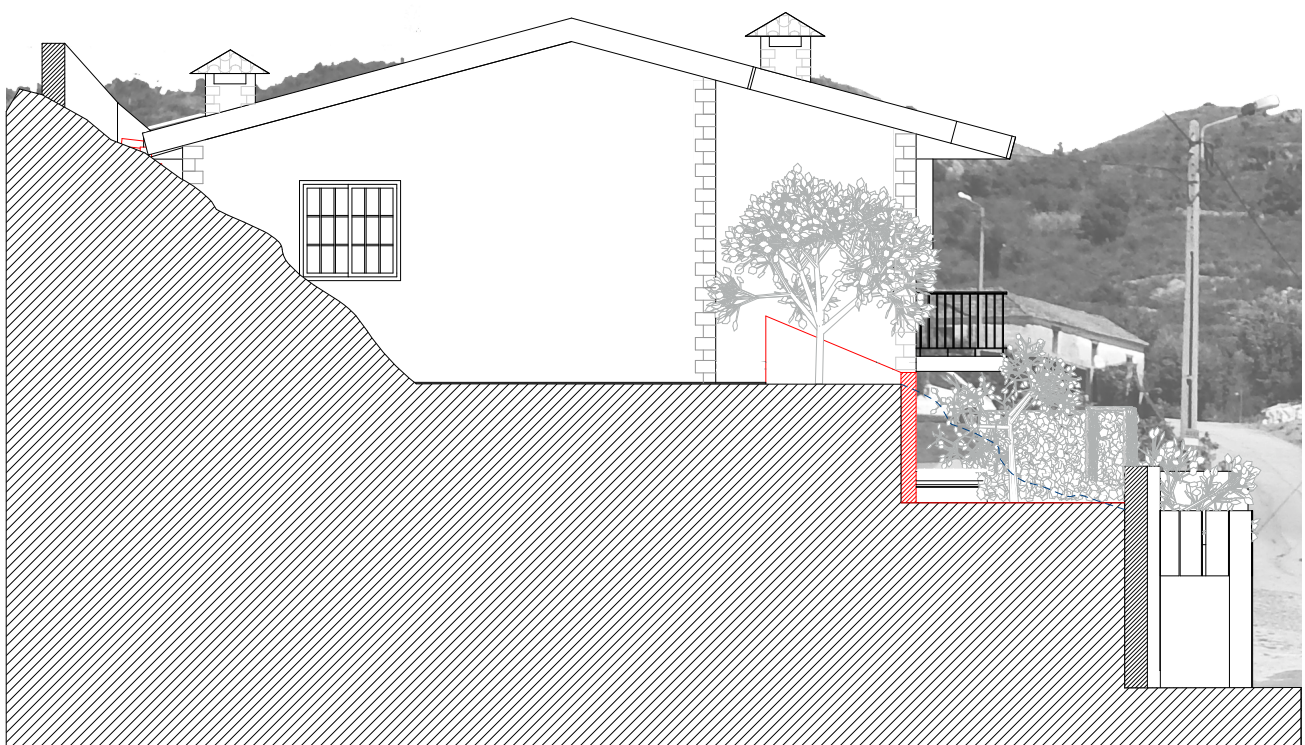
A sala de estar abriga todas as pausas, solitárias ou em convívio, principalmente à noite onde tem lugar o descanso em família ou os domingos passados em frente à televisão. Este espaço que contém também a mesa de jantar e uma lareira, possibilita a reunião de uma zona de estar com a de comer em épocas especiais, como o natal, apesar das dimensões reduzidas do espaço em relação ao número de pessoas. No entanto, a função mais usual desta mesa de jantar é a de trabalho, por ser o espaço mais luminoso da casa e pela reduzida dimensão dos quartos que apenas possuem a cama com duas mesas de cabeceira, o roupeiro e um pequeno móvel de apoio. No Inverno, os quartos tornam-se os espaços mais frios da casa pelo fraco isolamento e corte térmico que a casa possui, e pelo contrário, no Verão absorve todo o calor dentro do espaço, tais fatores contribuem para o pouco uso dos quartos, apenas destinados a dormir.

Cada espaço da habitação volta-se para uma zona exterior, onde podemos visitar com o olhar o espaço caracterizado pela natureza que rodeia a propriedade. Habitar esta casa no seu interior é saber que existe o exterior para viver em simultâneo, como um prolongamento do espaço apenas dividido por uma porta que distingue a casa interior da casa exterior, verificando-se a continuidade do habitar através de espaços qualificados de estar, expostos à envolvente.

“Portanto, a casa não é um refúgio que protege e defende do exterior, nem um espaço “branco” a contemplar, nem uma máquina eficiente e confortável, mas sim um lugar de recordações e de sensações.”⁷

⁷ CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 14

12| Casa atual - corte transversal A5
tracejado corresponde ao desnível
do terreno, anterior à recente
intervenção destacada a vermelho
escala 1: 100







13|

14| Férias, agosto de 1999
vistas exteriores



15|

16| Maio de 2019
sala exterior

a casa exterior ⁸

«O dentro e o fora. E não sabes qual deles
há-de ser teu. Procuras nesse espaço
a mesma sombra que se estreitaria
um pouco mais até que se tornasse

na imagem simples, límpida da casa
que habitaremos ambos sem saber
se estamos nela ou não»

O exterior da casa encontra-se, até hoje, inacabado, porque esta sempre foi uma casa que se foi fazendo ao longo do tempo e da vontade – “O que está inacabado não porque está por fazer, mas porque pode ir fazendo-se”¹⁰. Os espaços exteriores são desenhados entre diferentes cotas que conseguem dialogar entre si numa relação constante com a rua e com um manto rochoso que percorre o terreno da casa “entendida e vivida como um espaço de partilha tranquila mas intransigente, entre quem habita e a paisagem que é habitada”¹¹

Habitar no exterior tornou-se parte do dia-à-dia, principalmente durante o Verão, onde o coração da casa encontra-se na sala de estar exterior. Esta sala tem lugar por cima da garagem, como momento de receção após a subida das escadas que antecede o acesso ao interior. É a área mais característica da casa pela vista aberta sobre toda a envolvente e este sentido de abertura prolonga-se para a zona da varanda expandindo ainda mais a visão. Por ser um espaço coberto consegue ser um refúgio do sol que aquece no Verão os 40 graus, e abriga na sombra das cestas da tarde, das conversas da noite ou no silêncio da paisagem.

⁸ Título motivado por texto *La habitación exterior* de Xavier Monteys e Pere Fuertes publicado no livro *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*

⁹ GUIMARÃES, Fernando, *Esfera* in *Paixão e Geometria*, 2008

¹⁰ SANTACANA, Amadeu, *Soriano-Palacios. Es pequeño, llueve dentro y hay bormigas*, Barcelona: Actar, 2000, p. 239, original: “El que está inacabado no porque esté sin hacer sino porque se puede seguir haciendo”

¹¹ BANDEIRA, Pedro, TAVARES, André in *Só nós e santa tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez*, Porto: Dafne, 2008, p. 9



17|



18|



19|



20|



21|



22|

Este espaço, além da ligação com as entradas para o interior da habitação, comunica também com uma área descoberta, de cota superior, onde se abre a janela da cozinha. Este espaço foi recentemente intervencionado, porém inacabado, tornando-se coberto na parte encostada ao limite da propriedade e fechado para a rua com a colocação de uma janela. Aqui acabou por se estabelecer o abrigo para o nosso animal de estimação, como uma casa dentro da casa. Futuramente, a intenção seria de tornar o espaço, agora coberto, numa churrasqueira e zona de refeição exterior pela proximidade que tem com a cozinha da casa.

O manto de rocha percorre a fachada a norte da casa, afetando alguns dos espaços interiores, nomeadamente um dos quartos e casa de banho de serviço, que apesar das suas aberturas, ficam impedidos de receber luz natural. A casa encontra-se praticamente encostada a esta rocha, deixando apenas uma passagem de 30/40 centímetros, atualmente utilizada pelo cão nas suas voltas à casa, e permite fazer a ligação entre o espaço exterior adjacente à cozinha e um pequeno jardim a oeste para onde está voltado o último quarto e a casa de banho principal.

Este mesmo jardim, encontra-se numa zona mais reservada, apenas utilizada pelos habitantes da casa, e foi também recentemente modificado. Atualmente é dividido em duas cotas onde se distribuem diferentes árvores de fruto. A cota mais alta relaciona-se com o quarto e a rocha, e numa cota intermédia - contida entre um muro de tijolo e um muro vegetal que nos esconde da rua - um espaço com chuveiro para as alturas de mais calor e uma pequena horta. Estas áreas são acessíveis através de uma escada a partir do jardim de entrada, que mantém um maior contacto com a rua e com a casa e separa as duas escadas através de um passeio paralelo à fachada. Este primeiro jardim, à cota mais baixa, é dividido pela rampa de acesso, em dois momentos - o primeiro, trata-se de uma área verde que mantém maior relação com a fachada da casa; o segundo momento trata-se de um espaço pouco cuidado devido ao seu uso como prolongamento da garagem, uma área descoberta necessária para estacionar os carros.

- 17| Maio de 2019
afloreamento rochoso
passagem atrás da casa
- 18|
- 19| Maio de 2019
jardins dividido
por duas cotas
- 20| Maio de 2019
fachada e jardim
voltada para a rua
- 21| Maio de 2019
Vista para recente intervenção
de área exterior coberta
- 22| Maio de 2019
Vista a partir da
varanda

Os espaços exteriores descritos criam uma ambiência em torno da casa, aspeto este o mais valorizado no seu habitar, dinamizando o seu desenho pelas suas diferentes cotas e funções que cada área foi assumindo ao longo do tempo. No entanto, a rocha como pano de fundo da casa sempre consistiu num obstáculo ao aproveitamento do espaço exterior, bem como o interior afetado pela falta de luminosidade, tendo sido parte dela removida na recente intervenção junto da cozinha.

A relação com o exterior e envolvente não é só permitida pelos diferentes espaços exteriores, mas também pelas aberturas de cada espaço interior que enquadram uma composição verde delimitada pelo céu e onde se pode observar as várias casas que nos rodeiam, quase como uma *janela indiscreta*¹², numa relação, não com o interior das outras casas, mas com os movimento das pessoas no seu exterior. A janela constitui assim um elemento fundamental na casa que separa o dentro e fora, “*o ato de olhar para fora da janela de casa para o quintal ou o jardim é uma experiência essencial e poética do lar. É possível sentir uma forte sensação de lar quando se olha para fora a partir do espaço fechado privativo*”¹³

¹² A *Janela Indiscreta*, filme de Alfred Hitchcock de 1955 em que um fotógrafo, a partir de sua casa, observa a vida dos vizinhos.

¹³ **PALLASMAA, Juhani**, *Habitar*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2017, p.33



23| Janela do quarto adjacente à sala de estar



24 |

25 | férias, agosto de 1999
sala exterior
(rever imagens 15 e 16
que reproduzem as
mudanças do espaço)

a casa de férias

“Local de evasão em que se pode ser outro, aquele que se deseja ser, a segunda casa surge mitificada como espaço predisposto à felicidade”¹⁴

A condição de casa de férias transformava a visão que hoje se tem de cada espaço. Durante as férias vivemos no provisório, mas para mim, viver no provisório era o tempo que vivíamos no entre casas – desde o momento de saída ao momento de chegada a esta casa. Aqui tinha o meu quarto, o sentimento de pertencer àquele espaço - o habitar estável.

Em criança, quando se observa sem pensar na arquitetura, os espaços da casa pareciam enormes, por dentro e por fora. No interior haviam poucos objetos e poucos móveis, os quartos tinham mobília antiga de madeira, as gavetas eram difíceis de abrir e de fechar e o chão em madeira escura brilhante, como nunca tinha visto, era único e convidava a andar descalço. A cozinha era o espaço mais completo, o único que ainda hoje se mantém igual, exceto o pavimento, que passou de branco a castanho, mas o relógio no meio da parede ainda permanece a condizer com a loiça pousada nos balcões de mármore e armários em madeira. A sala de estar e de jantar foram os últimos espaços a serem preenchidos, e por isso aparentavam um certo requinte, quase intocável pela fragilidade transmitida pelo vidro dos móveis. A casa de banho, em tons de azul do mar, tinha a banheira que brilhava de tão nova, e o espelho, além de grande, tinha luzes.

O piso térreo era um espaço amplo, completamente vazio e o mais fresco da casa, usado por mim e pelos meus primos onde nos abrigávamos nas horas de mais calor, aqui aprendi a andar de bicicleta e rapidamente os percursos circulares que se faziam dentro destas quatro paredes, transformaram-se em longos trajetos de descoberta pelas estradas do lugar.

¹⁴ OLIVEIRA, Maria Manuel, Linha de Sombra in *Só nós e santa tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez*, Porto : Dafne, 2008, p. 30



26| Férias, agosto de 1999
casa de banho principal

27| Férias, agosto de 2001
rampa de entrada na casa

28| Férias, agosto de 2002
piso térreo

29|

30| Férias, agosto de 2002
sala exterior

Habitados a viver na cidade dentro de casa, éramos convidados aqui a viver no campo fora de casa, onde os dias pareciam maiores, a luz era mais intensa e o ar mais quente e seco. O jardim não era cuidado, mas existia, e isso era o suficiente para dar asas à imaginação. Durante muito tempo não havia portão de entrada, facilitando essa mesma entrada e saída como se a rampa de acesso se fundisse com a rua pelo seu asfalto. As escadas eram sempre percorridas a correr numa agitação de chegar ou de sair e a sala de estar exterior que nos recebia caracterizava-se pela sua ambiência, as cores dos azulejos, a frescura do mármore pousado na guarda baixa que convidava a sentar, a textura do pavimento, a configuração do espaço e da cobertura inclinada que fazia variar o pé direito. A ligação com a varanda prolongava ainda mais a vista para a envolvente e o sentimento de liberdade e de privilégio que este espaço de descanso transmitia.

O espaço exterior a oeste da casa, resguardado de olhares alheios e exposto ao sol, era utilizado para estender a roupa. Esta área transmitia um certo medo pela aparência de abandono, devido à rocha que ladeia a casa e o declive acentuado de terra que ocupava uma porção inutilizada desta área inacabada. Contudo não era impedimento para visitar durante o dia - nunca pela noite - e fazer a passagem, quando ainda cabia nela, entre a rocha e a casa.

O lugar e a casa transformavam-me numa pessoa diferente daquela que era na cidade durante o resto do ano e nada era rejeitado do que este lugar tinha para dar, onde o normal - para o mal da minha mãe - era ter os pés sujos, os joelhos esfolados, a cara transpirada e o coração cheio. No final do dia, era atirada para um banho profundo, na grande banheira branca, seguido de uma refeição na cozinha de porta aberta a aproveitar todo o ar fresco de início da noite que se findava com um serão na sala exterior. Estas descrições de um habitar, que só aqui era possível, não são mais do que memórias sobre viver o espaço da casa durante um período tão efêmero como a infância, num ciclo que se repetia todos os anos até ao momento de mudança definitiva para a casa.



31 | Abril de 2019
hall de entrada
corredor

32 | Abril de 2019
hall de entrada
sala de estar

33 | Abril de 2019
piso térreo

ao presente

“O lar não é um simples objeto ou um edifício, mas uma condição complexa e difusa, que integra memórias e imagens, desejos e medos, o passado e o presente. Um lar também é um conjunto de rituais, ritmos pessoais e rotinas do dia a dia. Não pode se constituir em um instante, pois possui uma dimensão temporal e uma continuidade, sendo um produto gradual da adaptação da família e do indivíduo ao mundo.”¹⁵

A casa de férias transformou-se em casa de todos os tempos e viver neste lugar permanentemente trouxe mais dissabores do que aqueles que se esperava. Adicionar a rotina a este lugar e a esta casa tornou-se numa tarefa mais complicada do que se poderia imaginar dado as memórias que tinha criado.

Os objetos começaram a tomar conta dos espaços e a cozinha foi invadida pela tecnologia que acompanha os aperfeiçoamentos culinários da minha mãe. A mesa para as refeições tornou-se pequena e o facto de ser em mármore já não agradava, trocou-se para uma de madeira maior. Mudaram-se cortinados e tapetes, a mesa de jantar começou a ser usada para trabalho e o sofá na sala de estar parecia ser pequeno demais, acrescentando-se outro, ao mesmo tempo que se retiravam outras coisas para compensar a falta de espaço. A área do quarto já não era suficiente, as gavetas eram cada vez mais difíceis de abrir e de fechar e a cama demasiado pequena, acabando-se por trocar tudo. O piso térreo tornou-se ideal para a arrumação de tudo o que já não era utilizado, e o espaço de lavandaria que se localizava na casa de banho de serviço, dada a dimensão reduzida, também se deslocou para o piso térreo.

¹⁵ PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2017, pag.18



34| Abril de 2019
cozinha

35| Abril de 2019
sala de estar



36| Julho de 2019
vista da janela do quarto
voltado para a rocha



37| Julho de 2019
vista da janela do quarto
voltado para jardim/rocha

O contacto com as restantes estações do ano, para além do verão já conhecido, trouxe um grande contraste ao dia-a-dia. O inverno não convidava a sair à porta, o que nos fez agarrar aos espaços interiores e a usufruí-los de uma forma que o verão nunca convidou. Descobrimos que a casa é muito fria e finalmente soubemos o que era receber o calor da lareira a arder, no único espaço que se tornava quente durante o inverno – a sala de estar.

Viver neste lugar, longe do centro e da escola, implicava acordar demasiado cedo, ver o dia nascer e começar a fazer viagens de autocarro que nos levavam e traziam ao final do dia, entre curva e contracurva. As férias que tanto desejava passar nesta casa, já não tinham o mesmo sabor. Os espaços estavam diferentes porque já os conhecia demasiado bem e tudo parecia muito monótono e aborrecido pelo silêncio ensurdecedor no exterior. Os jardins começaram a ser arranjados, os vasos e as flores já faziam parte do panorama exterior da casa e algumas obras foram iniciadas com o intuito de melhorar o aspeto inacabado da casa, porque agora já não havia tempo provisório. A sala de estar exterior continuou a ser a favorita, principalmente na Primavera e no Verão, com a mesma utilização que tinha nas férias - um espaço de conversas depois das refeições, de sesta e contemplação, mas agora com uma visão diferente sobre a envolvente, porque já nada é novo e sabemos a quem pertence cada casa que se avista, cada carro estacionado.

Com estas duas perceções sobre a casa compreende-se duas formas de apropriação distintas pela forma de habitar e pela leitura que cada uma teve em fases de crescimento diferentes. A atmosfera dos espaços modificou-se na transição entre estas duas fases e com a deslocação para a cidade do Porto criei uma distância com a casa através de visitas apenas aos fins de semana, voltando à sensação de férias num habitar estável que aqui sempre encontrei e que agora contrasta com a vida agitada durante a semana.

Assim, propõe-se agora uma terceira fase em que os espaços domésticos têm uma leitura voltada para a arquitetura e reúnem condições para as várias apropriações e circunstâncias que a casa pode adaptar, mantendo o lugar e determinados espaços que remetem à memória

do habitar flexível que esta casa abrigou. Pretende-se redesenhar este projeto a partir de um conceito que deriva da ocupação dos habitantes na casa, numa relação permanente com espaço exterior, diversificando as atmosferas dos espaços que buscam pela intimidade. Neste sentido, este desenho implicou uma viagem por algumas obras que incentivaram o projeto e que auxiliaram na compreensão de temas de arquitetura que exploram também a relação entre o espaço doméstico e o lugar.

*Primeiro abre-se a porta
por dentro sobre a tela imatura onde previamente
se escreveram palavras antigas: o cão, o jardim impresente,
a mãe para sempre morta.*

*Anoitecen, apagamos a luz e, depois,
como uma foto que se guarda na carteira,
iluminam-se no quintal as flores da macieira
e, no papel da parede, agitam-se as recordações.*

*Protege-te delas, das recordações,
dos seus ócios, das suas conspirações;
usa cores morosas, tons mais-que-perfeitos:
o rosa para as lágrimas, o azul para os sonhos desfeitos.*

*Uma casa é as ruínas de uma casa,
Uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra;
Desenha-a como quem embala um remorso,
Com algum grau de abstracção e sem um plano rigoroso.¹⁶*

¹⁶ PINA, Manuel António, *Como se Desenha uma Casa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011, p.9



38|

39| Agosto de 2019

reprodução de fotos
antigas referentes às
imagens 13 e 14
na p. 32 e 33

40| Agosto de 2019
área exterior das escadas
de acesso ao segundo
pisso, com vista para o
jardim de entrada,
recentemente modificado
para pedra



41| Agosto de 2019
área exterior com vista para
sala de estar exterior
janela da cozinha



“A casa, como as pessoas, como todos os organismos vivos, tem um corpo interno e externo que coexiste em unísono. (...) A arquitetura doméstica tem procurado exemplos únicos, campos inéditos de experimentação, como manifestos de novas teorias construtivas, novas ideias em psicologia, novos critérios sociológicos. (...) todas as casas são, pelo menos no início, as casas do arquiteto. Mas o que acontece quando o arquiteto se torna um habitante? Quando experimenta? Onde vive o arquiteto? A casa do arquiteto tenta conhecer o lugar que o arquiteto desenhou para viver.”¹⁷

¹⁷ **ZABALBEASCOA, Anaxu**, *La casa del arquitecto*, 4ª edição Barcelona: Gustavo Gili, 2000, p. 6 original: “La casa, como las personas, como todos los organismos vivos, tiene un cuerpo interior y otro exterior que conviven al unísono. (...) La arquitectura doméstica ha procurado ejemplares únicos, inéditos campos de experimentación, casi manifestos de nuevas teorías constructivas, de nuevas ideas en psicología, de nuevos criterios sociológicos. (...) todas las casas son, por lo menos al principio, las casas del arquitecto. Pero, qué ocurre cuándo el arquitecto se convierte en habitante? Cuándo juega? Cuándo experimenta? Dónde vive el arquitecto? La casa del arquitecto trata de conocer el hogar que el arquitecto ha diseñado para vivir en él.”

II. problema(s)

quatro referências

O século XX oferece-nos um conjunto de heranças relativamente à problemática da casa que deixou de ser uma *máquina de habitar*¹⁸, onde o Homem reinterpreta o espaço doméstico a partir de uma apropriação dos espaços associada às necessidades do habitante, estabelecendo um diálogo particular com a natureza. Como forma de incorporá-la, surge o pátio ou jardim - interior ou aquele que cerca a casa - com o objetivo de estimular o prazer de habitar.

Neste sentido, a Casa Alves Costa de Álvaro Siza Vieira, a Vill'Alcina de Sergio Fernandez, a Casa das Marinhas de Viana de Lima e a Villa Le Lac de Le Corbusier são casos de estudo que se identificam com esta linha de pensamento reunindo características essenciais para o (re)desenho da casa como a distribuição entre espaços e a busca pela privacidade e intimidade com recurso a opções de desenho que influenciam a relação interior/exterior, tema este também explorado e relevante para o estudo da casa. Estas obras não foram escolhidas como exemplos únicos para o projeto, mas serviram como ponto de partida para o estudo, tornando-se importante o seu destaque.

A partir da *promenade architecturale*, as casas aprofundam a relação entre interior/exterior combinada com o aperfeiçoamento formal do espaço central que conduz a ideia de deslocação horizontal e vertical da casa. O motivo de ligação entre espaços reorganiza a arquitetura doméstica da casa, resultando na continuidade espacial submetida à maior relação entre habitante e espaço habitável. Neste sentido, evocamos Le Corbusier como uma grande influência na arquitetura da casa, através da

¹⁸ *Máquina de habitar* é um termo utilizado por Le Corbusier que surge como forma de adaptar e redimensionar os espaços domésticos às necessidades do Homem associadas a uma mudança cultural e social dos hábitos da sociedade. Contudo, este termo é, por vezes, utilizado de forma depreciativa associada a uma arquitetura funcionalista o que não é o caso da obra de Le Corbusier. A arquitetura faz uso do progresso da tecnologia a serviço do espaço doméstico, desenhando a casa de forma a perceber para que serve cada espaço e como poderão estar todos interligados. Os pés direitos muito altos associavam-se às questões técnicas de ventilação do fogo da casa e com a nova tecnologia foi possível redimensionar a altura dos compartimentos, tornando-os mais confortáveis – como é exemplo a *cozinha Frankfurt*. Assim, foi possível redesenhar o espaço doméstico a partir de pressupostos que já não são problemas de *estilo* associados ao belo absoluto, mas sim, a um belo relativo associado a modos de satisfazer as necessidades que o corpo tem para habitar o espaço e desempenhar determinadas funções. De forma a cientificar este redesenho dos espaços domésticos, a arquitetura recorre ao *modulor* como ajuda na métrica e proporção do desenho ligado às medidas do corpo que vem substituir a métrica relacionada com as ordens clássicas.

sua nova visão sobre o programa doméstico e da sua relação com o lugar. É nesta perspectiva que a Casa das Marinhas de Viana de Lima e a Casa de Ofir de Fernando Távora relacionam os princípios do movimento moderno com as tradições do local, resultando a narrativa entre o espaço íntimo do habitante com o exterior e na conjugação entre o novo e o antigo.

A simbiose entre o edifício e o lugar combinado com o programa da casa são temas anunciados posteriormente na Vill'Alcina e na Casa Alves Costa, que procuram o equilíbrio entre a sociedade e novos modos de habitar que se relacionem com os princípios arquitetónicos já introduzidos por Le Corbusier, aplicados e reinterpretados na tradição vernacular por Viana de Lima e Fernando Távora.

A reflexão sobre a *casa* e as formas do *habitar* através destes casos de estudo permitiu pensar os diferentes temas de desenho e opções de projeto, já utilizados, e exteriorizá-los num diálogo com o presente atribuindo o conforto através da atmosfera do espaço. Com o recurso a desenhos e fotografias – e em alguns casos, memórias de visita – foi possível descrever as particularidades de cada caso de estudo, transmitindo aquilo que é importante no que diz respeito ao espaço doméstico da casa que vamos intervir.

Nota: As imagens e desenhos de cada obra ao longo deste capítulo estão referenciadas numa lista no índice de imagens na página 129.



Route de Lavaux

Villa Le Lac

1924

Le Corbusier e Pierre Jeanneret

A Villa Le Lac, de Le Corbusier, é o projeto de um refúgio desenhado para os seus pais.

A envolvente exerce um papel preponderante, não só sendo motivo de abertura de um pano de vidro, como também acompanha a sucessão de espaços como o quarto, a sala e a casa de banho que acompanham a paisagem e possibilitam um circuito em torno da casa.

Em contraponto com a abertura da casa para o rio Lac, a fachada que contém a entrada mantém um diálogo contido com a rua, privilegiando a privacidade da casa.

Os muros exteriores circunscrevem os limites da propriedade sendo motivos de desenho, como a janela que, mais uma vez, enquadra a paisagem, criando um momento de refeição ou contemplação que permite estar fora de casa, sem nos sentirmos totalmente expostos.

Le Corbusier, joga com as funções da casa através da cor ou do mobiliário, de forma a enriquecer a relação com o exterior, e ao mesmo tempo, nos extremos da casa desenha espaços de luminosidade mais contida e cores mais escuras, de forma a dar descanso à vista e luz do exterior.

Projeto

Villa Le Lac

Localização

Route de Lavaux, Lausanne

Cliente

Marie Jeanneret-Perret

Georges Edouard Jeanneret

Arquitetura

Le Corbusier e Pierre Jeanneret

Área total (lote)

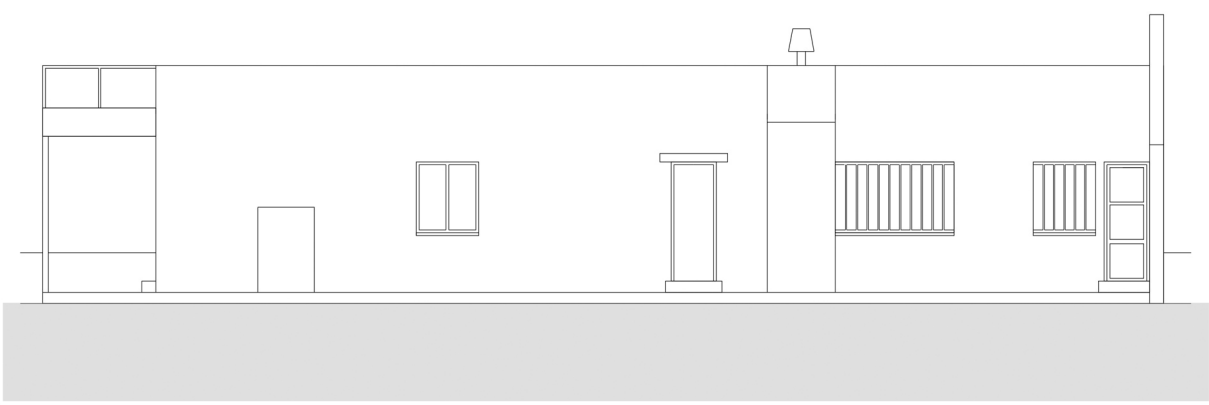
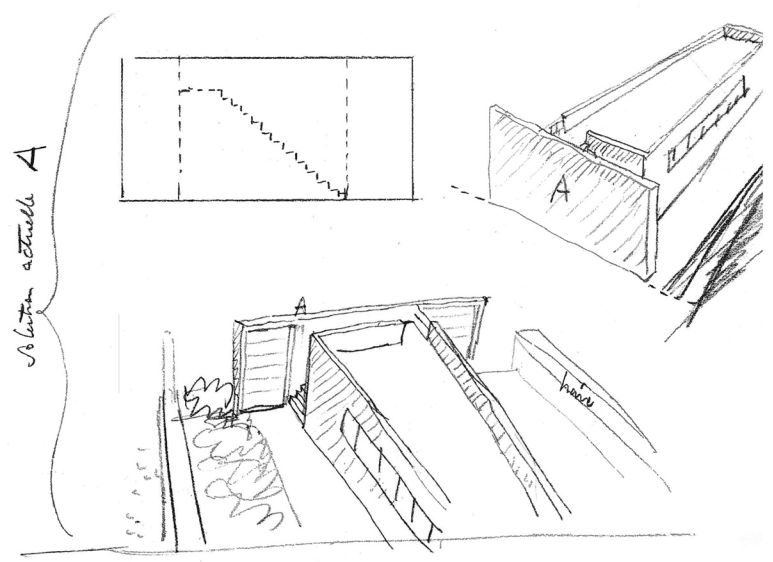
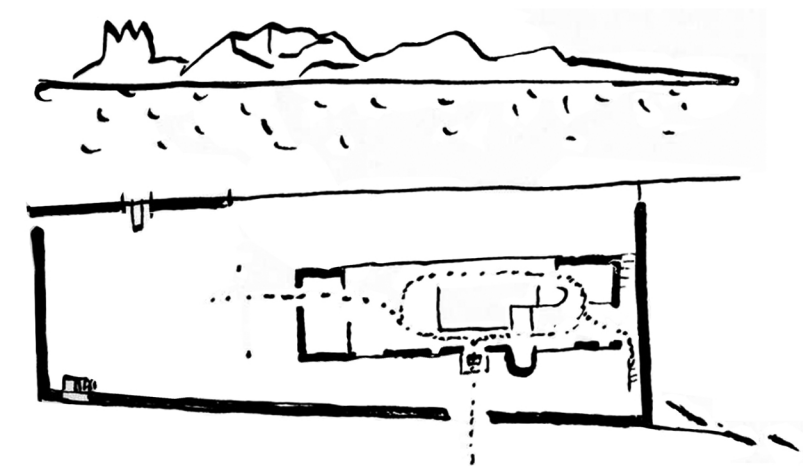
≈250 m²

Casa (área interior)

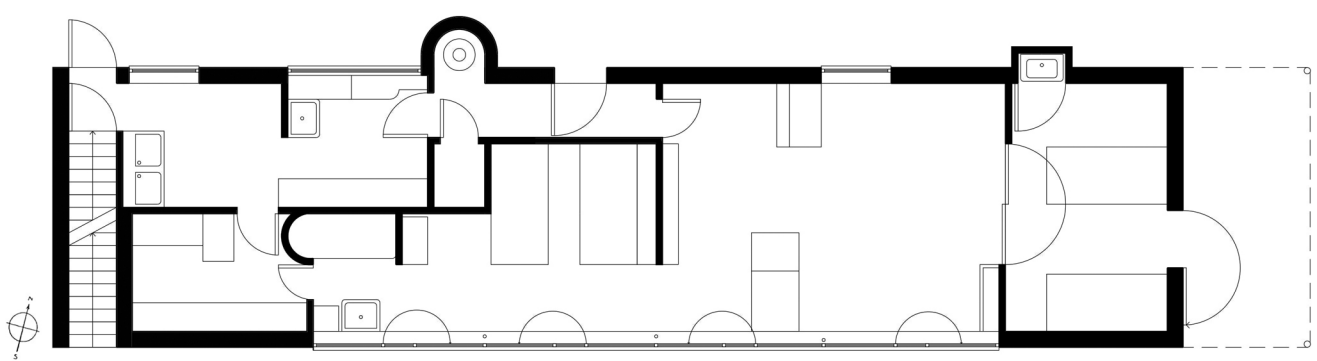
57 m²

“A casa de Vevey é um espelho que reproduz na perfeição, (...) o confronto dos conceitos de tipologia geral da casa e produção em massa, abrigados por Le Corbusier, com a circunstância de um programa pessoal. Durante toda a sua obra criativa, nunca deixou de dissipar a tensão que existia entre a busca de uma arquitetura internacional, moderna e padronizada e a devoção à tradição intemporal do Mediterrâneo. Estes impulsos tão contrapostos foram combinados anteriormente na prototípica Maison Citrohan.”

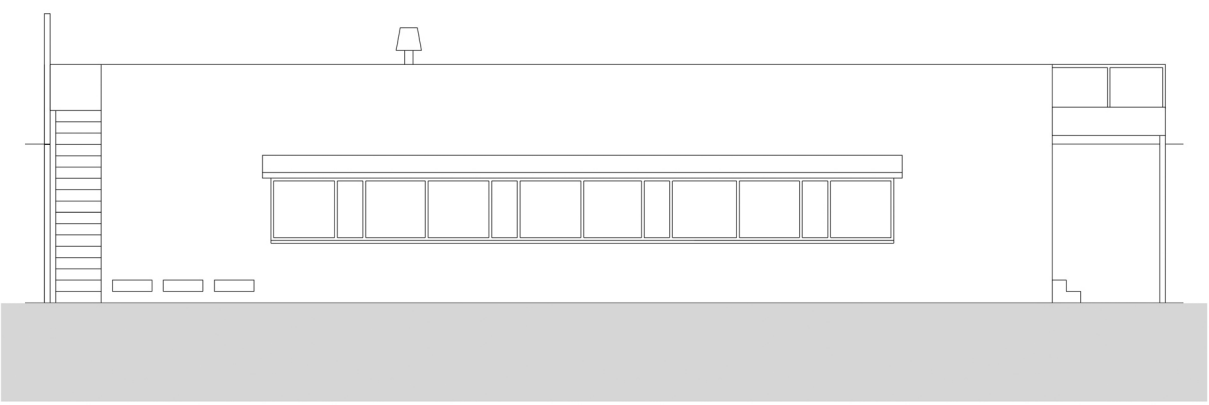
Deborah Gans, *Le Corbusier*



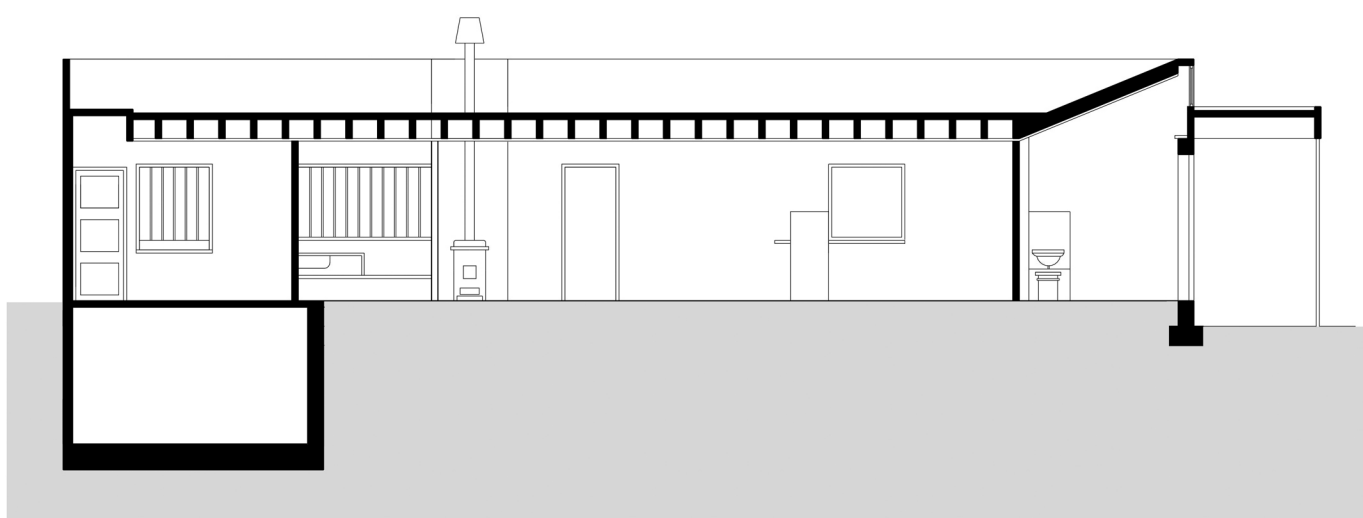
Alçado norte



Planta

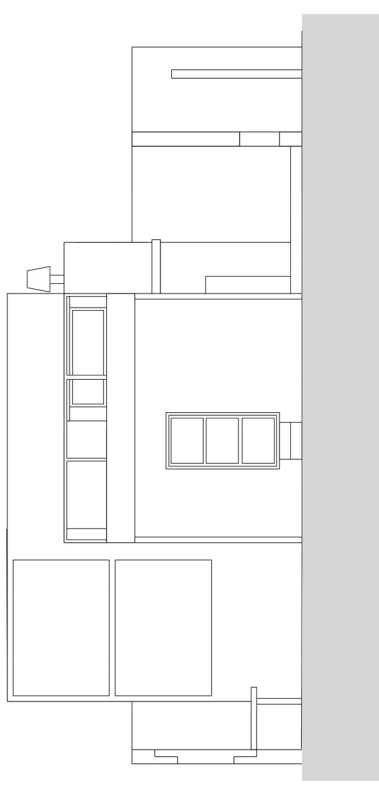


Alçado sul

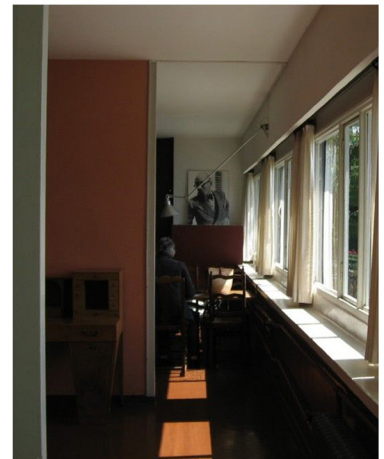


Corte longitudinal

escala 1:50



Alçado nascente





Esposende
Casa das Marinhas
1954-1957
Alfredo Viana de Lima

A Casa das Marinhas é um exemplo da conjugação entre o novo e o antigo, em que o moinho é o elemento preexistente redesenhado como espaço de preparação entre a zona exterior do jardim e do interior da casa. A escada que faz a distribuição entre os dois pisos que compõem a casa adapta-se à forma cilíndrica do moinho, e assim, este elemento agrega dois momentos, o de entrada e o de distribuição para os vários espaços da casa desenhados em torno do pé direito duplo da sala. O volume paralelepípedo associa-se à forma do cilindro e as duas formas estipulam as funções em cada espaço – o cilindro introduz o movimento de entrada e circulação, rematada por um espaço aberto de dormir, e a forma estática constitui um momento de paragem e de ampla relação com o exterior pelo envidraçado desenhado ao longo do pé direito duplo do espaço coletivo que une sala e cozinha.

Em contraponto, a junção das duas formas desenha um movimento horizontal, ao qual o programa acompanha numa relação fechada com a envolvente pelo desenho das janelas altas.

Os vários espaços no segundo piso abrem-se sobre o pé direito duplo da sala, permitindo que o espaço que distribui seja também espaço habitado.

A referência a Le Corbuiser é bastante clara no desenho da casa de Viana de Lima através da planta livre, das aberturas horizontais, a utilização do sistema métrico o *modulor*, a cor e a forma como os espaços são dispostos através do mobiliário, integrando assim os princípios do movimento moderno associados às técnicas e materiais da arquitetura local.

Projeto

Casa das Marinhas

Localização

Esposende, Portugal

Cliente

Alfredo Viana de Lima

Arquitetura

Alfredo Viana de Lima

Área total

≈1060 m²

Casa (área interior)

≈100 m²

*“Observação da moradia como espaço de comunicação:
massa; espaço; superfície*

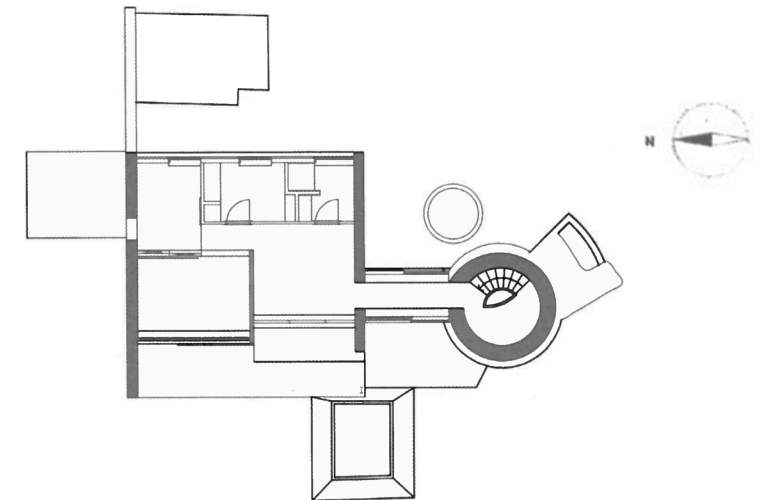
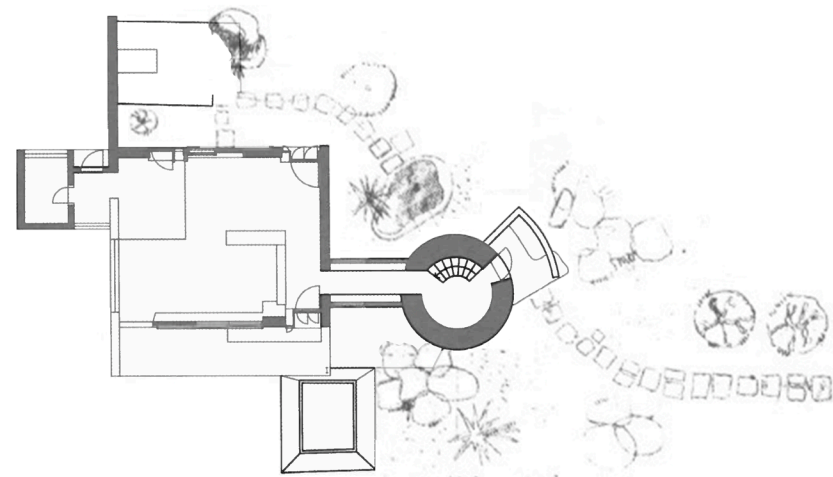
As forças da localização de uma obra são definidas pelos seus limites físicos e mostram-se como um dos mecanismos que actuam no método criativo. A envolvente próxima, as energias ocultas dominantes participam no diálogo entre a forma do objecto e as linhas de força de influência no processo da produção da leitura da imagem da obra. O movimento plano, natural da linha do horizonte, da veiga e a cooperação das forças de mobilidade da via define vectores de energia. A paisagem envolvente influencia o desenho da obra orientando o olhar para o ângulo mais favorável do panorama.

O moinho testemunha a decadência da revolução do milho. O vestígio da arquitectura indígena certifica as afinidades com o meio envolvente, em que a agricultura florescente justificava a presença do objecto no ciclo do pão. A consequência de se entrar, transversalmente a uma cota baixa para o terreno, a delimitação do ângulo de visão das árvores e a vegetação encaixilham a recepção produzindo um efeito de proximidade.

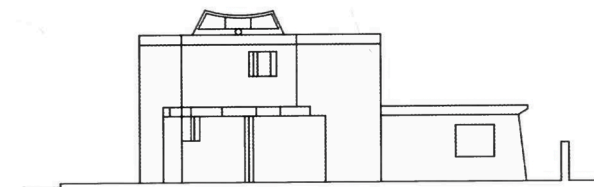
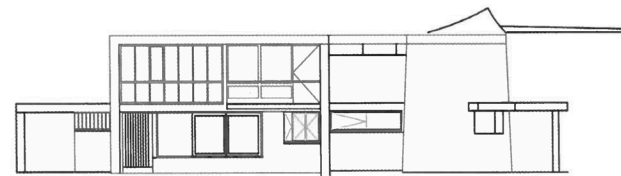
O eixo de referência longitudinal permite ao observador ter conhecimento do todo sobre o objecto. Este destaca-se do fundo preenchido pelo monte a norte. O alvo, o moinho, assume protagonismo por se identificar com a forma pura do cilindro. O contraste da linha curva com a recta afirma-se”

Paulo Guerreiro,

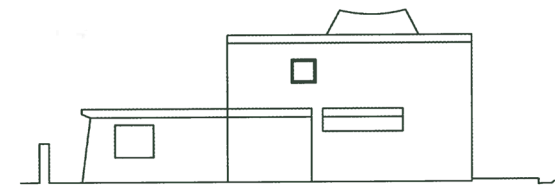
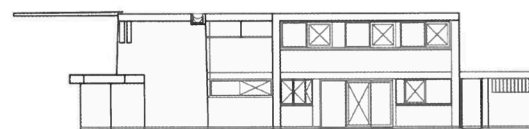
Viana de Lima e a Influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa



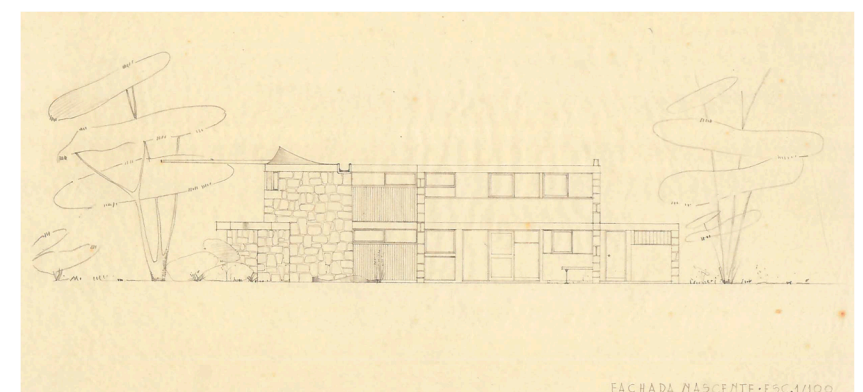
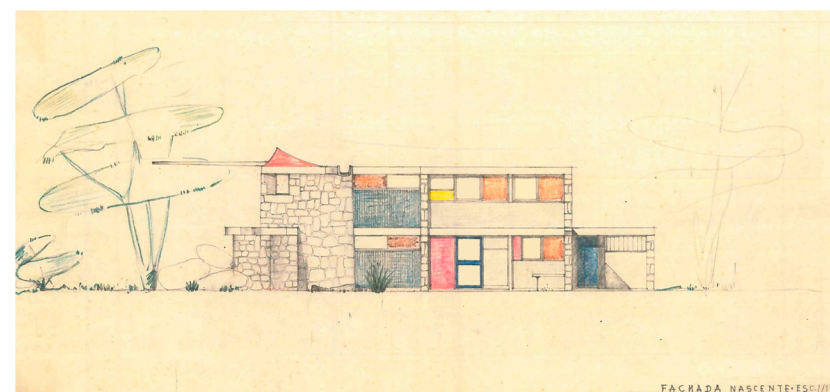
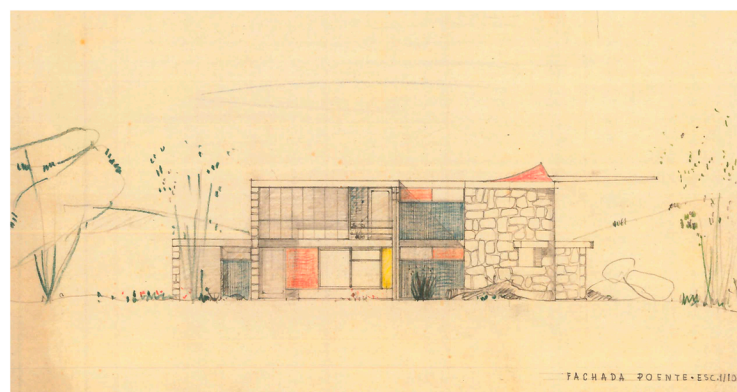
Planta piso térreo e piso 1

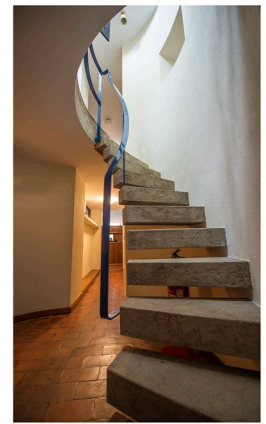


Alçados Sul e Poente



Alçados Norte e Nascente







Moledo do Minho
Casa Alves Costa
1964-1968
Álvaro Siza Vieira

No momento de chegada à Casa Alves Costa, somos acolhidos pelas árvores que rodeiam a casa e a marcação de uma plataforma, que se transforma em degraus, indica a porta de entrada lateral que se esconde da rua.

O espaço central - a sala – é dividido em dois momentos através da rotação em L da casa, uma zona de refeições e uma zona de estar. Este espaço é invadido pela luz do jardim, onde são voltados quase todos os espaços da habitação na intenção de os prolongar do interior para o exterior.

O desenho das janelas determina a altura do pé direito da zona mais baixa da sala criando uma área mais reservada e acolhedora da área de estar. Neste núcleo da casa faz-se a distribuição para os dois eixos em que a habitação se organiza, de um lado serviços, que se abrem para a zona de entrada, e do outro, zona de dormir voltada para o jardim.

A casa estende-se na horizontalidade seguindo a topografia do terreno através de muros de pedra rebocados que vão criando plataformas, de forma a domesticar o exterior que está circunscrito aos limites desenhados do lote com a intenção de afastar o habitar da casa do olhar do mar.

Projeto

Casa Alves Costa

Localização

Moledo do Minho, Portugal

Cliente

Henrique Fernando Alves Costa

Arquitetura

Álvaro Siza Vieira

Área total (lote)

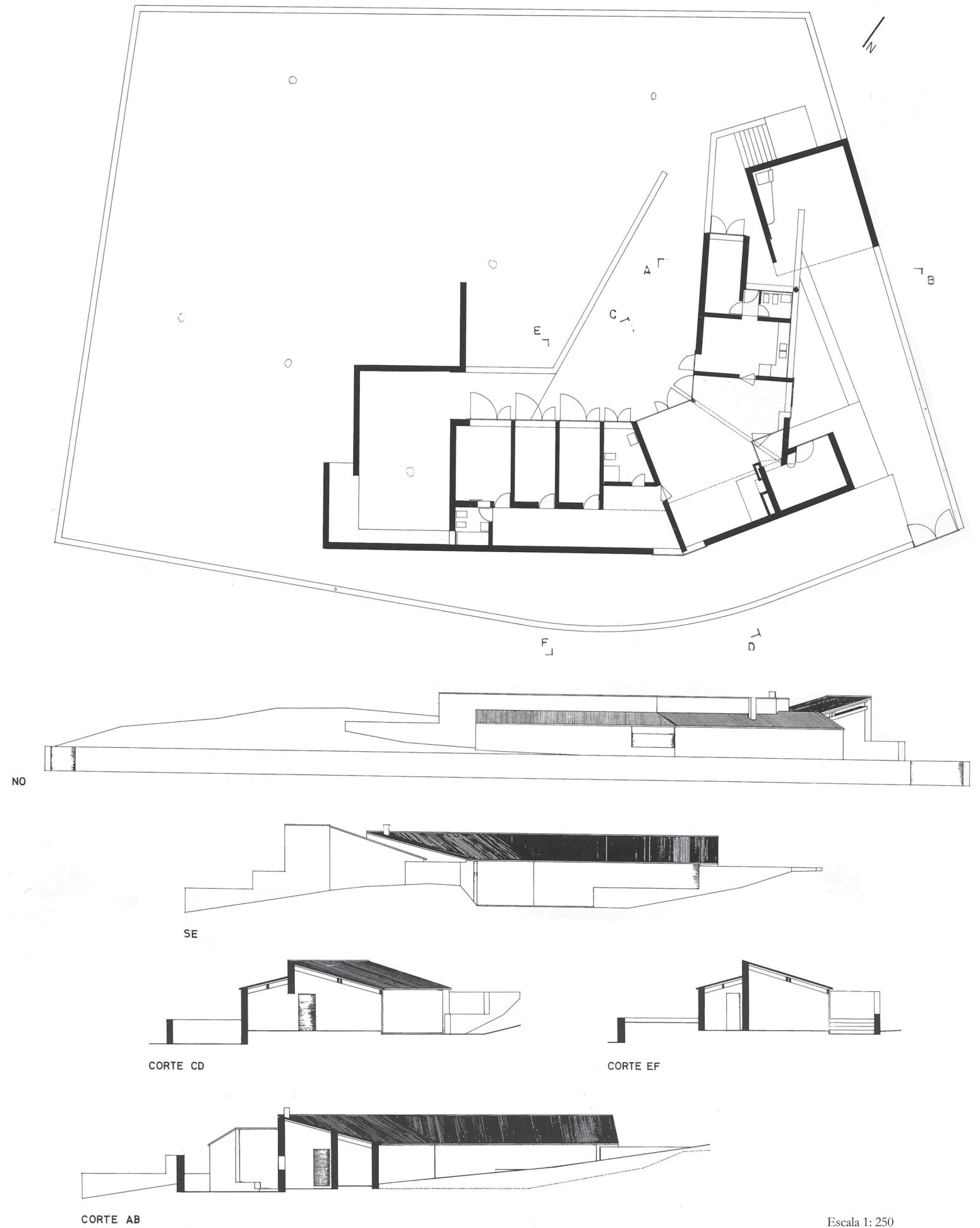
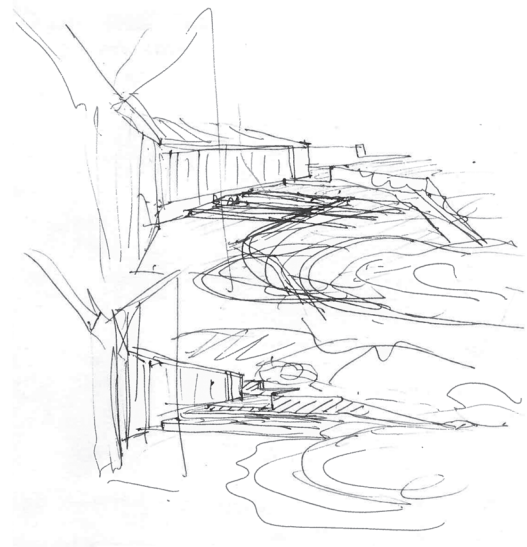
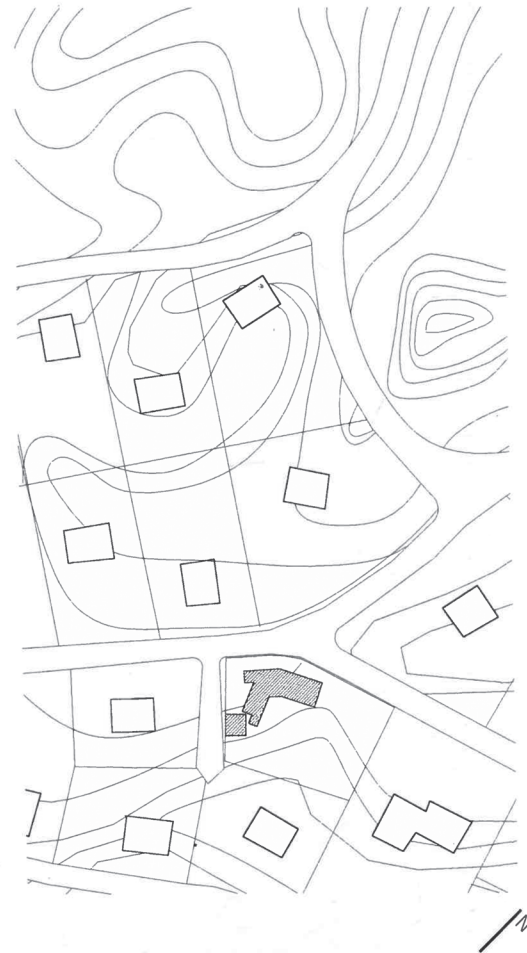
1310 m²

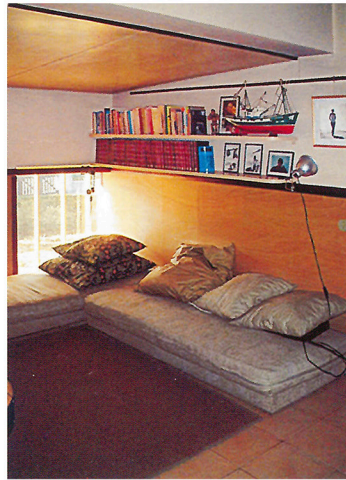
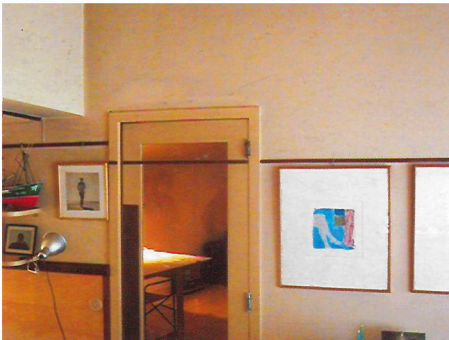
Casa (interior)

177 m²

«Con mis padres tenía una relación maravillosa. Siza pasaba allí algunos días de vacaciones y entablaba con los clientes una relación de cierta intimidad. Mi padre decía que todos los que quierem hacerse una casa en la playa quieren ver el mar, es normal. Pero Siza explicaba que también era horrible ver el mar todo el día, mañana y tarde: quería crear un mundo distinto. Ahora nosotros decimos «por suerte decidimos quitar la vista»... y al final no hay nada sorprendente: la casa es interior porque representa un mundo aparte, efectivamente es una casa privada y funciona muy bien. En aquel período, Siza buscaba una especie de protección del mundo exterior, una intimidad precisamente muy doméstica, privada. Pero en mi casa, sin embargo, todo es un poco distinto. Se debe tener en cuenta que mis padres eran personas muy abiertas, a las que les gustaba tener siempre gente en casa, la puerta nunca estaba cerrada, se entraba y se salía; por tanto, era preciso conciliar este aspecto de comunidad ampliada, y en casa cada uno podía encontrar su propio espacio. La complejidad de la sala es sorprendente. Es un espacio más bien abierto, se ve todo, pero también hay varios rioncones aislados, más recogidos. La casa posee cierto doble significado: por un lado presenta un aspecto laberíntico, cerrado, y, a la vez, la sientes como una casa de vacaciones, una casa para mucha gente. Efectivamente, es una casa que hay que verla llena, con mucha gente. Es una experiencia. Parece increíble que pueda haber treinta personas y que todas tengan un espacio cómodo. Este punto de compromiso, entre abierto e íntimo, le gustaba mucho a mi padre.»

Excerto de uma conversa com **Alexandre Alves Costa** em
Álvaro Siza: Casas 1974-2004







Caminha
Vill'Alcina
1971-1974
Sergio Fernandez

A Vill'Alcina destaca-se pela sua forma de habitar informal e de vivência efêmera num lugar rodeado de vegetação que se tornou no motivo de desenho da casa.

A entrada faz-se a partir da cota mais alta, através de um telheiro que é o elemento comum e central entre as duas casas projetadas.

As casas desenvolvem-se num movimento horizontal a uma cota inferior à rua tornando-se quase invisível, numa simbiose com o terreno. Esta intenção adveio de um desejo de uma intervenção mínima no monte que caracteriza o lugar de acentuado declive e que posteriormente originou a inclinação da cobertura.

Esta casa reúne espaços como a sala e a cozinha onde o banco que nos sentamos à mesa se transforma em balcão de separação para a sala que se encontra a uma cota inferior. Os quartos caracterizam-se por pequenas alcovas, abertas para uma galeria envidraçada que privilegia a relação interior e exterior, contribuindo para a partilha entre os espaços e um maior contato entre as pessoas. O único quarto, posteriormente, fechado por uma porta que encerra a galeria possibilita uma maior privacidade para uma permanência mais longa na casa.

O mobiliário, quando existe, é pontual e caracterizador do espaço e consegue uma articulação entre o moderno e o tradicional no contexto da arquitetura doméstica.

Projeto

Vill'Alcina

Localização

Caminha, Portugal

Cliente

Sergio Fernandez

Arquitetura

Sergio Fernandez

Casa (área interior de 1 casa)

≈20 m²

“Casa de férias, Casa para viver

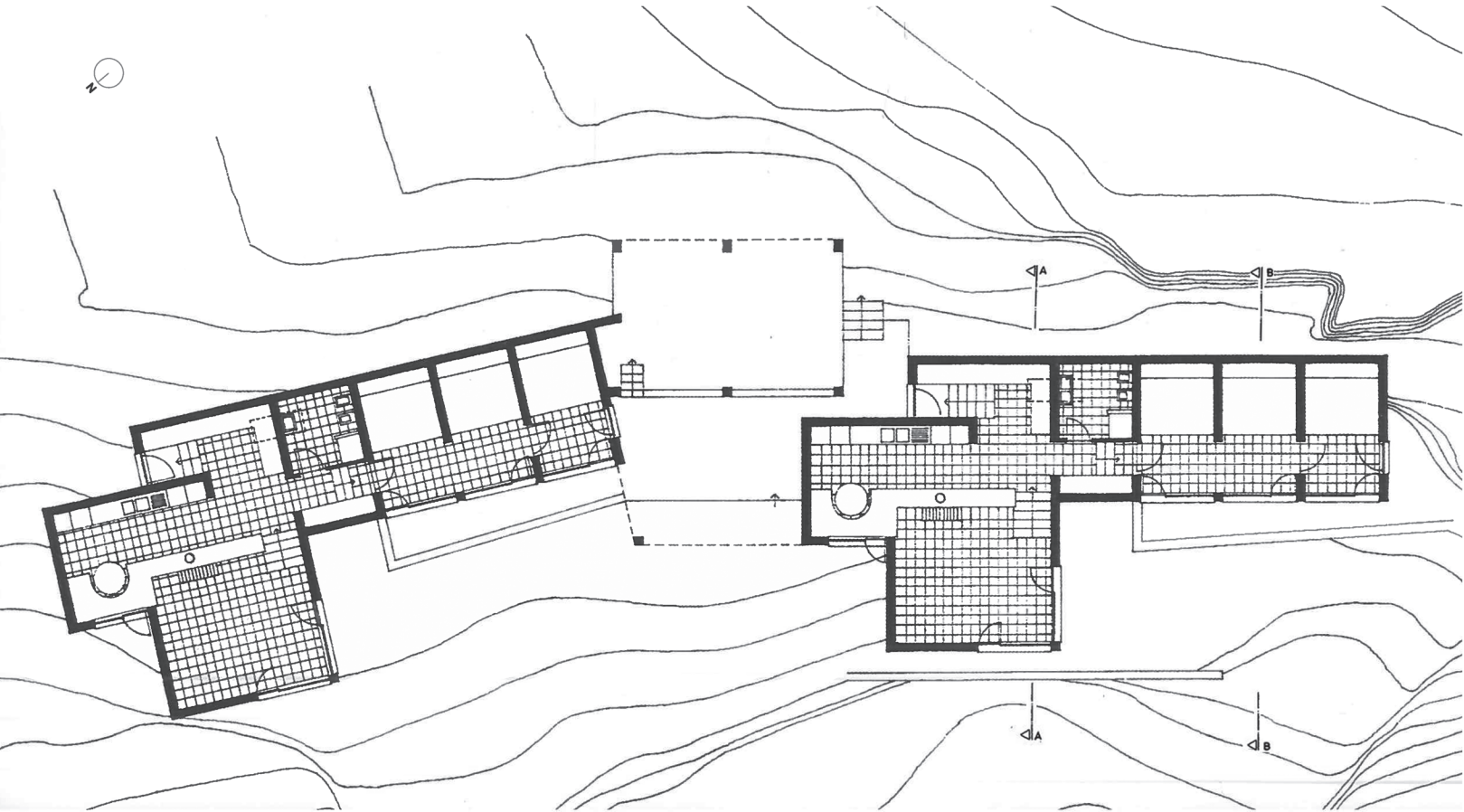
De uma maneira discreta e a quem estiver disponível para as reconhecer, esta casa sugere formas de uso pouco convencionais. A especificação funcional existe e é aparente, mas o próprio espaço induz outro tipo de colonização. Será esta insinuação de liberdade, uma certa leveza no estar, que distingue uma casa de férias de uma habitação permanente? (...)

Liberta de obsessões e de gestos supérfluos, a casa reduz-se ao necessário, não sendo no entanto ascética - pelo contrário, a sua atmosfera de simplicidade é sedutora, apetecível; um suave hedonismo se desprende dela, apelando ao prazer de a habitar. Esta aparente naturalidade do espaço - que resulta, na verdade, de uma sofisticação da interpretação da vida doméstica - demonstra-se tanto capaz de acolher um quotidiano sereno como de ampliar momentos de forte dramatização; convida ao devaneio e permite o estudo concentrado, sugere a mais exuberante convivialidade mas também se constitui como espaço adequado ao isolamento e à introspecção.

Ordem espacial aberta, a sua indeterminação permite-lhe ser reconhecida e apropriada por protagonistas distintos, sob diversos momentos e circunstâncias. A casa não é nunca neutra, é sim um corpo de densidade máxima, suscitando sempre, mesmo nas alturas em que se recolhe na maior discrição, a experiência intensificada do espaço.

Casa para viver, muito para além da sua condição de casa de férias, víamos (vivíamos) esta casa como um manifesto face aos conflitos existenciais e ideológicos da época, em que novas práticas familiares procuravam encontrar a sua especialidade; ela testemunhava que a coabitação doméstica que então idealizávamos tinha um suporte espacial não só possível, como sólido, confortável e belo.”

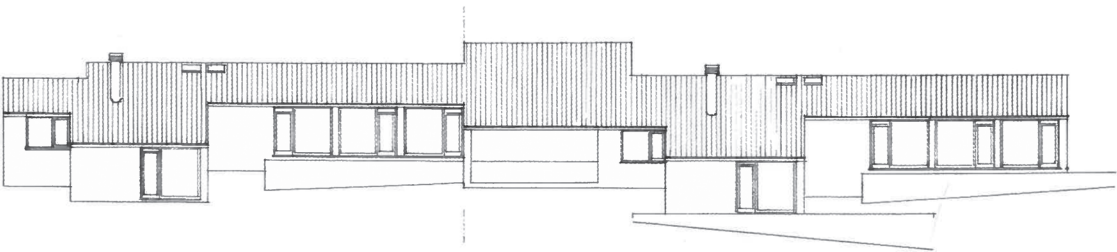
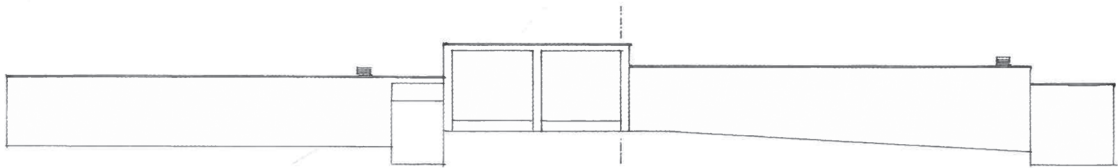
Excerto de um texto de **Maria Manuel Oliveira**
em *Só nós e Santa Tecla*



Planta

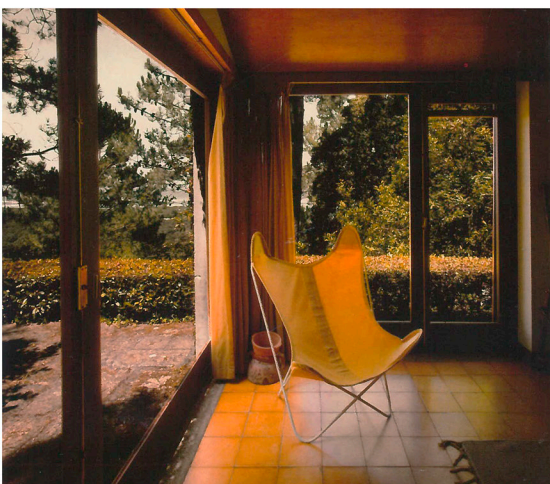
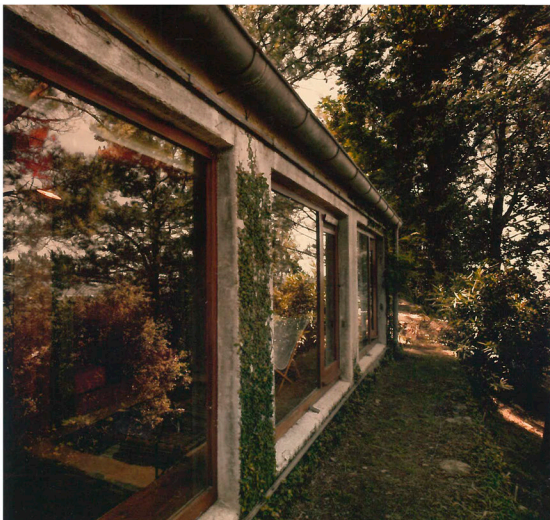
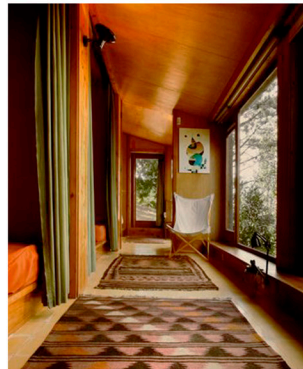
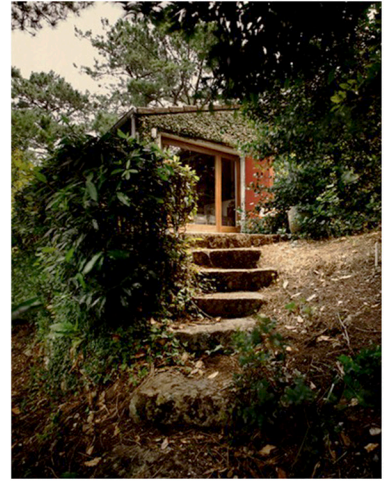


Cortes transversais A e B



Alçados

escala 1: 200



“As raízes do nosso entendimento arquitectónico encontram-se nas nossas primeiras vivências: o nosso quarto, a nossa casa, a nossa rua, a nossa aldeia, a nossa cidade, a nossa paisagem - cedo as experimentamos de forma inconsciente, e mais tarde as comparamos com as paisagens, cidades e casas que se vieram juntar. As raízes do nosso entendimento arquitectónico encontram-se na nossa infância, na nossa juventude: encontram-se na nossa biografia. Os estudantes devem aprender a trabalhar de forma consciente as suas experiências pessoais como base dos seus projectos. A tarefa de projectar pretende desencadear este processo”¹⁹

¹⁹ ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitetura*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, p.65

III. (re)desenho

memória, intervenção, tempo

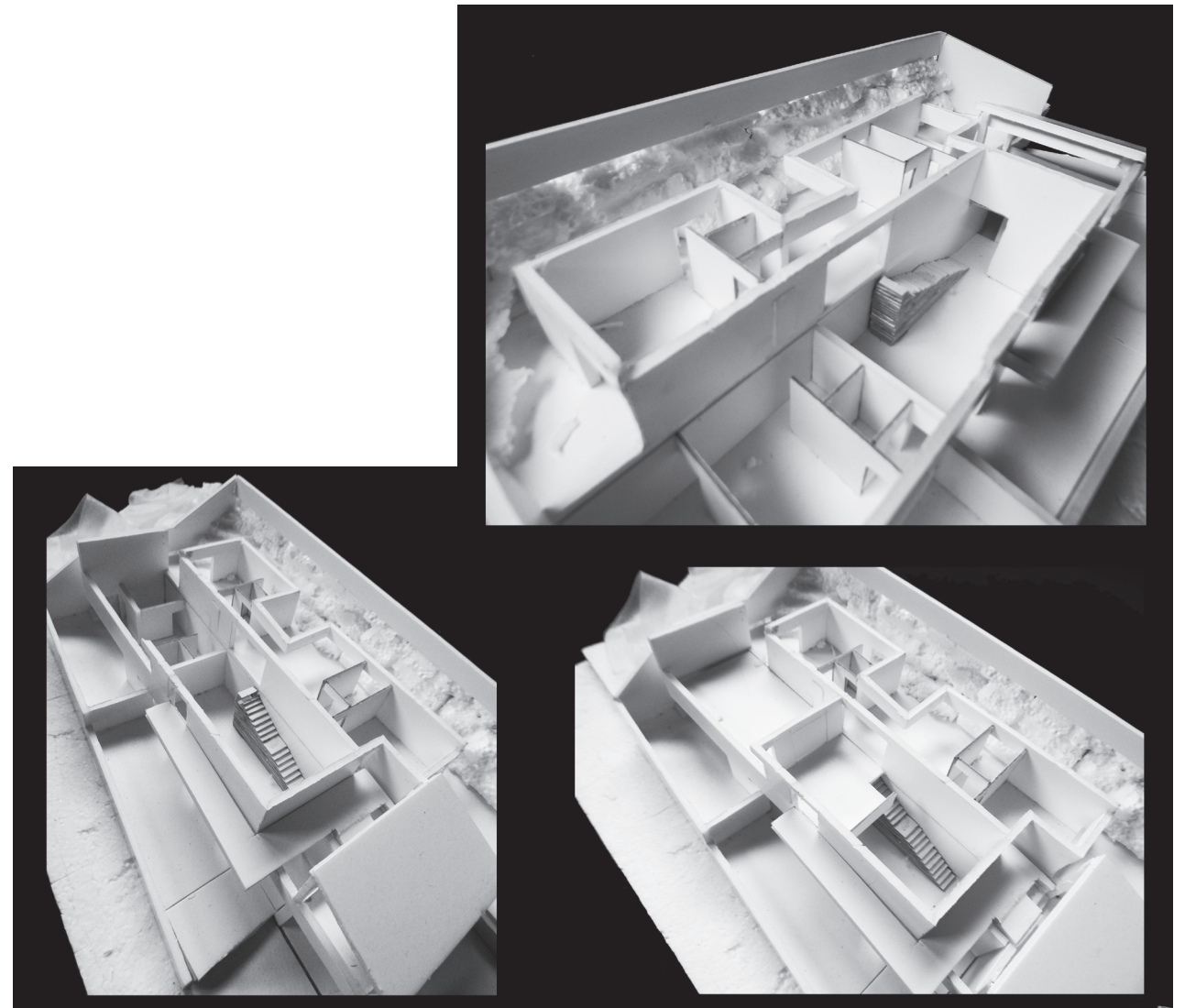
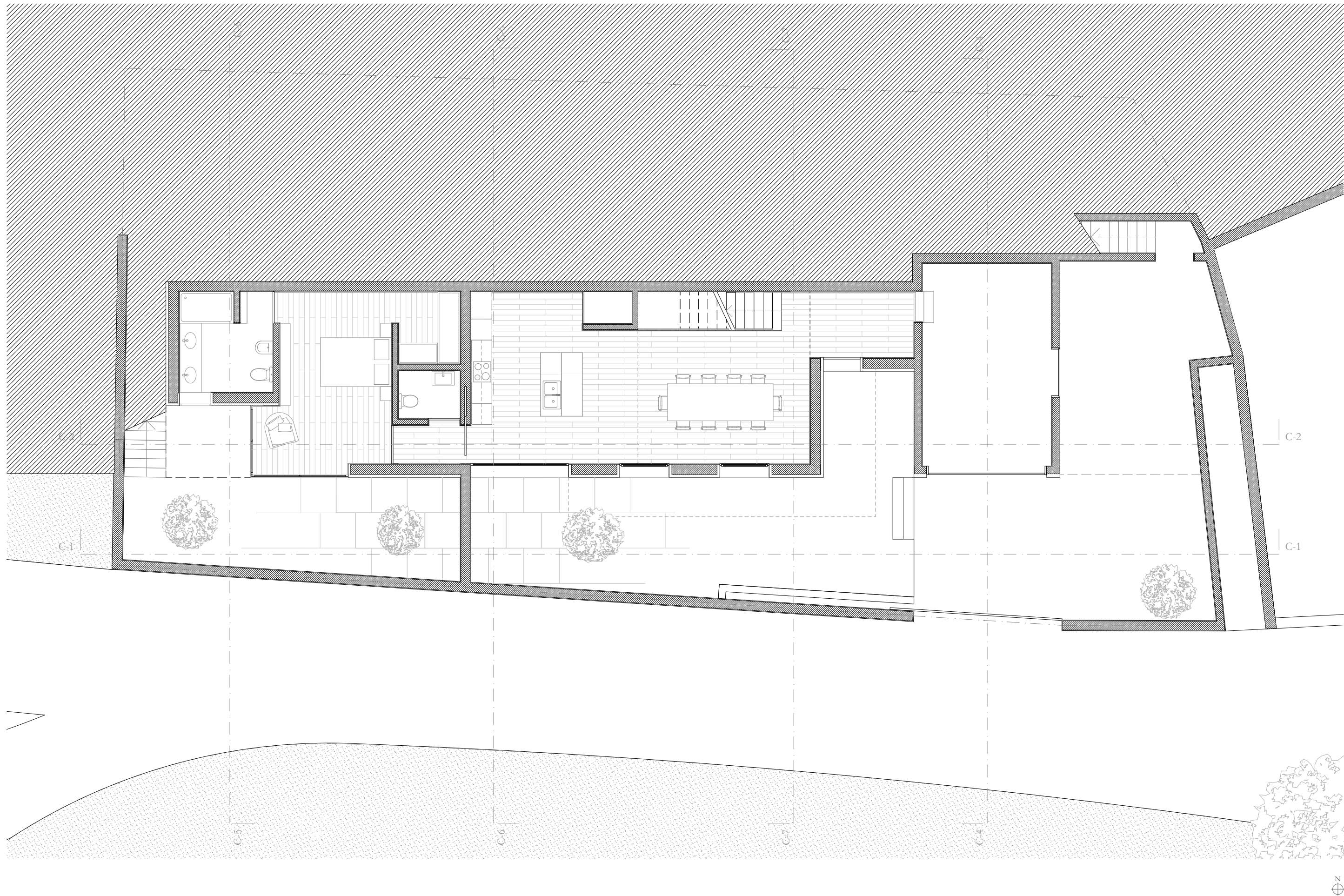
A casa como lugar pessoal de crescimento e ócio acompanhou um ciclo de modos de habitar que foram interferindo e alterando a visão do habitante sobre a casa e o aglomerado em que se insere, desde a visão de uma casa de férias, à habitação permanente, e agora, periódica.

Assim, o redesenho da casa passa por projetar três tempos: o *passado* – pelas memórias e evolução da casa que acompanharam a minha infância, neste sentido, a intenção será manter uma atmosfera idêntica à que nos acompanhou ao longo do tempo, mantendo as linhas principais do projeto como referência para o novo desenho – o *presente* – a casa habitada diariamente por quatro pessoas ao longo dos últimos dez anos, permitiu entender como se pretende redesenhar os espaços, tentando expandir o programa doméstico às necessidades e ao mesmo tempo simplificando o seu desenho e compartimentação – e o *futuro* – uma perspectiva da casa habitada por menos pessoas no seu quotidiano, no entanto, servirá também como um refúgio e momentos de reunião entre um conjunto mais alargado de pessoas, uma casa que poderá voltar a ser apenas de férias.

O desenvolvimento do projeto recorreu a pensamentos e memórias da casa e do lugar como base importante para a intervenção. Aliado às vivências da memória, os desenhos submetidos no momento de construção inicial do projeto ajudaram no confronto entre a noção que já continha sobre a habitação e as suas configurações, com o desenho rigoroso do seu projeto. Neste sentido, a observação foi o ponto de partida para a intervenção do objeto - *“Imaginar significa recordar aquilo que a memória escreveu dentro de nós e pô-la em confronto com as exigências e as condições; mas também elevar as exigências e as condições ao nível da sua real complexidade, e por fim, restitui-las na simplicidade oblíqua do projecto.”*²⁰

O redesenho destes espaços contribui para a redescoberta do lugar extraíndo as suas qualidades através da observação e do distanciamento pretendido entre cliente e habitante que compreende a importância da relação exterior/interior dando oportunidade a destacar elementos como o afloramento rochoso que influencia e reforça essa relação.

²⁰ GREGOTTI, Vittorio in pref. *Imaginar a Evidência*, (trad. Soares da Costa); Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, p.10



Desta forma, os espaços exteriores foram recriados no sentido de apoiar e prolongar o habitar dos espaços interiores redesenhados a partir de um espaço central, que reúne áreas comuns e articula as várias funções espaciais através do desenho de uma escada, reduzindo assim o espaço de circulação.

Neste sentido, o projeto caminhou sobre uma ideia base que mantém a casa dividida em dois pisos, mas quando desejado, possibilita o habitar apenas no piso térreo, mantendo assim as fundações da casa, privilegiando o primeiro espaço habitado. Com isto, pretende-se que a entrada principal faça aceder ao piso térreo, concretizando o desejo de ligação entre pisos através de uma escada no interior da casa e não no exterior. Um novo núcleo doméstico estabelece, não só a comunicação vertical, mas também horizontal para o novo prolongamento do piso e da fachada na intenção de projetar uma zona privada, permitindo assim o conceito base de habitar apenas no piso térreo. O redesenho do segundo piso surge na necessidade de tornar a casa flexível ao número de habitantes, tornando-se numa ala privada da casa articulada pela sala de estar que se desenha em *mezzanine* sobre os restantes espaços comuns. Os dois corpos desfasados conectados pela escada definem a estratégia geral do projeto, em que uma das partes se “autossustenta” e a segunda complementa, como um apoio, podendo diversificar-se as formas de se habitar esta casa não só pela necessidade ao longo do tempo, mas também porque o desenho do programa assim o permitirá.

Um dos aspetos mais importantes a considerar no projeto era o (re)desenho dos momentos de distribuição para que não fossem meras conexões entre espaços sem qualidade arquitetónica, como é exemplo, o corredor existente que faz a ligação com os quartos.

43| Proposta: planta do piso térreo
escala 1:100

44| Maquete de estudo
(escala original da maquete: 1: 100)



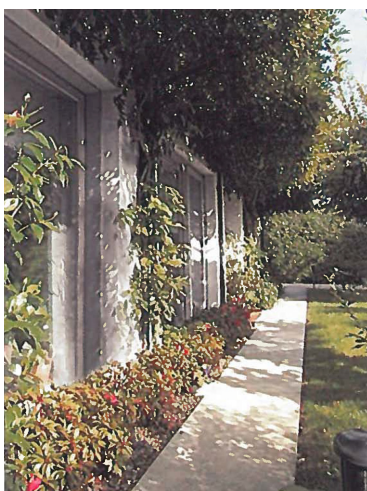
45 |



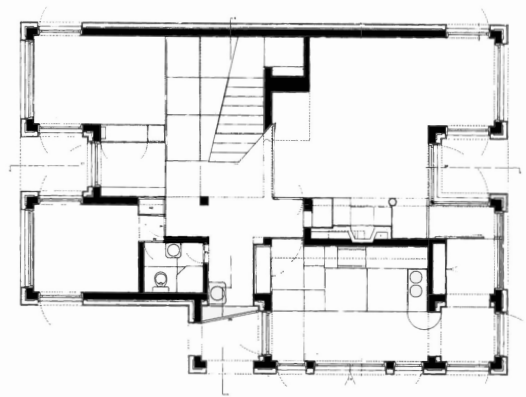
46 |



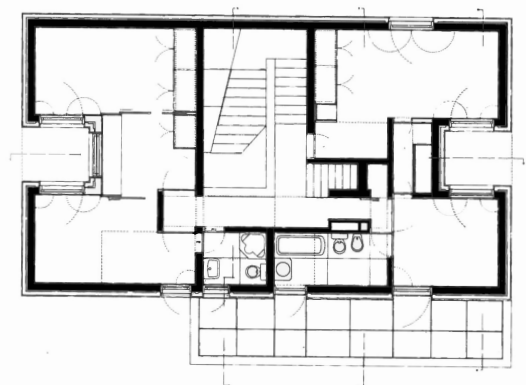
47 |



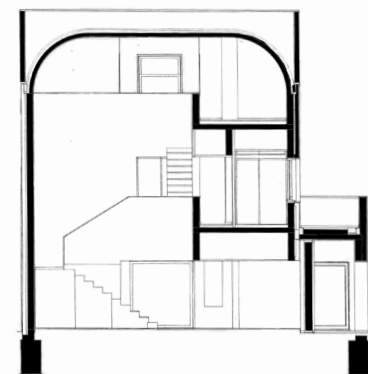
48 |



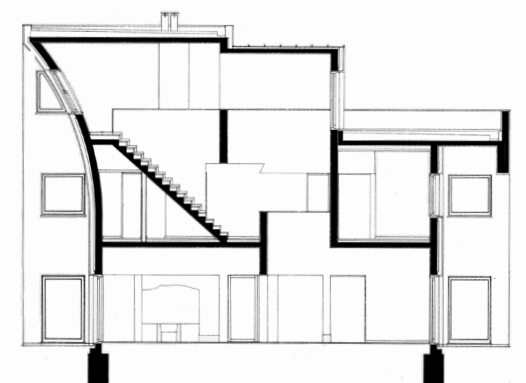
49 |



50 |



51 |



52 |

“O aparecimento dos dispositivos de circulação na organização da casa renova, na sua concepção, a importância do movimento do habitante e, como tal, uma nova condição de pensar o espaço. O movimento guia o olhar. A casa onde os compartimentos são interligados por espaços próprios de circulação passa a ser fortemente estruturada por estes, numa “árvore” de movimentos previamente analisados e valorizados em projecto.”²¹

O desenho da escada resulta da intenção de substituir o corredor que existe atualmente, não sendo apenas um atributo funcional, mas um elemento-chave de um conceito de habitar como devem ser todos os dispositivos de circulação - *“A escada é um dos elementos que mais motivará o desenho do espaço doméstico ao longo de todo o século XX, desde uma representação discreta, estritamente funcional, até à sua maior ênfase na espacialidade da casa”²²*. Neste sentido, a escada estabelece um momento que caracteriza o redesenho da casa, através do rompimento parcial da laje que separa os dois pisos. O pé direito duplo desenha o núcleo principal articulado com a escada, permitindo a continuidade espacial pretendida, expandindo o núcleo central para o segundo piso e privilegiando uma zona do programa com um pé direito mais alto.

Assim, a escada exerce uma posição essencial no projeto, e tal como a Casa Avelino Duarte – articulada em torno da escada posicionando e articulando todos os espaços – este elemento divide não só momentos entre pisos, mas também desenha a separação de diferentes momentos no segundo piso, sendo o primeiro o espaço em *mezzanine* que encerra a primeira zona habitável da casa e que faz a ligação para o segundo momento, a passagem para uma zona privada que complementa a restante casa flexível ao número de habitantes.

Casa Avelino Duarte, Álvaro Siza,
1981-85, Ovar

45| Perspetiva da casa a partir da rua

46|

47| Perspetivas da escada interior

48| Perspetiva do exterior da casa

49| Planta piso térreo

50| Planta piso 1

51| Corte transversal

52| Corte longitudinal

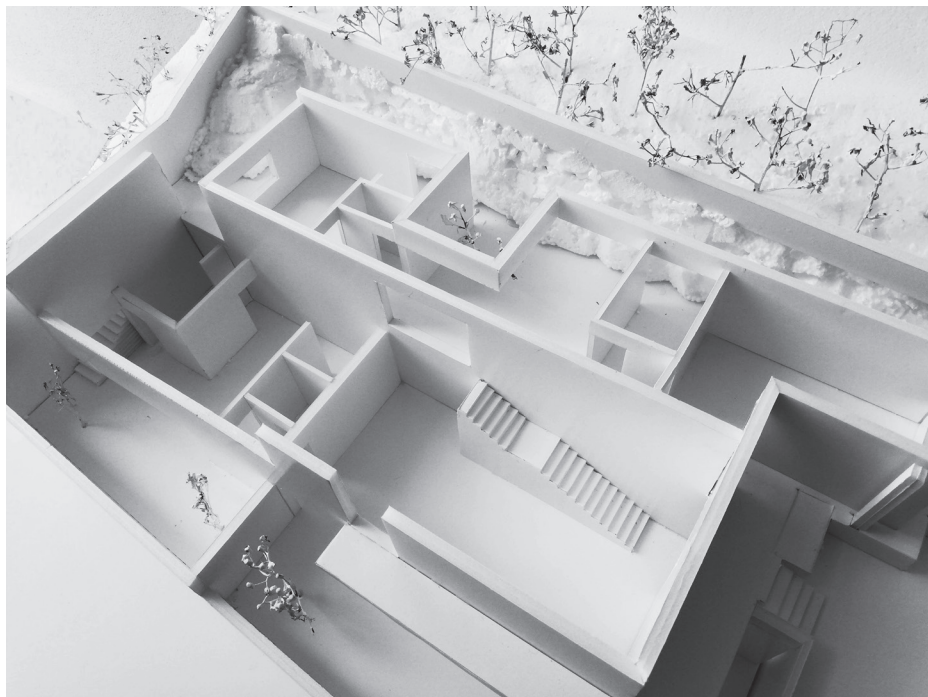
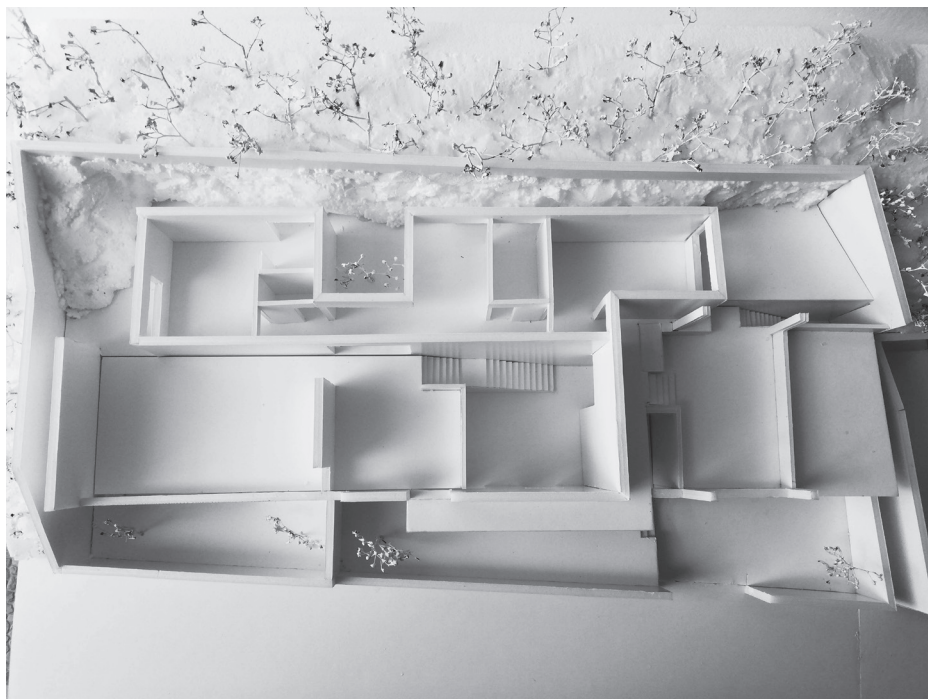
²¹ RAMOS, Rui, *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*, Porto: Faup publicações, 2010, p.370

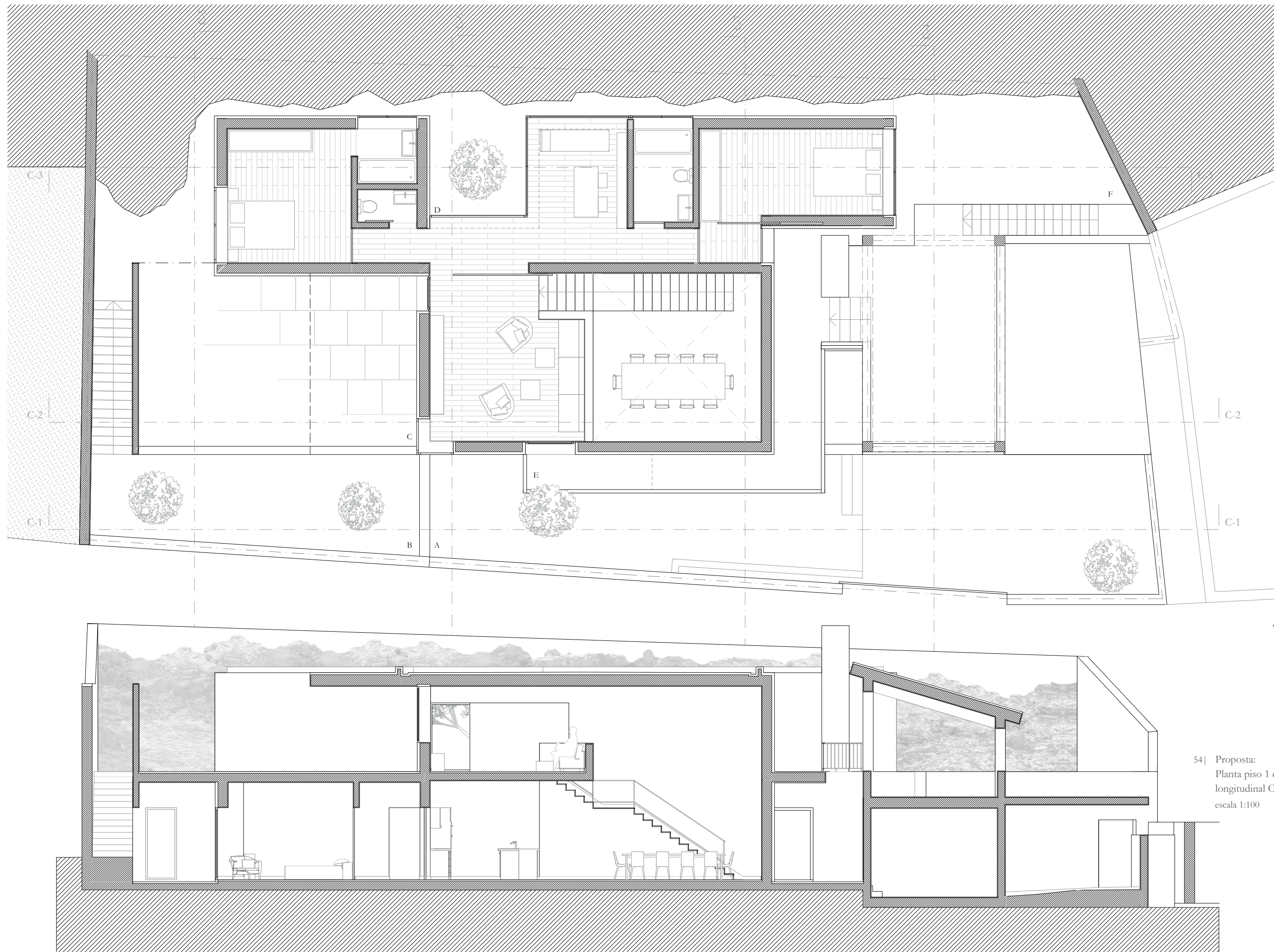
²² Ibidem, p.321

“O aparecimento dos dispositivos de circulação (...) está associado a uma alteração da noção de espaço doméstico e da privacidade dos comportamentos quotidianos ligados à vida dentro da casa. A mecânica de espaços que permite circular dentro de casa sem ter de atravessar outros compartimentos, conduz à consideração de que esses compartimentos também adquirem uma especialização ou uma reserva para um uso. (...) O movimento passa a ser um atributo dos espaços e circular uma condição da vida doméstica. De imediato, novos compartimentos são associados a este quadro relacional; entrar num espaço prefigura a transição entre circular e parar, e com ele surge um vasto leque de comportamentos associados à permissão para entrar num compartimento.”²³

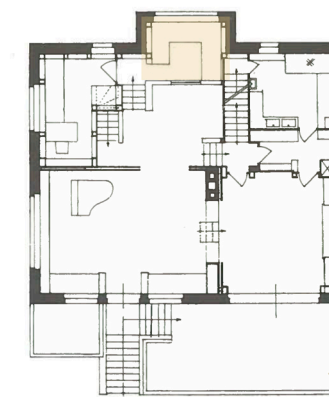
Os espaços comuns serão, assim, os mais importantes no que define o habitar desta família, porque permitem a reunião entre pessoas, sejam elas habitantes ou visitantes. A ideia de se criar um núcleo central destinado a este espaço de convívio já existe atualmente na casa, no lugar da sala de estar/jantar, no entanto, a área da cozinha e de refeições tornaram-se espaços importantes, dada a forte presença culinária na casa que sempre espalha o melhor perfume e consegue unir todas as pessoas. A cozinha tornou-se também num núcleo de reunião apesar das funções evidentes associados ao espaço. Neste sentido, os dois espaços são agora redesenhados num *open space*, em que a transição entre cozinha e zona de refeição é feita através da mudança de pé direito que procura refletir uma condição particular da vida doméstica ao momento de refeição, que se encontra na zona mais alta, atribuindo-lhe assim um carácter especial entre o conjunto de espaços sociais.

²³ RAMOS, Rui, *A casa: arquitetura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*, Porto: Faup publicações, 2010, p.371

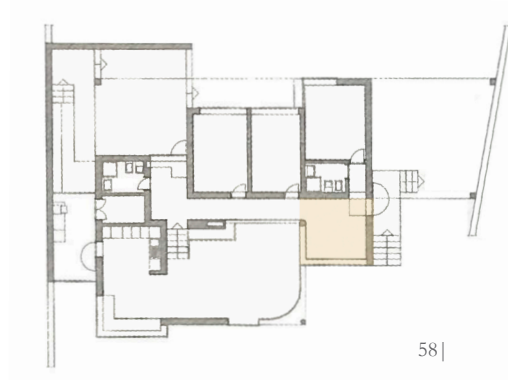




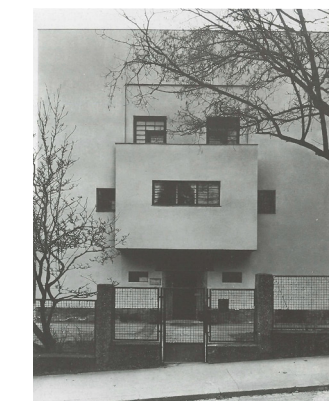
54| Proposta:
Planta piso 1 e corte
longitudinal C2
escala 1:100



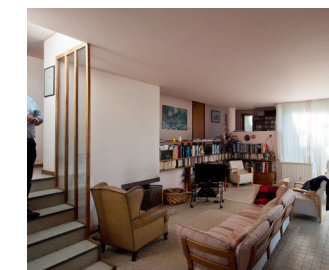
55|



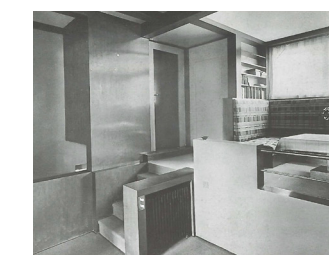
58|



56|



59|



57|



60|

55| Casa Moller, Adolf Loos,
1927-28, Viena
Planta piso 1

56| Fachada da casa

57| Vista interior para espaço
de estar

58| Casa Marques Guedes, Alexandre A.
Costa, Sérgio Fernandez, Camilo
Cortesão, 1973-74, Moledo

59| Vista interior da zona de estar

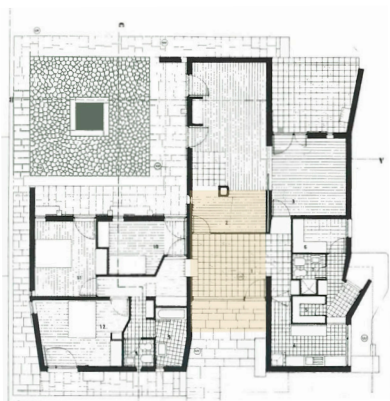
60| Vista exterior do jardim

“O open space surge na casa como uma possibilidade de simplificar o programa doméstico, eliminando a compartimentação entre funções habitualmente segregadas. Esta simplificação, alcançada pela concentração de diversas actividades num único espaço, é um aspecto da organização doméstica que radica na ideia de central living hall e posteriormente na ligação entre salas, desenvolvida desde o final do século XIX.”²⁴

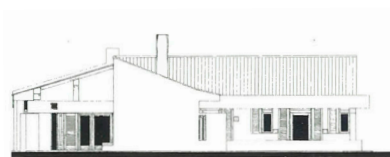
A cozinha desenhada numa maior dimensão do que a atual permite apoiar a segunda profissão da minha mãe, que é a da pastelaria; e a zona de refeição é marcada pela comprida mesa para que os jantares em família não sejam mais perturbados pela falta de espaço. A sala de estar desenhada em *mezzanine* complementa este espaço de convívio, contribuindo para a continuidade e comunicação entre as áreas comuns e faz a receção ao segundo piso funcionando como antecâmara que articula com a ala dos quartos, evocando na Casa das Marinhas o espaço que se abre sobre a sala e faz a distribuição com os restantes espaços no segundo piso.

Neste sentido, a sala de estar exerce um papel importante, na medida em que a sua posição é central relativamente a toda a casa, comunicando com o piso térreo através do pé direito duplo, com a zona privada do segundo piso, e ainda, com o espaço exterior aberto à envolvente. Assim, a sala de estar está numa posição de controlo da casa, sendo espaço de movimento ou de paragem. Este espaço que permite observar os movimentos do habitante é também utilizado na Casa Moller de Adolf Loos, em que o espaço de sofá fixo encontra-se numa posição relacionada com a entrada, a circulação entre zonas da casa e com a escada também visível deste ponto. A Casa Marques Guedes de Alexandre Alves Costa, Camilo Cortesão e Sergio Fernandez desenha também um espaço que remata o acesso aos quartos e permite a comunicação visual com o interior e exterior, criando uma perspetiva sobre toda a casa através de um varandim sobre o espaço central do projeto.

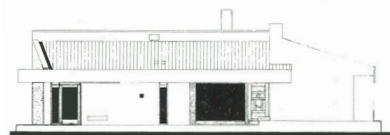
²⁴ RAMOS, Rui, *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*, Porto: Faup publicações, 2010, p.530



61 |



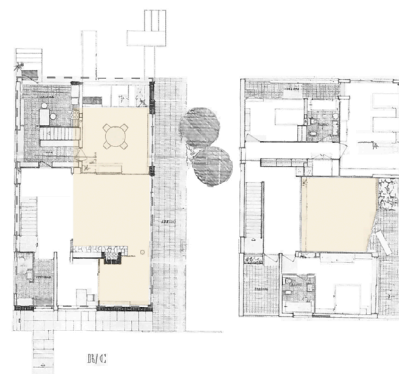
62 |



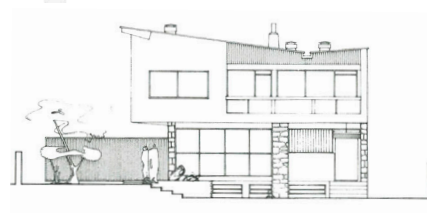
63 |



64 |



65 |



66 |



67 |



68 |



69 |



70 |



71 |



72 |



73 |

Casa Carneiro de Melo, Álvaro Siza, 1957-61, Porto

61| Planta piso 1

62| Alçado sul

63| Alçado norte

64| Vistas exteriores da casa

Casa Rocha Gonçalves, Viana de Lima, 1951, Porto

65| Planta piso térreo e piso 1

66| Alçado nascente

67| Vista exterior da casa

Casa de Ofir, Fernando Távora, 1957-58, Ofir

68| Planta piso único

69| Alçado poente

70| Alçado nascente

71| Vista exterior

72| Vista interior/exterior
zona de estar

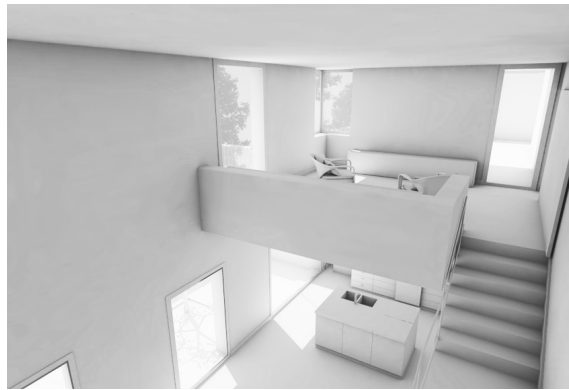
73| Vista exterior

Assim, os momentos de circulação são reduzidos através da criação de espaços habitáveis que na articulação desses espaços permite desenhar a sequência das várias funções e hierarquiza-las. O núcleo central da casa seria o espaço que recebe as pessoas e faz a deslocação horizontal e vertical da casa, sendo o fundador de uma organização funcional combinada com a continuidade do espaço, como é exemplo o átrio central da Casa Carneiro de Melo de Álvaro Siza que comunica com todas as partes da casa e ainda se prolonga para os espaços comuns como parte que integra essas áreas, ou a Casa Rocha Gonçalves de Viana de Lima em que a sala de estar é o centro da casa que flui para as áreas de jantar e de trabalho.

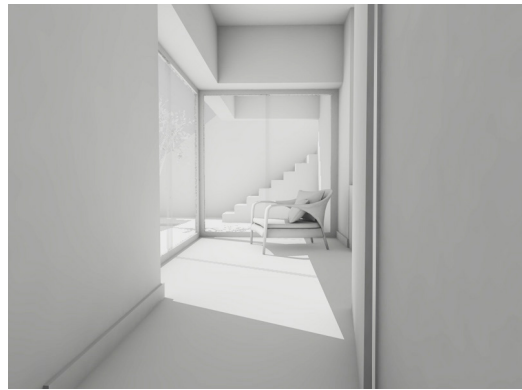
O desenho convoca três momentos principais, um através do grande espaço coletivo associado a um pé direito e dois destinados à zona privada da casa, separados entre pisos. As relações entre as três partes com o exterior proporcionam um equilíbrio entre o habitar dentro e fora de casa, incidindo também o desenho sobre o objetivo de melhorar a qualidade de receção de luz, mantendo a rocha como memória ao lugar e aproveitando-a como elemento caracterizador do espaço arquitetónico. Da mesma forma, a Casa de Ofir ao dispor os três corpos da casa pelo terreno distingue as três áreas que compõem o programa – sala de estar, cozinha associada a zona de serviços e zona privada dos quartos - procurando esse equilíbrio entre interior/exterior, em que *“o interior é cuidadosamente modelado numa sucessão de espaços fluidos a que os desníveis nos pavimentos, a variação dos pés-direitos e uma disciplinada estrutura de madeira dão a necessária caracterização”*²⁵. No caso deste projeto que se redesenha, para além dos espaços fluidos, os diferentes espaços exteriores distribuídos pelas cotas do terreno influenciam na caracterização, tanto interior, como exterior.

A zona da cozinha faz a ligação com a zona privada através de uma porta que separa o novo construído. Para além da casa de banho de serviço, este novo corpo abriga um quarto com casa de banho privada.

²⁵ **TRIGUEIROS, Luiz**, *Fernando Távora*, editado por Luiz Trigueiros, com artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza, Bernardo Ferrão e Eduardo Souto Moura e com Grafismos de Ana Maria Chora, Lisboa: Blau, cop.1993



74|



76|



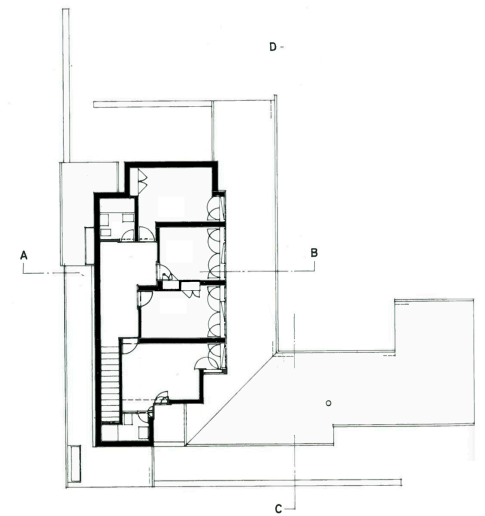
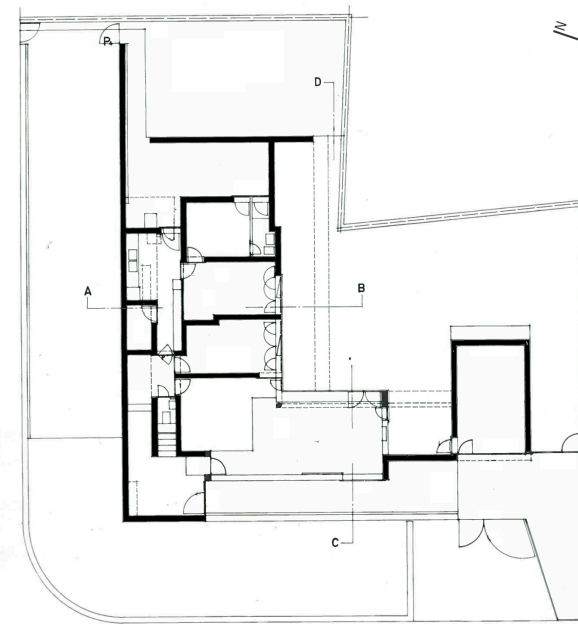
75|



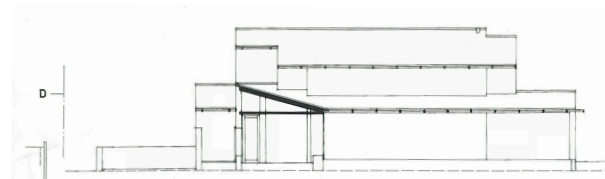
77|



78|



79|



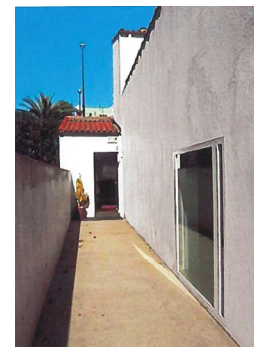
80|



81|



82|



83|



84|



85|

A nova construção implicou a descida do jardim que atualmente se encontra a uma cota intermédia da casa, permitindo assim a entrada de luz natural através do desenho do pátio, restrito à zona do quarto, tornando o espaço mais privado pela sua invisibilidade perante a restante casa e rua. Ao entrar-se neste quarto somos confrontados com uma atmosfera própria, que nos refugia da agitação das áreas comuns, e no fundo do espaço, podemos aceder a dois compartimentos, de um lado a casa de banho e do outro uma zona de vestir.

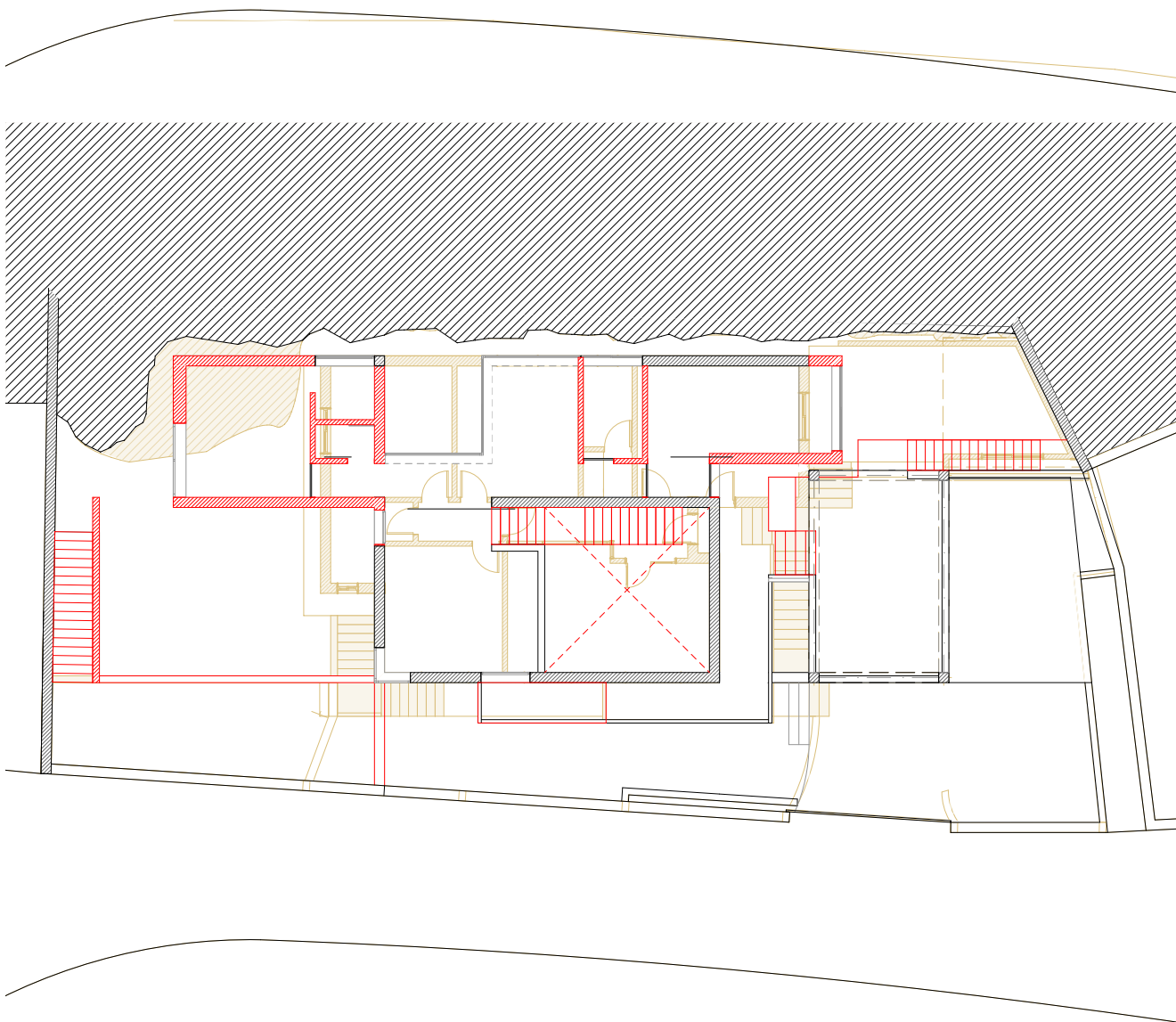
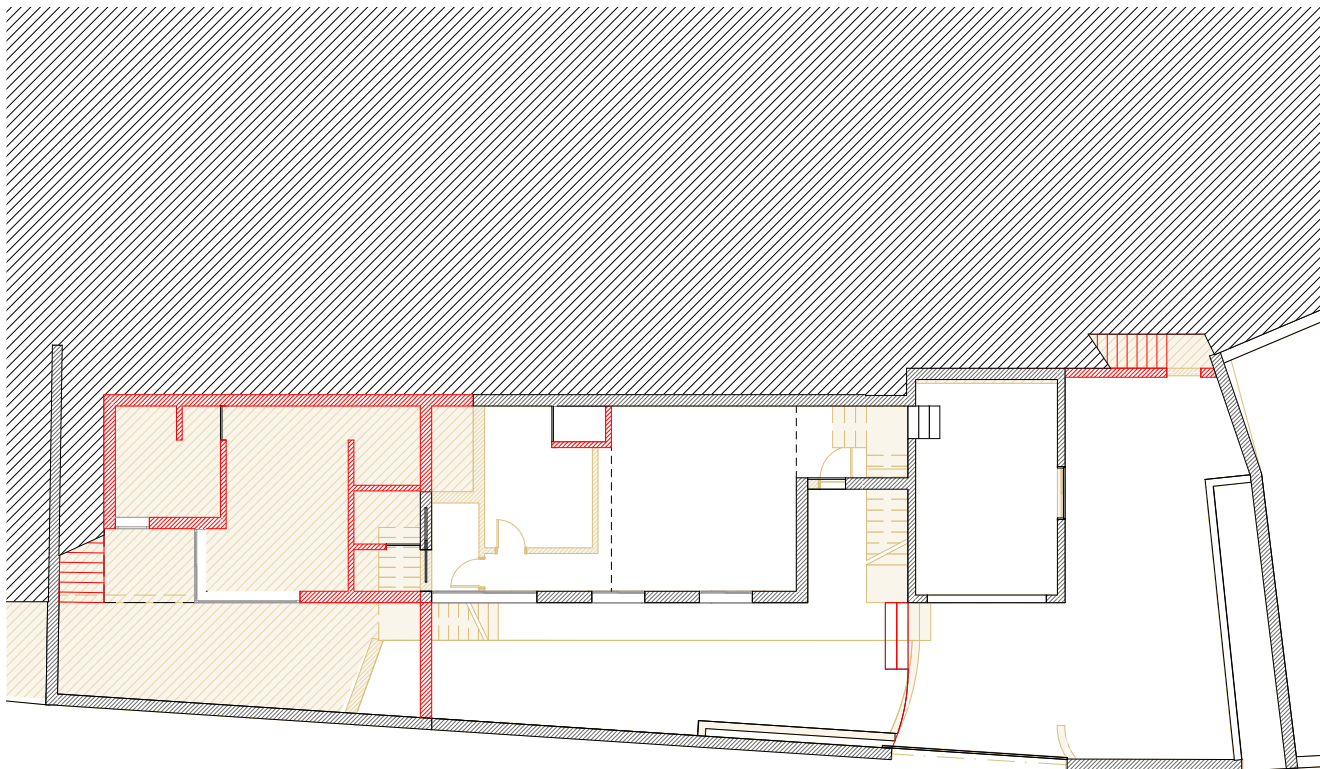
Assim, o redesenho da casa passa por uma busca pela intimidade interior dos espaços, o que nos remete para a Casa Alves Costa ou a Casa Alves dos Santos que distanciam os espaços da rua através da delimitação do território através de muros e do desenho do edifício que vive para o interior e se abre para o jardim.

*“Assim surge a separação entre espaços de representação, espaços privados e espaços de passagem (circulação) que definem os limites entre os dois primeiros. Os espaços de representação são os espaços onde é permitido que alguém de fora da casa possa penetrar. Espaços privados são, como a própria designação indica, de uso restritivo do agregado familiar: o acesso a alguém estranho é negado. Nesse contexto, o quarto de dormir é progressivamente fechado, tornando-se um espaço cada vez mais identificado com o eu. A intrusão nestes espaços significa uma intrusão no mundo interior de seu habitante.”*²⁶

Ao combinar a zona de espaços comuns, no espaço existente do piso térreo, com a nova construção da zona privada, conseguimos garantir a possibilidade de se habitar apenas neste piso quando o número de habitantes se restringir apenas aos meus pais, facilitando assim, a deslocação no interior da casa e entrada e saída para o exterior.

²⁶ **SILVA, Ana Sofia Pereira da**, *La intimidad de la casa : el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Buenos Aires: Diseño, 2015, pag.25, original: “Surge así la separación entre espacios de representación, espacios privados y espacios de paso (circulación) que definen los límites entre los dos primeros. Los espacios de representación son los espacios donde es permitido que alguien ajeno a la casa pueda penetrar. Los espacios privados son, como la propia designación apunta, de uso restrictivo del agregado familiar: se priva el acceso al individuo extraño. En este contexto, la habitación de dormir es progressivamente cerrada, volviéndose un espacio cada vez más identificado con el yo. La intrusión en estos espacios significa una intrusión en el mundo interior de su habitante. (...) En el siglo XIX la habitación se constituye en el mundo interior de cada uno.”

- 74| Imagem 3d - vista sobre zona da cozinha e sala de estar
- 75| Imagem 3d - vista sobre núcleo central da casa
- 76| Imagem 3d - vista sobre entrada do quarto no piso térreo
- 77| Imagem 3d - vista exterior do pátio B (ver planta)
- 78| Proposta: corte transversal C5
escala 1: 100
- 79| Casa Alves Santos, Álvaro Siza, 1964-70, Póvoa de Varzim
Plantas piso 1 e 2
- 80| Cortes CD e AB
- 81| Vista exterior da casa a partir da rua
- 82| Vista exterior do jardim
- 83| Vista exterior da entrada
- 84| Vista do exterior da casa
- 85| Escada interior de acesso ao segundo piso

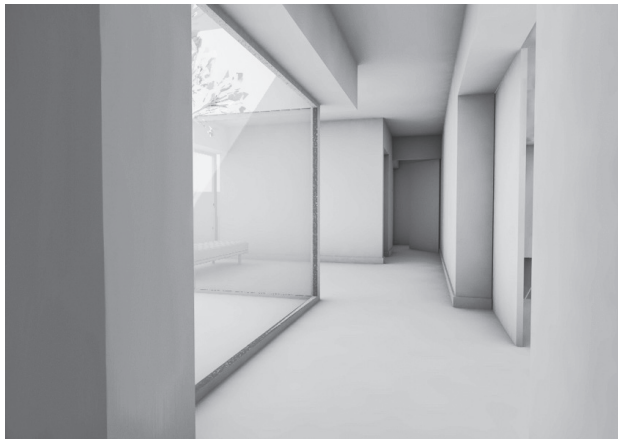
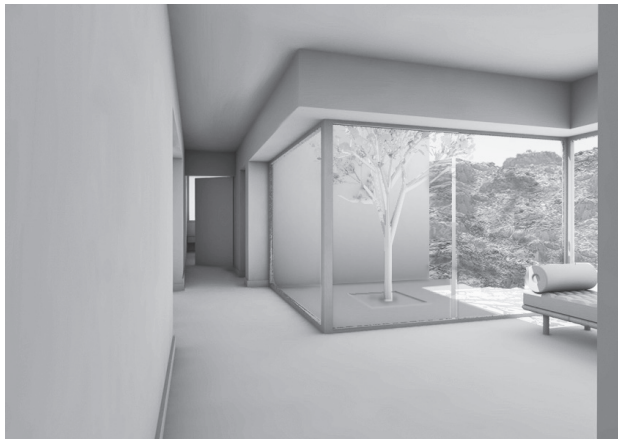


No desenho do segundo piso, onde se encontram atualmente todos os espaços que habitamos diariamente, tornou-se imperativo resolver a questão de luminosidade de todos os espaços que se desenvolvem ao longo do afloramento rochoso. A sala de estar convida a entrar nesta zona da casa mais silenciosa reservada a quartos e área de trabalho. O desenho do pátio resulta da procura pelo equilíbrio entre exterior/interior na zona da casa abrigada pela rocha e como resultado deste recorte, o volume cresce naturalmente. Neste sentido, os dois extremos desta ala são ocupados por dois quartos distintos no seu caráter, um mais privado num diálogo com a rocha e outro mais exposto pela ligação com espaços exteriores preexistentes.

Como resultado deste desenho, o pátio exterior é o elemento de receção a quem entra nesta zona da casa e o espaço adjacente envidraçado é desenhado como uma área de trabalho, ou possivelmente, um espaço alternativo para dormir. O pano de vidro que contorna os dois espaços faz a separação entre exterior e interior, e em contraponto, a rocha como pano de fundo é o elemento que os agrega. A zona de trabalho serve como uma abertura da área de circulação entre os restantes espaços desta ala, que aliado ao pátio amplia a área de luminosidade, deixando apenas a compartimentação desenhada pelas casas de banho que antecedem o desenho dos quartos, cujas portas rematam os extremos deste momento de circulação.

O desenho do quarto na zona mais rochosa da casa desfaz a parede que delimita a construção existente, motivando a abertura do espaço para o elemento rochoso que nos recebe ao entrar, tornando o quarto com um caráter mais privado, e ao mesmo tempo, delineador do redesenho do espaço exterior comunicante com a sala. A privacidade do quarto, obtida também pela distância que estabelece com a envolvente, determinou o desenho do momento de duche e lavatório incluído neste quarto como parte que integra o espaço, através de uma parede, que se fragmenta após a porta, fazendo a separação da zona do quarto e zona de duche, voltada ela também para a rocha.

Esta célula tem a sua repetição no outro extremo do volume, reproduzindo-se a sequência casa de banho e quarto, na zona onde atualmente se encontra a cozinha, tentando manter as paredes que

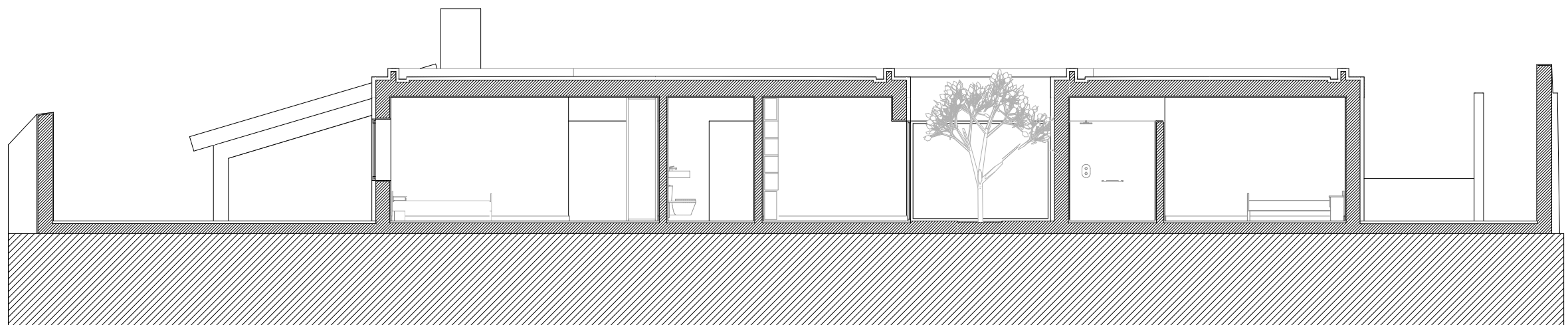


87 |

88 |



89 |



90 |

delimitam este espaço. A zona exterior associada ao quarto desenhado é totalmente descoberta – desfazendo as alterações recentemente feitas nesta área – o que torna este quarto distinto do anterior pela sua exposição e ligação com a varanda através de uma antecâmara que pode, ou não, permitir a entrada no quarto ou apenas a saída para o exterior.

A casa mantém o seu programa, com três quartos, uma cozinha, uma sala de estar e jantar, que articulados a partir da ideia de um espaço central, alteram a estratégia projetual da casa, não só de acordo com o atual modo de habitar – daí adicionar-se ao programa doméstico uma zona de trabalho – mas também numa perspetiva de futuro para a vivência da casa através da ambiguidade de usos que a habitação pode tomar desde a permanência apenas no piso térreo; o uso do núcleo central combinado com a célula do quarto mais privado junto à rocha; o segundo piso reservado para visitantes, enquanto o piso térreo permanece para os habitantes. Entre outras hipóteses, está aquela que seria atualmente utilizada: os pais no quarto do piso térreo, onde a privacidade é maior, e os dois filhos partilhariam o segundo piso.

A distribuição do programa doméstico, adequando a cada espaço uma atmosfera diferente, remete para a importância do habitar no exterior. Atualmente, cada quarto está voltado para um espaço exterior diferente, o que também se tentou redesenhar no novo projeto, mas de forma a que esse mesmo exterior contagiasse e interagisse com o interior, influenciando o seu desenho. Da mesma forma, a Casa Rocha Gonçalves abre-se para o exterior permitindo que cada quarto enquadre uma vista diferente apelando à independência e intimidade do habitante numa relação com a natureza.

O espaço exterior da casa é contido pelos muros existentes que desenham os limites do terreno e acompanham as diferentes cotas dos espaços exteriores recriados e outros preservados. O novo desenho das diferentes áreas mantém a localização repartida dos espaços abertos à envolvente e permite a comunicação entre eles, alterando apenas o seu uso através da atmosfera transmitida pelo espaço interior associado, enquanto que a sala exterior, como elemento preservado, vai manter o seu carácter. Os casos de estudo no capítulo anterior ajudaram na construção desta linha de pensamento que valoriza o exterior como parte e motivo do desenho da casa, apesar da procura pela intimidade associada a cada espaço.

87|

88| Imagem 3d - vista da zona de acesso aos quartos no segundo piso - pátio exterior

89| Proposta: corte transversal C7
Escala 1: 100

90| Proposta: corte longitudinal C3
escala 1: 100



91| Casa Rocha Gonçalves, Viana de Lima, 1951, Porto - fachada sul/nascente

Atualmente, o exterior permite uma circulação em torno da casa entre as diferentes cotas que vão sendo ligadas através de escadas exteriores, à exceção da comunicação feita atrás da casa que apesar de ser de nível, é dificultada pela área rochosa. Neste sentido, no resenho da casa era essencial manter essa ligação entre espaços exteriores, no entanto, o pátio à cota da entrada (A) não estabelece relação com os restantes espaços recriados, sendo reservado ao núcleo central da casa que se abre todo sobre este espaço, tornando-o numa área mais social pela sua função de receção à casa.

As restantes áreas exteriores são espaços mais privados a quem habita a casa, estando esses conectados entre si. Como é o caso do pátio associado ao quarto do piso térreo (B) que também pode ser acessível pelo segundo piso através de uma escada que se desenha ao longo do muro limite da propriedade. Este elemento de ligação delimita uma área coberta entre a escada e o quarto, que para além de abrigar o espaço da casa de banho privada, serve como primeiro momento para o acesso entre o quarto e o pátio, permitindo um espaço mais acolhedor sem exposição solar como um prolongamento do quarto no exterior. Esta área é intencionalmente ladeada por muros, sem qualquer visão para a rua ou para outros espaços da casa, mantendo o muro que separa atualmente as duas cotas de jardim como elemento separador de dois espaços exteriores que diferem na sua função, um que apoia o lado coletivo do programa da casa e outro para uma zona mais calma e privada - *“Os muros estão aí para propiciar privacidade, para ocultar quem habita, para permitir que dentro de casa, transcorra uma vida profundamente livre”*²⁷.

A rocha da casa é o elemento recetor na comunicação entre os dois pátios (B e C) após a ligação ascendente da escada. Este espaço apertado entre a rocha e o muro – que nos lembra a passagem em criança entre a rocha e a casa – dá-nos a sensação de amplitude no momento em que nos voltamos para o espaço do pátio seguinte (C) que se abre sobre a envolvente. Por ser um espaço parcialmente descoberto, permite substituir a área que atualmente existe para o Verão e que dá lugar aos

²⁷ ÁBALOS, Iñaki, *A boa vida: visita guiada às casas da modernidade*, trad. Alicia Duarte Penna, Barcelona: Gustavo Gili, 2003, p. 24

banhos de sol e a sua ligação com a sala possibilita a fluidez do espaço entre duas zonas de estar, uma exterior e outra interior.

Na intervenção sobre a rocha que o desenho do quarto abriga, optou-se por continuar a deixar uma passagem entre esta zona da casa e o limite oposto da propriedade – como acontece atualmente – pela utilidade que esta passagem possui para o cão passear pelas diferentes zonas da casa, e ainda permite que o espaço exterior flua entre a rocha e a casa, deixando respirar no momento da abertura do pátio (D) que torna esta passagem menos apertada e possível de se usufruir a partir do espaço interior. O pátio estabelece diversas relações com o desenho da casa através da sua posição estratégica que permite isolar todo o compartimento do quarto e casa de banho do restante conjunto da habitação. Ao mesmo tempo, consegue dialogar com o núcleo central da casa, através do vão que os separa, dando a possibilidade à sala de estar o contacto com três espaços exteriores (C, D e E). A zona de trabalho também se relaciona com o pátio através da transparência do espaço para o exterior que faz parecer pertencer ao pátio e no conjunto isolam as restantes três zonas deste piso, delimitadas essencialmente pelas paredes exteriores, com apenas a compartimentação interior das casas de banho.

Nesta sucessão de espaços que se habitam no exterior, toda a zona que integra varanda, sala de estar exterior e pátio (F) optou-se por manter, inclusive a ligação entre os mesmos. A varanda e a sala de estar exterior são atualmente os espaços exteriores mais utilizados e característicos da casa e era importante manter a sua relação com o interior. Neste sentido, o redesenho dos dois acessos à varanda permitem desenhar um circuito entre as diferentes zonas do piso, sendo o acesso pela sala de estar possível através de um aumento da varanda.

O volume da sala exterior e garagem desenha o momento de chegada do conjunto. Como elemento fundador da apropriação deste lugar tornou-se essencial mantê-lo, permanecendo com o mesmo desenho e configuração, de forma a conservar este espaço fundamental para a casa atual e pelas memórias que carrega e transmite.

O espaço exterior coberto difere-se dos restantes pátios que são desenhados para dialogarem e apoiarem os espaços interiores aos quais se relacionam, enquanto que este, apesar de isolado e coberto, permanece para um diálogo com a envolvente. O espaço vazio adjacente a este volume mantém a sua utilização de forma a alongar a área de garagem, como é pretendido atualmente, integrando um desenho de uma cobertura unificadora que marca esse espaço de continuidade com a garagem. Este espaço permite também, através da colocação de uma escada, o acesso à cota superior, mantendo a sala exterior numa relação com a entrada da casa. Esta necessidade advém da demolição da escada que dava acesso ao espaço exterior coberto, para a criação de um novo momento de entrada que não interferisse com o acesso ao segundo piso.

Com esta solução, a entrada da casa destaca-se pelo vazio que já existia entre o volume principal e o volume da garagem, e ao mesmo tempo, através do desenho escondido da nova escada, a sala exterior pode manter o seu importante caráter de receção aos visitantes sem recorrer ao seu acesso pelo interior.



92| Proposta corte transversal C4 com envolvente
escala 1: 100

A proximidade entre a rua e a casa influenciam a privacidade tanto exterior como interior, tornando-se importante pensar não só sobre o diálogo entre casa/envolvente, mas também envolvente/casa. Assim, os muros que delimitam o terreno são redesenhados com uma maior altura do que a atual, abdicando-se do gradeamento que permitia o contacto visual entre a rua e o jardim, visto que o piso térreo adquiriu, com o novo desenho, um caráter social associado a uma maior ocupação por parte dos habitantes. As paredes exteriores são reforçadas com o sistema *etics* de forma a garantir um melhor corte térmico no interior dos espaços, optando-se pela cor branca que reveste toda a casa. Esta escolha advém de uma manifestação a partir das influências do lugar que remetem para o silêncio, e neste sentido o branco associa-se a algo abstrato que acalma o olhar às mudanças do redesenho da casa, contrastando com as cores da envolvente que permanece através das diferentes intensidades de luz que se refletem em cada parede.



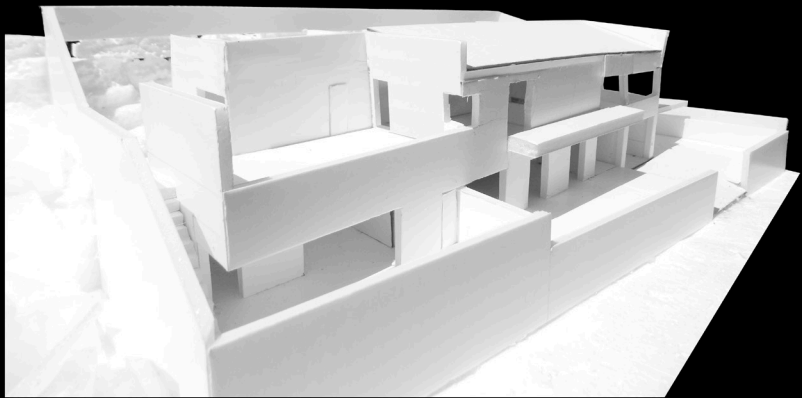
“Um avanço hesitante: eis um método; avançar, não em linha recta mas numa espécie de linha exaltada, que se entusiasma, que vai atrás de uma certa intensidade sentida; avanço que não tem já um trajecto definido, mas sim um trajecto pressentido, trajecto que constantemente é posto em causa; quem avança hesita porque não quer saber o sítio para onde vai - se o soubesse já, para que caminhará ele? Que pode ainda descobrir quem conhece já o destino? Hesitar é um efeito da acção de descobrir; só não hesita quem já descobriu, quem já colocou um ponto final no seu processo de investigação.”²⁸

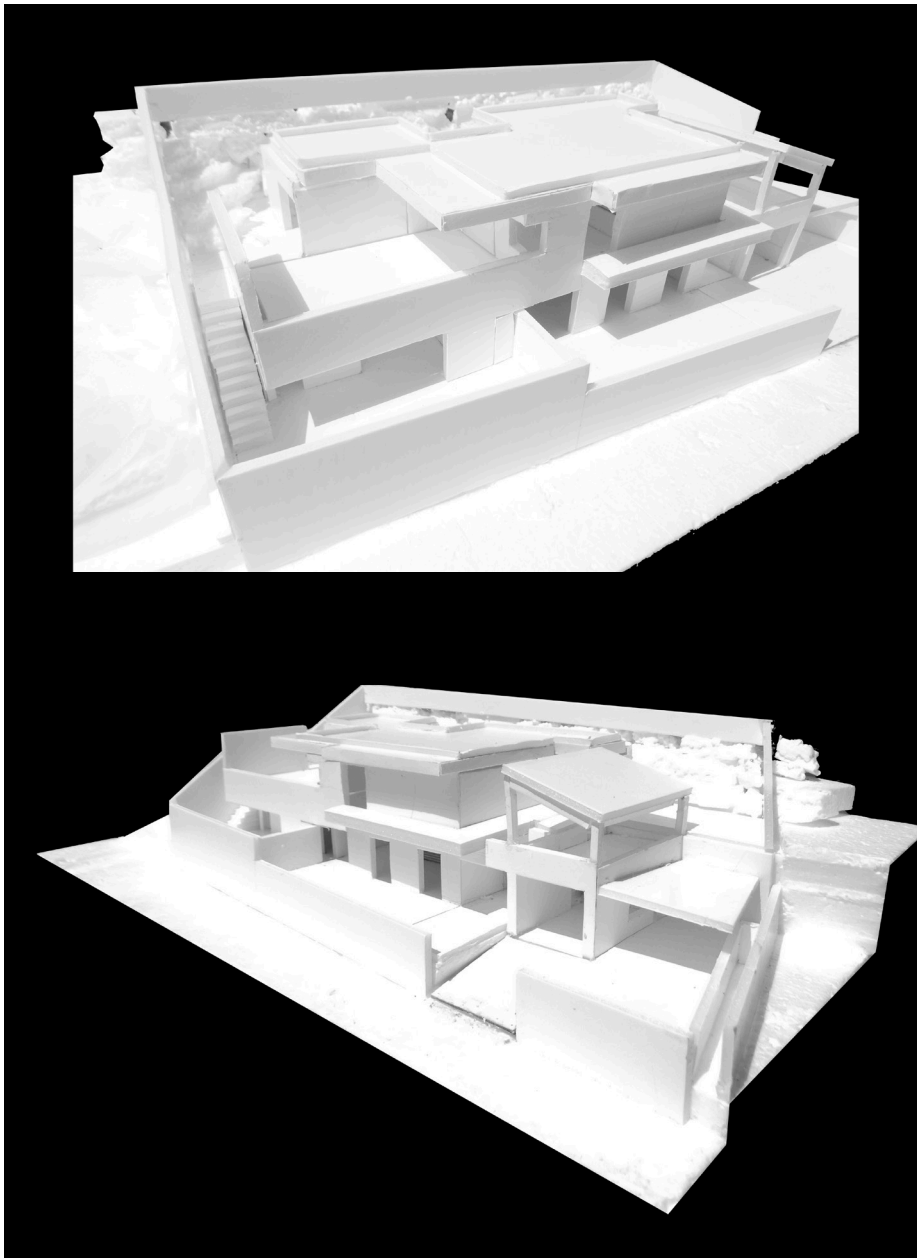
Na procura de controlar a escala do volume e estabelecer um diálogo entre os elementos preexistentes, sobretudo os muros, a escala dos pátios e a sala exterior que se quer manter, foram colocadas várias hipóteses de linguagem para o edifício através da cobertura a adotar para a nova composição volumétrica. O contexto era aberto a qualquer tipo de cobertura, permitindo várias soluções, onde o espaço da sala exterior é o principal motivador de desenho, na forma em que o espaço deve perdurar - se deve manter a sua autonomia formal ou se deve ser integrado no conjunto. Desta forma, interessa compreender se a preexistência permanece com os seus elementos arquitetónicos ou só o espaço no seu carácter; ou se por outro lado, unificar a casa responderia ao problema da escala e da casa repartida. Das várias hipóteses colocadas destacam-se duas, a cobertura inclinada e a plana. Nestas soluções importa evocar as consequências de cada uma em relação ao que une ou separa, se a casa é lida como uma massa continua rematada por um elemento ou se uma massa continua em que nada se destaca.

Uma hipótese é integrar o espaço que permanece e nessa integração o desenho mais adequado seria a cobertura inclinada, permitindo a geometrização e harmonia entre as partes e desenhando uma massa em que a rocha é vista como um elemento autónomo, mas parte integrante do conjunto. É a partir destas premissas que a cobertura inclinada permite unir o conjunto em duas grandes águas revestidas a zinco. Em contraponto, a cobertura plana destaca o espaço da sala

93| Maquete de estudo - proposta de
cobertura inclinada
(escala original da maquete - 1:100)

²⁸ TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens*, Lisboa, Caminho, 2013, p. 27





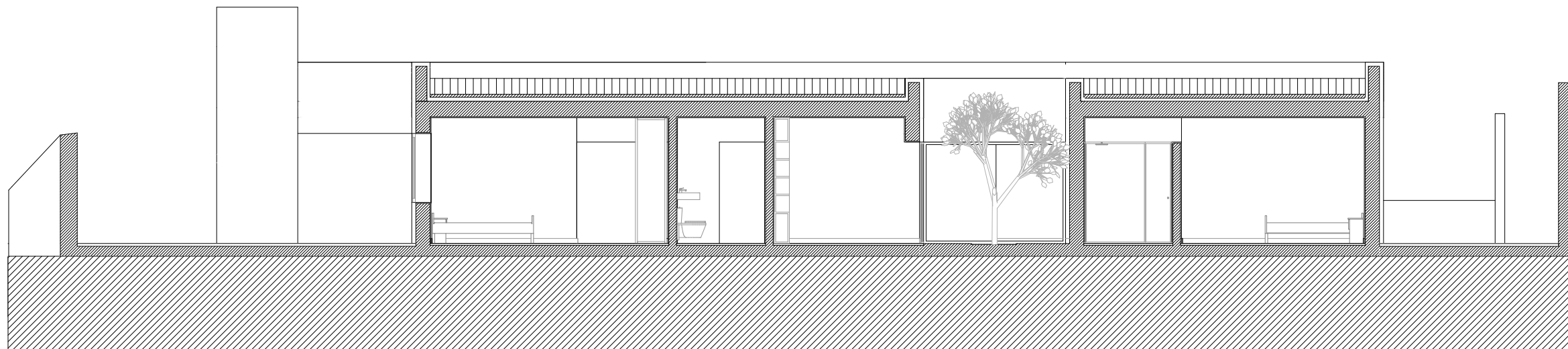
exterior, mantendo o seu desenho e configuração em que o volume principal se autonomiza do elemento existente, trabalhando em tensão.

Ambas as coberturas são uma transformação total da casa, mesmo o desenho da opção inclinada, que tenta integrar-se entre a comunidade e o lugar, difere-se por ser em zinco e de menor inclinação, tentando simplificar o seu desenho através dos dois momentos em a casa se divide: um correspondente ao volume da ala dos quartos no segundo piso, e o outro, do volume onde se desenvolve o núcleo central. Sendo assim, a cobertura divide-se em duas águas, sendo maior a relativa ao segundo momento referido, que ao pousar sobre um muro de suporte simplifica e unifica a leitura das duas. Neste sentido as águas estariam desfasadas provocando movimentos em sentidos contrários – um no sentido do novo construído e outro no sentido da preexistência que faz prolongar o desenho da cobertura, tornando-se assim no sentido predominante do projeto. A forte presença que esta cobertura tem sobre a casa foi combatida através das paredes que se prolongam na tentativa de unificar a leitura do espaço exterior escondendo a inclinação das águas e libertando os espaços vazios.

O resultado desta solução implicou algumas alterações que fossem de encontro com o novo desenho da sala exterior que altera o pé direito do espaço, tornando-o mais alto. Tendo em conta que o eixo de suporte das duas águas da cobertura não coincide com o limite deste espaço, significa que a cobertura se prolonga sobre a sala exterior sem cobrir a área total, deixando aberta a zona de receção ao espaço a partir da escada.

Esta solução de cobertura consegue unificar espaços, tanto em planta como em alçado, libertando os espaços vazios que se distribuem pelas diferentes cotas. No entanto, as alterações à sala exterior interferem com a ambiência e configuração do espaço, comprometendo as memórias que aqui foram criadas e que se pretendem evocar ao continuar a habitar este espaço. Neste sentido, a hipótese de cobertura plana vai mais de encontro com o objetivo de clarificar o desenho do projeto ao manter o desenho espacial da sala exterior, isolando-se da restante volumetria.

95|



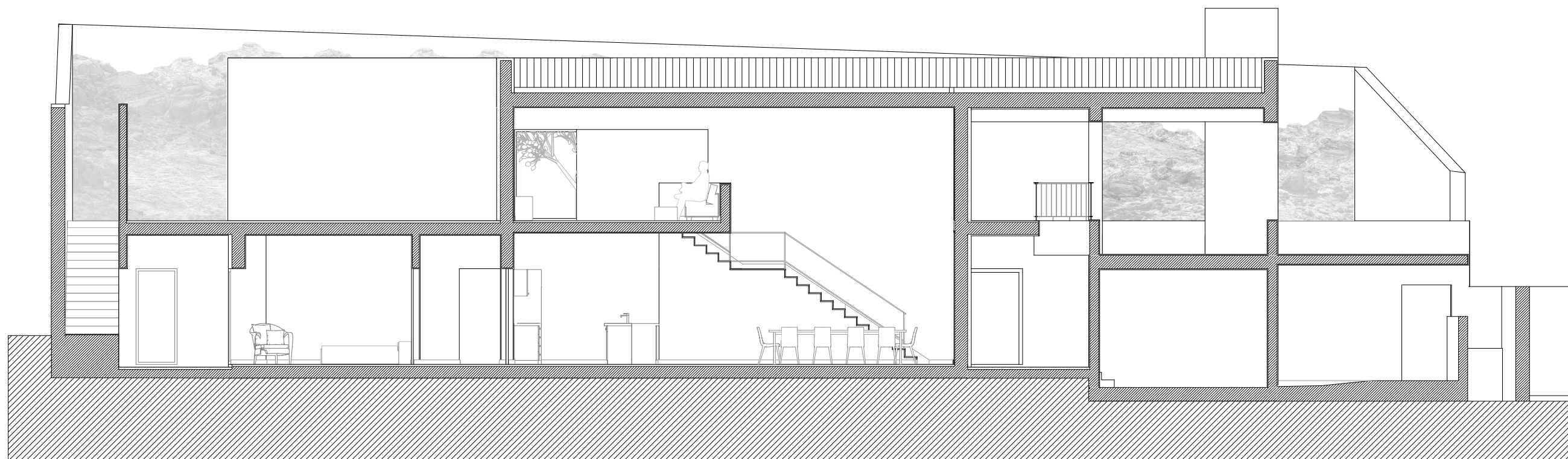
95| Proposta: corte longitudinal C3
solução cobertura inclinada
escala 1: 100

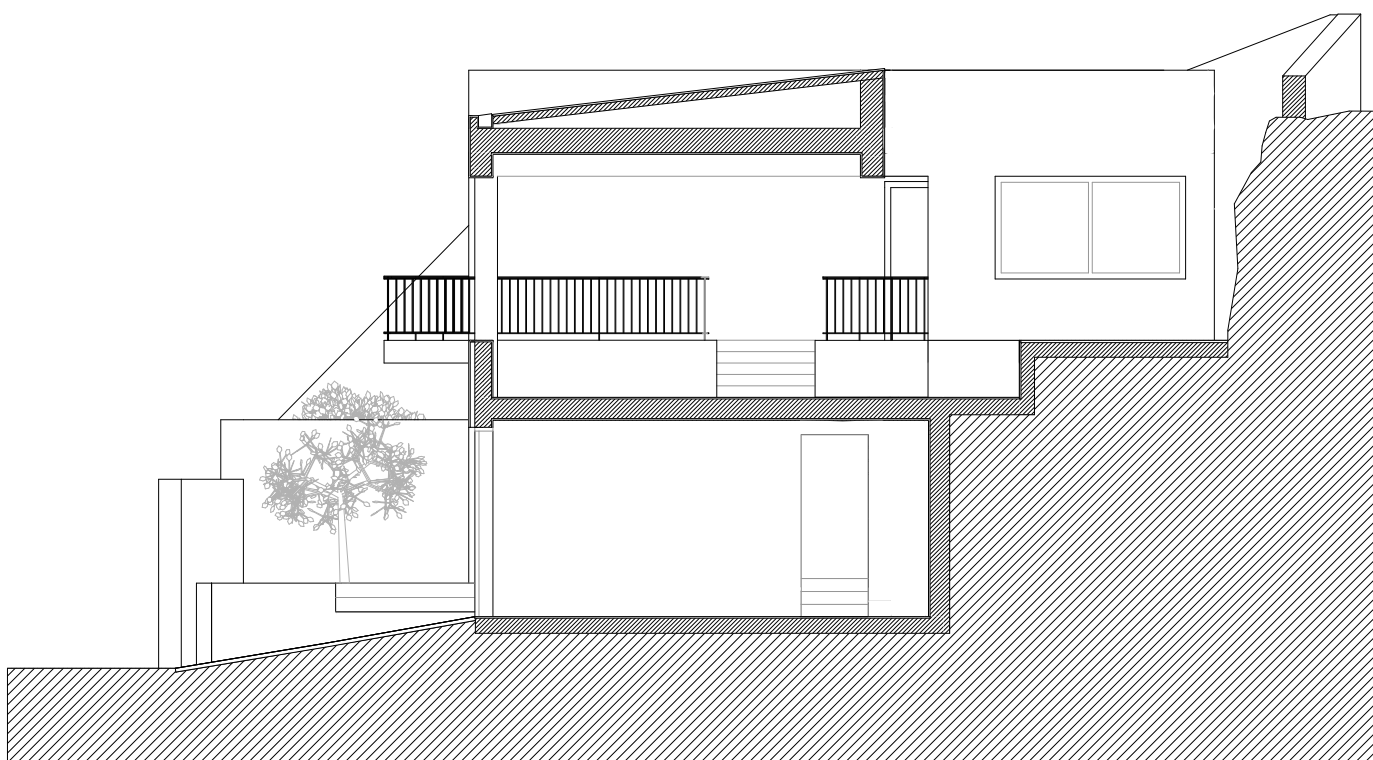
96| Proposta: corte longitudinal C2
solução cobertura inclinada
escala 1: 100

97| Proposta: corte transversal C4
solução cobertura inclinada
escala 1: 100

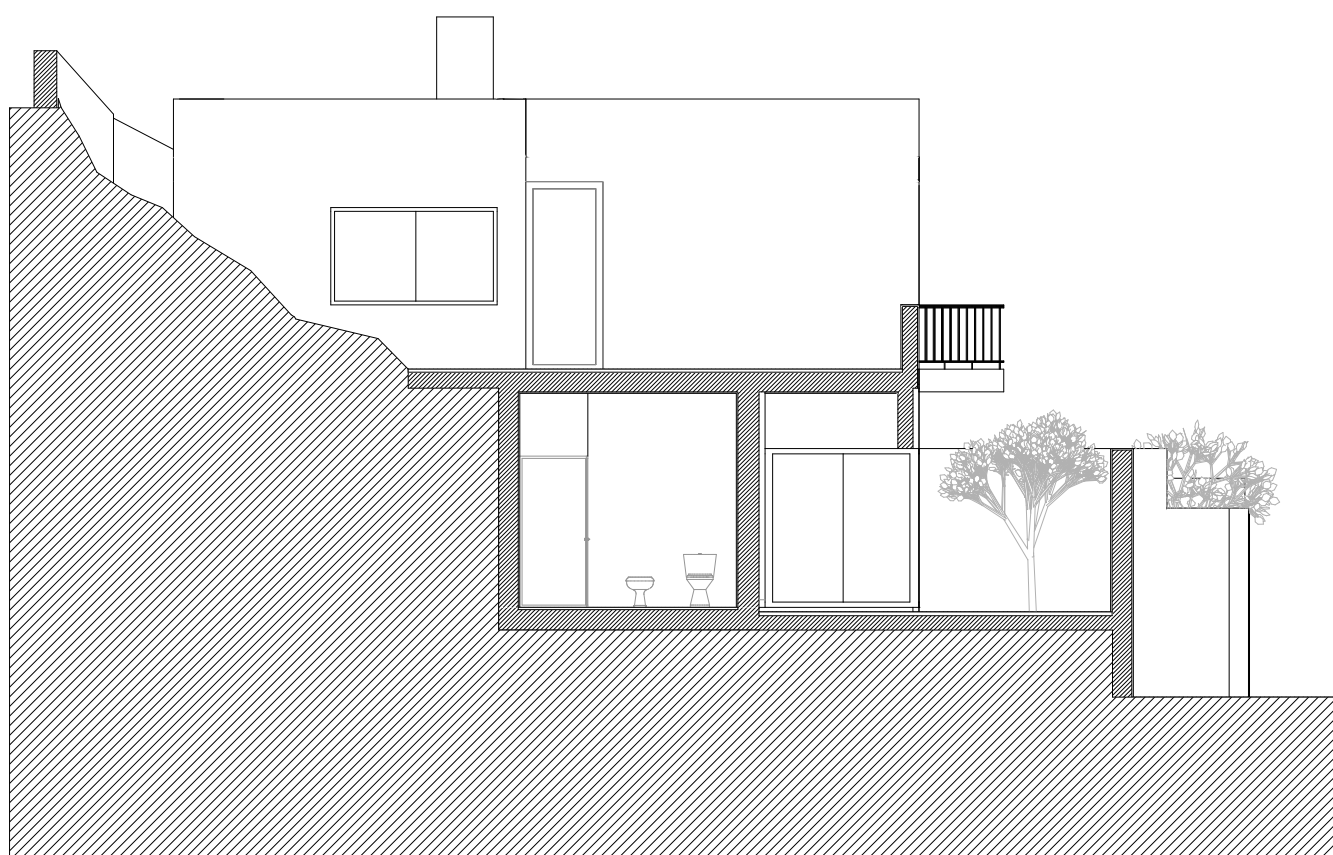
98| Proposta: corte transversal C5
solução cobertura inclinada
escala 1: 100

96|

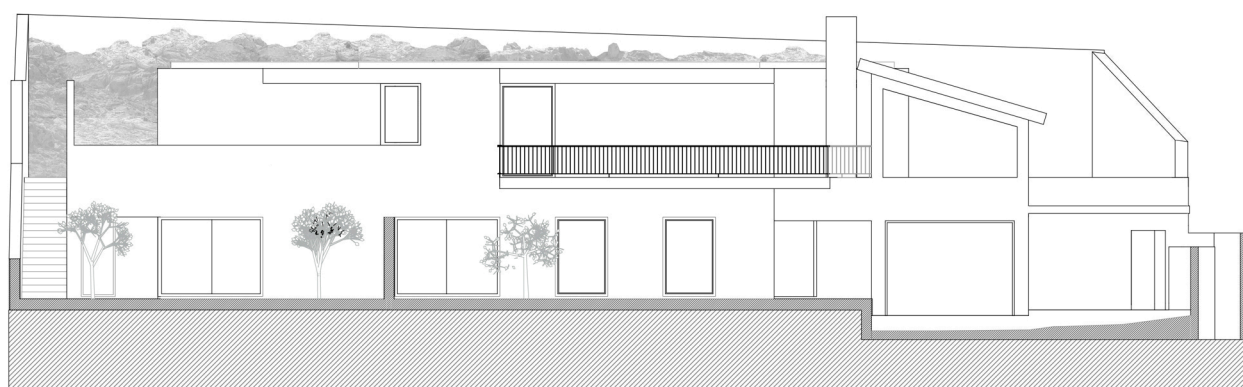
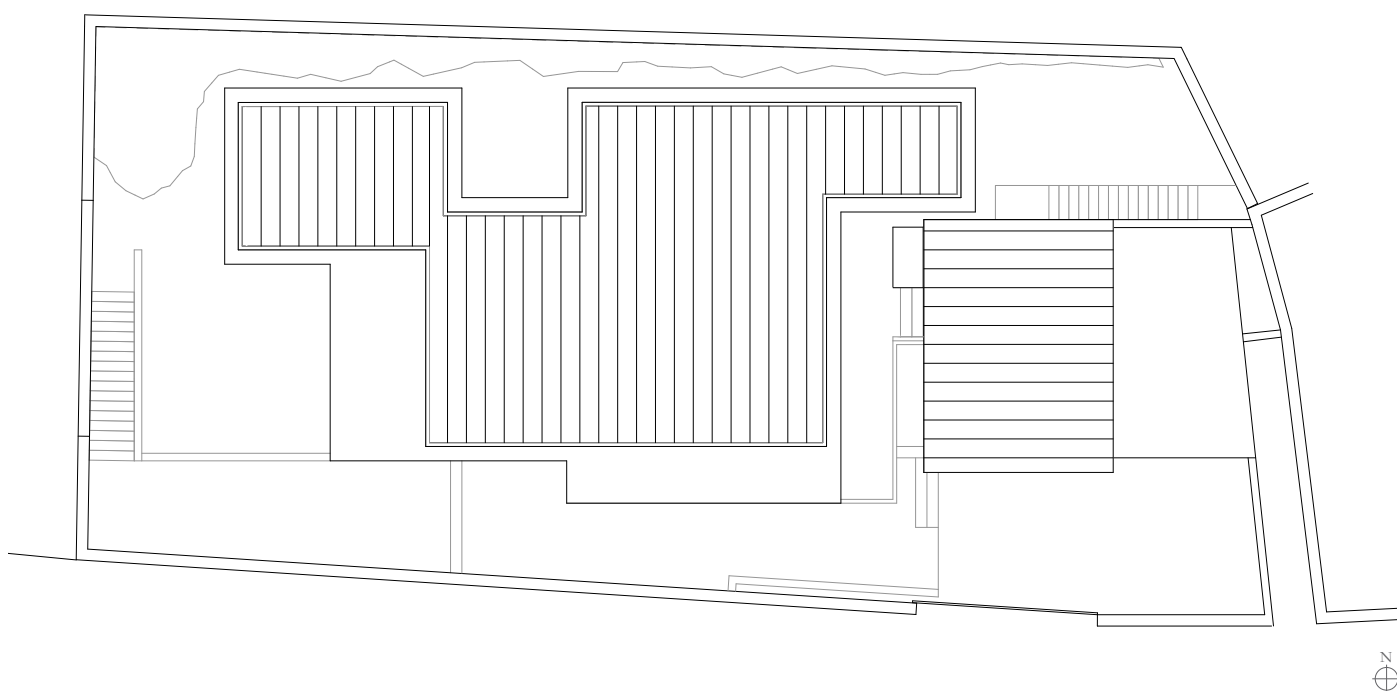




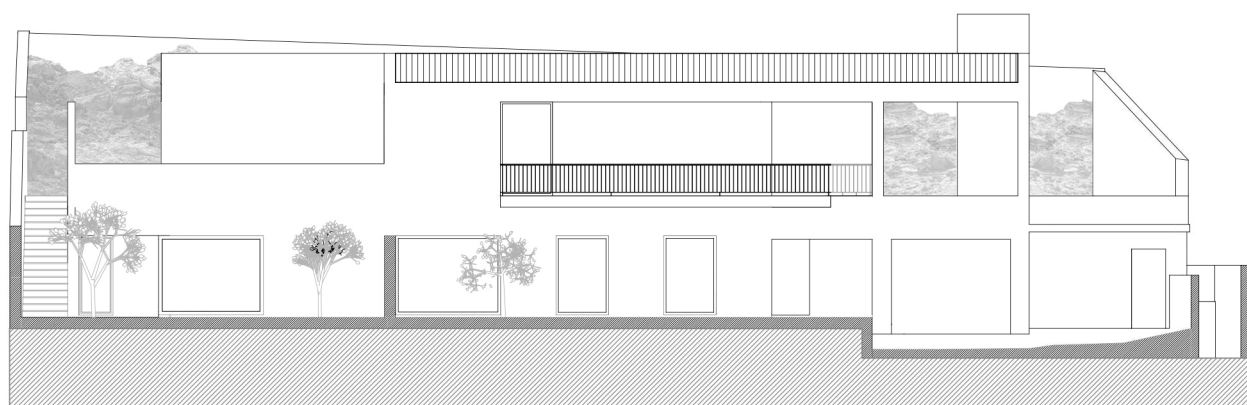
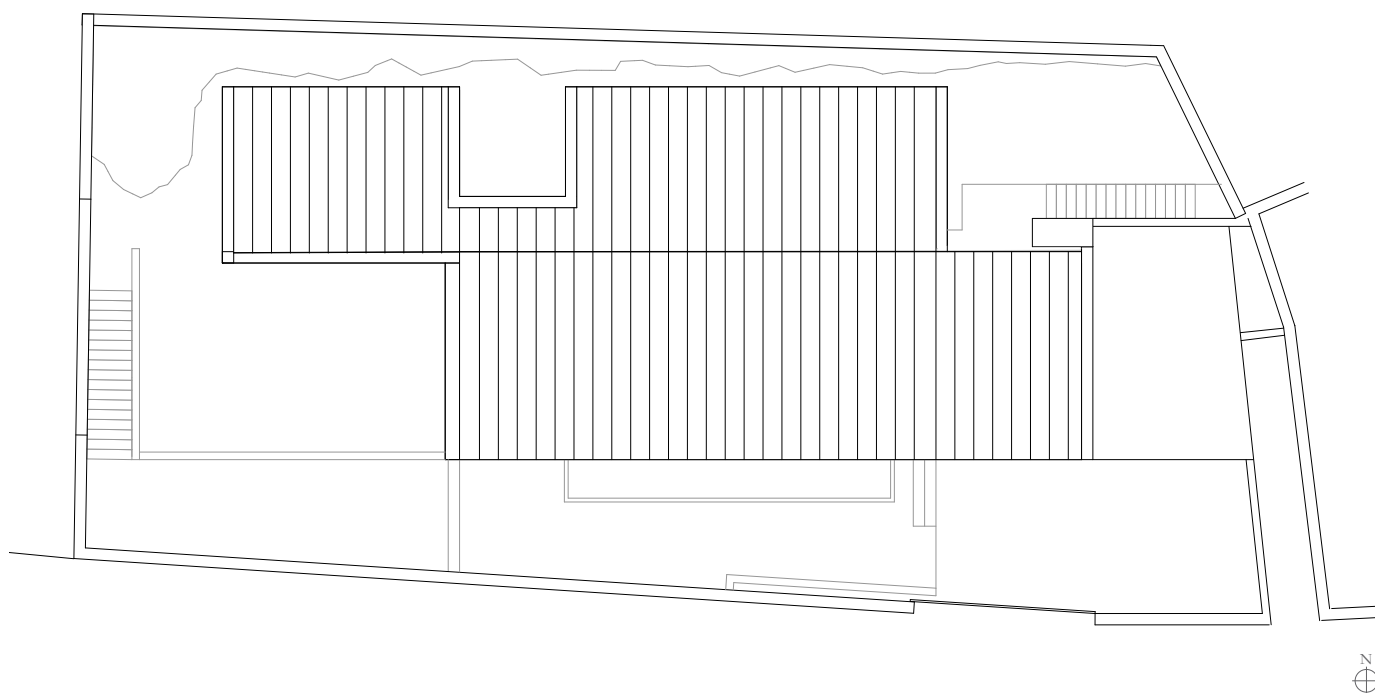
97|



98|



99| Planta e alçado de proposta de cobertura planta
escala 1: 200



100 | Planta e alçado de proposta de cobertura inclinada
escala 1: 200

Assim, através de duas soluções conseguimos duas finalidades diferentes para o projeto, ambas viáveis. Por um lado, a cobertura inclinada direciona-se no sentido do existente de forma a integra-lo no desenho, unindo-se com o novo; e por outro, a cobertura plana direciona-se no sentido contrário ao existente que se pretende manter e preservar, através da cobertura que se prolonga em determinadas áreas, desenhando palas que intensificam a horizontalidade da casa, e assim, mantém a parte existente desligada do novo desenho. Em cada uma das duas opções de linguagem para a casa é desenhado um elemento vertical associado a um forno de churrasqueira que comunica com o espaço da sala exterior, remetendo assim para a conclusão da recente intervenção na casa que teria o mesmo intuito. Assim, apelando à continuação dos regulares convívios exteriores, este elemento vertical vem ajudar à composição da casa. Na possibilidade de manter o desenho da sala de estar exterior, a posição do novo elemento entre os dois volumes da fachada desenha um espaço mais contido entre interior/exterior a partir da zona privada do quarto comunicante. Enquanto que na opção de unificar o conjunto com a cobertura inclinada, este elemento vertical serve como remate do sentido predominante da cobertura numa combinação entre elementos construtivos.

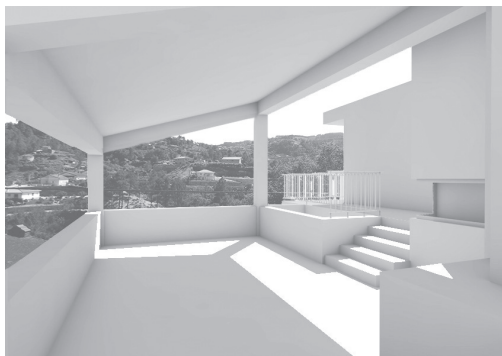
O desenho da cobertura interfere no desenho das fachadas complementado com as aberturas que estabelecem um diálogo com o espaço exterior associado, e não apenas como contacto visual com a envolvente. A janela constitui um elemento muito presente no desenho das fachadas da casa atual, o que determinou a importância do redesenho do alçado, optando-se por fechar algumas das aberturas existentes voltadas para a rua como forma de valorizar os espaços exteriores recriados e permitir uma maior intimidade associada a cada espaço interior. Assim, as aberturas são desenhadas essencialmente na vertical funcionando também como um acesso ao exterior, numa relação mais completa entre o chão e o céu, à exceção dos quartos que rematam a ala superior que têm como intenção iluminar os espaços enquadrando um momento exterior.

Neste sentido, a fachada voltada para a rua é composta por aberturas maioritariamente colocadas no piso térreo agregadas ao núcleo social da cozinha e zona de refeição, mantendo-se assim as três aberturas existentes, mas agora prolongadas até ao chão para um contato direto com o exterior e ao mesmo tempo uma visão interrompida entre vazio/cheio e luz/sombra no interior. O muro que separa os espaços exteriores A e B, determina também a separação interior entre zona social e zona privada do piso térreo marcada pela janela de maior dimensão, associada a área da cozinha. O espaço entre aberturas marca a localização e medida da abertura associada à varanda, distinguindo-se na fachada pela altura correspondente à medida total do pé direito da sala de estar, o que contrasta também com o facto da altura deste piso ser menor que o piso térreo.

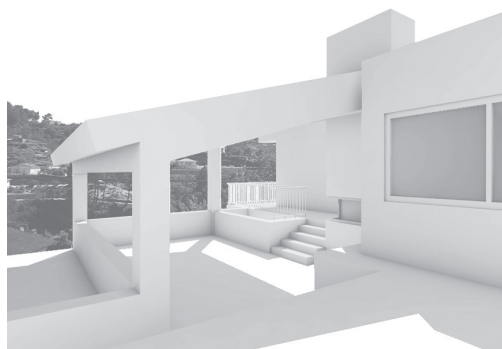
A varanda mantém uma forte presença na fachada, destacando-se pela saliência do volume e pela materialidade que funciona como um vazio perante o cheio do edifício. O aumento ao comprimento da varanda possibilitou, não só a comunicação com a sala de estar, mas também a relação com a dimensão do pátio C. A guarda associada a este espaço exterior (C) transforma-se num muro desenhado na continuidade da fachada existente, mantendo a materialidade, e ao contrário da varanda, funciona como um cheio que contrasta com o vazio provocado pelo pátio. Este vazio reforça a horizontalidade da casa, já assumida pelo piso térreo através do prolongamento da fachada para a zona privada.

No caso da solução com a cobertura plano, o movimento desenvolvido entre a parede - que esconde a escada desenhada entre pátios - o muro e a cobertura que avança, emolduram o espaço exterior (C) e a janela recortada no canto da sala de estar reforça esse movimento afirmando-se como parte dele. Em oposição ao carácter privado deste espaço que comunica mais intensamente com o habitante, a sala exterior mantém a sua relação aberta com a envolvente, servindo como receção à casa e espaço de estar exterior associado ao visitante.





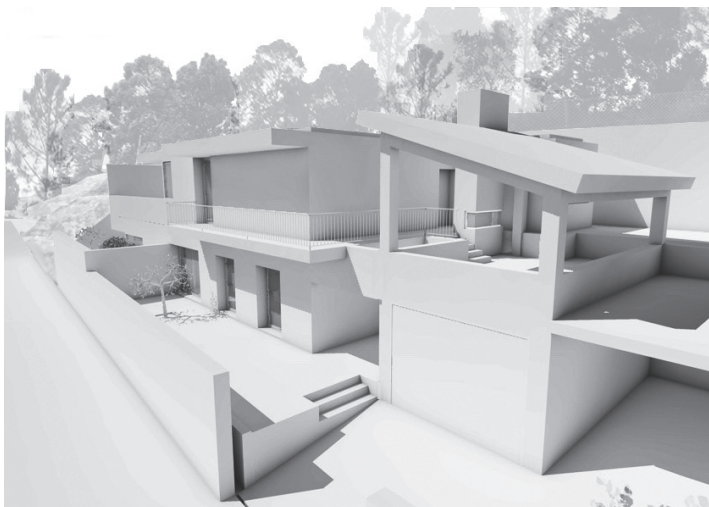
102|



103|



104|



105|

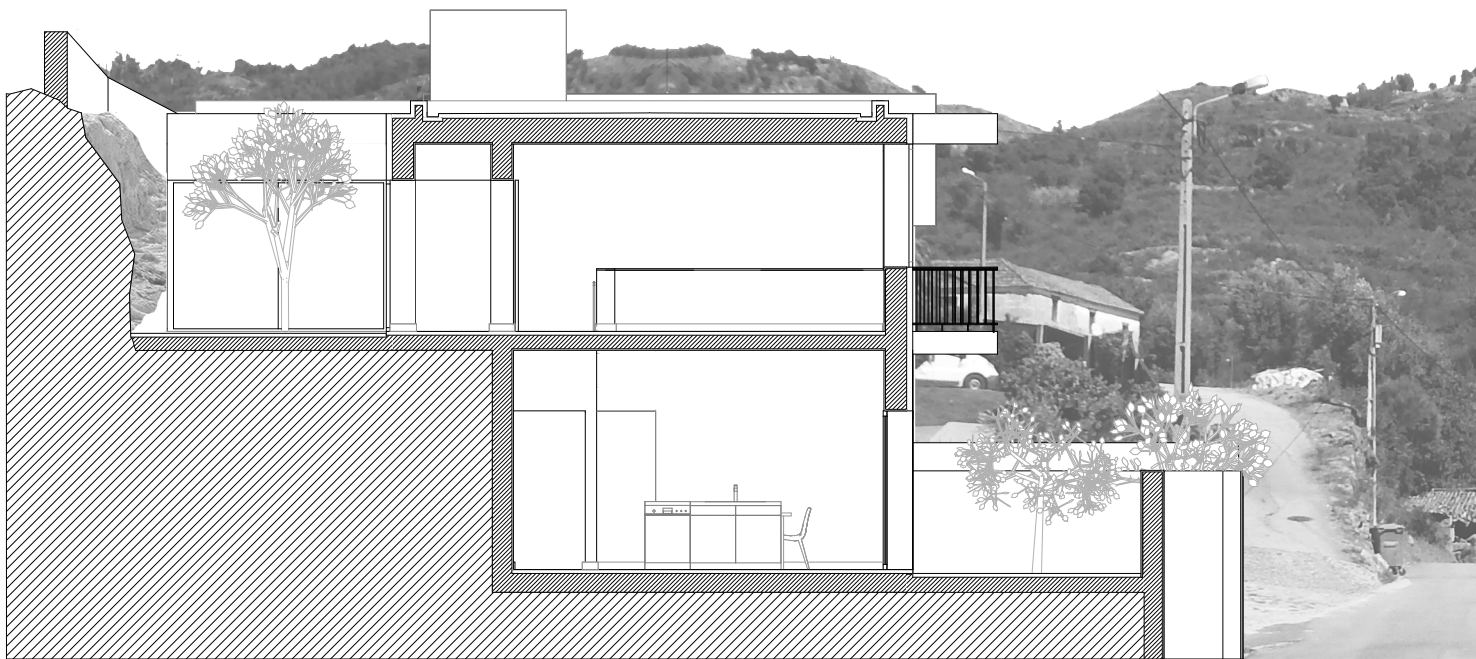
101| Proposta de alçado
cobertura plana
escala 1: 100

102|

103| Imagens 3d - vista da sala
exterior referentes a proposta
de alçado anterior

104|

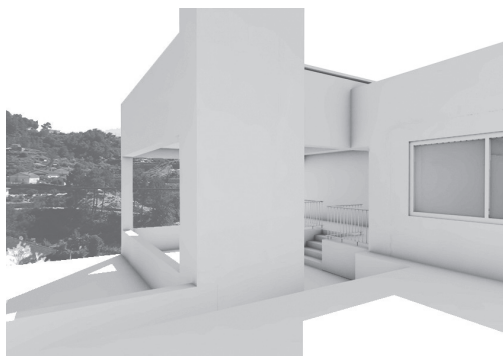
105| Imagem 3d - vistas exteriores
referentes a proposta de
alçado anterior



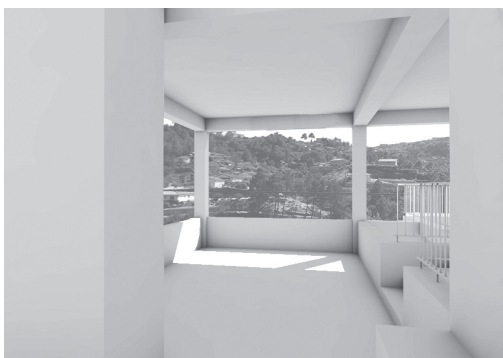


106| Proposta: corte transversal C6 com envoltente
solução cobertura plana
escala 1: 100





108|



109|



110|



111|

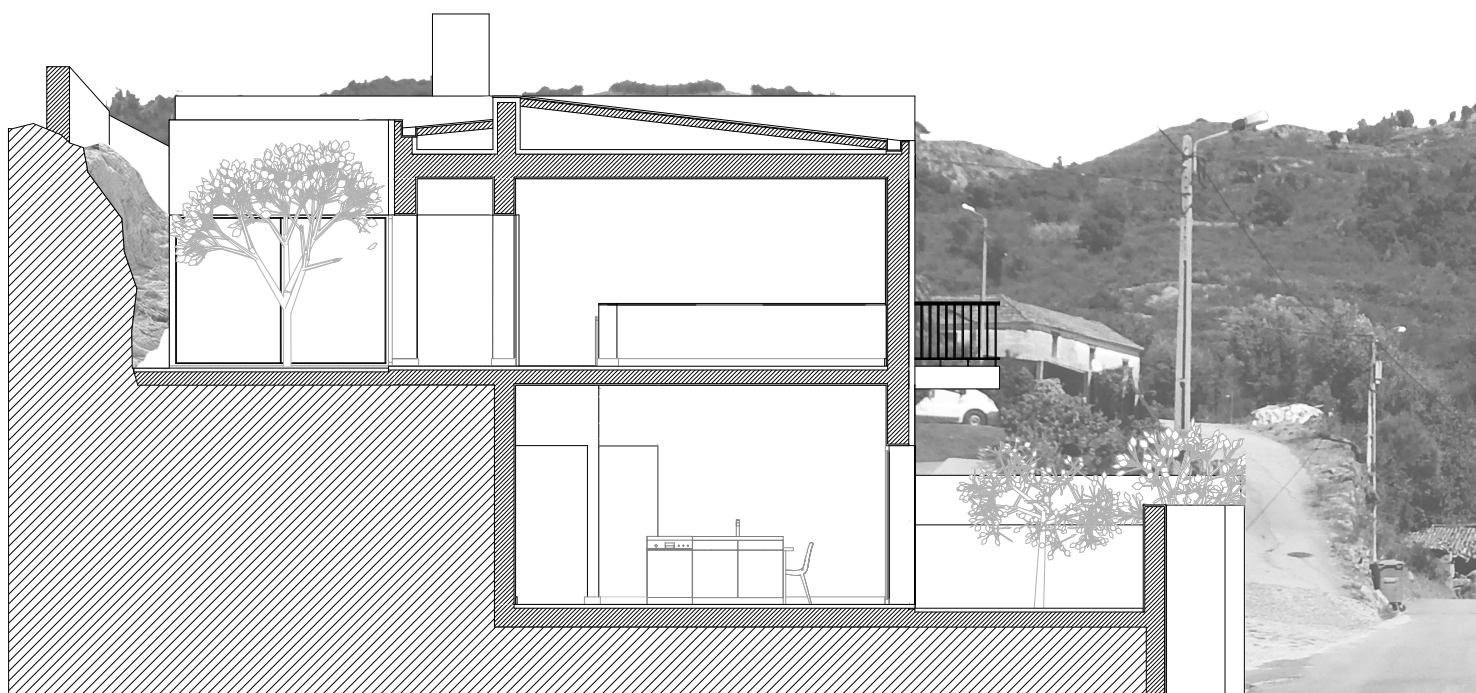
107| Proposta de alçado
cobertura inclinada
escala 1: 100

108|

109| Imagens 3d - vistas da sala
exterior referentes a proposta
de alçado anterior

110|

111| Imagens 3d - vistas exteriores
referentes a proposta de
alçado anterior





112| Proposta: corte transversal C6 com envolvente
solução cobertura inclinada
escala 1: 100

“Em arquitetura, seguramente, o projeto que apresenta um equilíbrio mais difícil e instável é o de uma habitação unifamiliar. Há que conjugar uma intuição pessoal com umas necessidades precisas e particulares. Mas também é certo que este equilíbrio não tem tanta relevância. As coisas adquirem a sua justa importância, e os supostos erros e acertos do princípio ajustar-se-ão adequadamente com o tempo e o uso. Não existe uma solução única, nem tão-pouco respostas definitivas.”²⁹

Desta forma, o processo de desenho encontra-se numa fase dividida entre duas soluções, uma de cobertura inclinada e outra de cobertura plana, que influenciam a leitura da casa e do seu desenho. No entanto, a resposta não está ligada a formalismos, mas sim ao modo de habitar e de ver a casa através dos habitantes. O projeto tenta responder a determinados temas de desenho, composições de geometria, questões de equilíbrio, proporção e redimensionamento, no sentido de tornar o caráter da casa confortável à família, mantendo o sentido coletivo entre as pessoas. Neste sentido, havendo a necessidade da família se apropriar e se identificar com as opções que a casa coloca, o projeto atual encontra-se numa fase em que se torna essencial a opinião dos restantes habitantes, abrindo-se assim uma discussão mais alargada e definitiva sobre estas duas visões propostas. Para além de conversas pontuais, este é o momento para uma conversa em que se percebe o projeto na sua totalidade, havendo dois caminhos possíveis que são importantes, não só, na forma como a família se integra no seu próprio núcleo, mas também no significado da casa vista perante a comunidade. Assim, associa-se a questão da responsabilidade social do arquiteto, na medida em que o importante é quem habita a casa, sendo determinante a intervenção da família nesta fase de desenho.

²⁹ SANTACANA, Amadeu, Soriano-Palacios. *Es pequeño, llueve dentro y hay hormigas*, Barcelona, Aztar, 2000, p. 239, original: “En la arquitectura, seguramente, el proyecto que presenta un equilibrio más difícil e inestable es el de una vivienda unifamiliar. Hay que conjugar una intuición personal con unas necesidades precisas y particulares. Pero también es cierto que este equilibrio no tiene tanta relevancia. Las cosas adquieren su justa importancia y los supuestos errores y aciertos del principio se ajustarán adecuadamente con el tiempo y el uso. No hay una solución única, ni tampoco respuestas definitivas.”

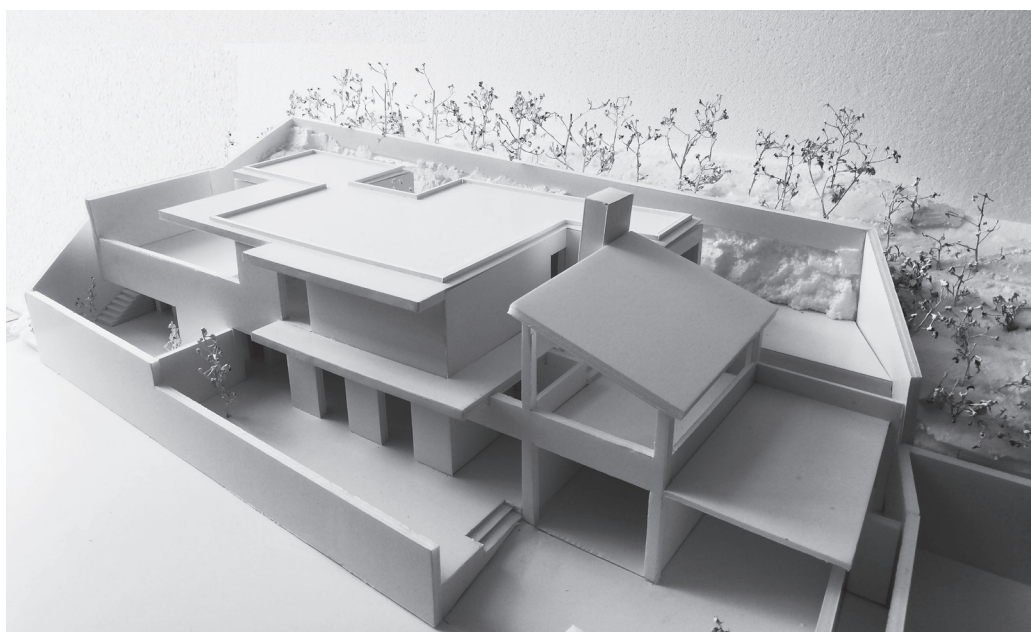
“Antes de arquitecto, o arquitecto é homem, e homem que utiliza a sua profissão como um instrumento em benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence. / Porque é homem e porque a sua acção implicará, para além do drama da escolha, um sentido, um alvo, um desejo permanente de servir. (...) As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem. / E da circunstância deverá ele contrariar os aspectos negativos e valorizar os aspectos positivos, o que significa, afinal, educar e colaborar. E colaborará e educará também com a sua obra realizada. (...) Que seja assim o arquitecto - homem entre os homens - organizador do espaço - criador de felicidade.”³⁰

Deixaremos que o *tempo* se alie ao projeto, da mesma forma que os 25 anos que se passaram foram o tempo necessário para se criarem memórias, confrontos com cada *espaço*, aproximações e distâncias com o conjunto da *casa* ao longo do tempo, o que nos permitiu chegar a esta solução de (re)desenho. Acreditamos que será também o tempo que nos fará aproximar os intervenientes do projeto, de forma a amadurecer esta proposta, contribuindo, assim, para o desenho da unidade de uma casa que abarca o passado, presente e o futuro.

“(...) passados alguns anos sobre a construção, a presença das construções tende a esbater-se entre as árvores; a fundir-se com o solo enquanto suporte para a vegetação.”³¹

³⁰ **TÁVORA, Fernando**, *Da Organização do Espaço*, Faup publicações, Porto, 3ª edição 1996, pp. 74-75

³¹ **FERNANDEZ, Sergio**, “Duas casas em Caminha” in *Só nós e Santa Tecla*, Porto: Dafne Editora, 2008, p.121



Considerações Finais

*“Todo o investigador investiga porque está perdido e será sensato não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve, sim, no final da sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos. Como alguém que continua náufrago, mas que tem agora, contra as intempéries e os perigos, um refúgio mais eficaz.”*³²

O estudo da *casa* e do *habitar* foram os temas que a presente dissertação comprometeu tratar e como forma de os explorar, recorreu-se à própria experiência sobre os primeiros contatos com o *espaço doméstico* de uma casa que sofreu alterações, não só físicas, mas também no seu modo de apropriação dos espaços. Neste sentido procedeu-se ao redesenho de um projeto que abrigou, no passado, momentos e perceções de espaço e modos de habitar, que hoje se diferem pelo contínuo crescimento pessoal e familiar.

*“Aprender a ver é fundamental para um arquitecto, existe uma bagagem de conhecimentos aos quais inevitavelmente recorreremos, de modo que nada de quanto fazemos é absolutamente novo”*³³ – é com referência a este pensamento que se recorreu a um conjunto de exemplos na arquitetura que relacionam o *lugar* com edifício e habitante. Le Corbusier é um dos exemplos que repensa o espaço doméstico tendo em conta novas condicionantes e, posteriormente, quem o revisita tenta problematizar a sua arquitetura, não para refazer, mas para repensar e reinterpretar.

³² TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens*, Lisboa, Caminho, 2013, p. 38

³³ VIEIRA, Álvaro Siza, *Imaginar a evidência*, (trad. Soares da Costa), Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, p. 139

Assim, com recurso a casos de estudo do século XX foi possível impulsionar a reflexão sobre a organização do espaço doméstico e compreender os aspetos a problematizar na casa intervencionada. A entrada de luz, a dimensão e flexibilidade dos espaços interiores e a sua relação com o exterior mantendo a privacidade e individualidade de cada espaço desenhado, combinaram diferentes apropriações da casa, possíveis ao longo do tempo.

A partir da reconstrução e construção de espaços foi possível reaproveitar o afloramento rochoso que pertence ao terreno da casa como forma de caracterizar os espaços e remeter para o seu caráter íntimo. A reconstrução dos espaços exteriores permitiu manter as diferentes cotas em que se articulam, no entanto, a definição e tratamento diferem pelo diálogo estabelecido com os espaços interiores redesenhados. Esta necessidade de relacionar o habitar interior e o habitar exterior advém da *“sensação irreprimível e determinante de que a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço, e por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a natureza.”*³⁴

O projeto tornou-se, não só, numa viagem do tempo, mas também, uma viagem de possibilidades na intervenção em que entre combinar espaços, hábitos e memórias, tornou-se importante mediar a luz, saber quando e como deve surgir luz em cada espaço de forma a contribuir para a sua atmosfera. O desenho das aberturas surge como resposta àquilo que queremos que seja o espaço - *«A qualidade de uma janela reside na maneira como ela elabora e expressa sua “condição de janela”, em como faz o intermédio entre o interno e o externo, em seu modo de emoldurar a vista e lhe conferir escala, em seu jeito de articular a luz e a privacidade, em como ela anima o cómodo e outorga-lhe uma escala, um ritmo e uma ambiência especiais. Um recinto pode ser atemorizante ou tranquilo, agressivo ou relaxante, encarceirante ou libertador, tedioso ou alegre, dependendo da janela. Desse modo, o impacto de uma janela na experiência humana é existencialmente profundo demais para que ele seja considerada apenas como um mero elemento da composição visual.»*³⁵

³⁴ VIEIRA, Álvaro Siza, *Imaginar a evidência*, (trad. Soares da Costa), Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009, p. 31

³⁵ PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2017, p. 97

O silêncio caracteriza o lugar e o seu contexto, interferindo no desenho dos espaços e neste sentido o núcleo central é uma forma de contraste entre os momentos de silêncio, provocados pelas zonas privadas interiores ou exteriores, e o caráter coletivo apreciado pela família e dinamizado pela liberdade do espaço central desenhado. A sala exterior, como memória e elemento caracterizador do conjunto da casa, permanece com o caráter ambíguo e espaço de encontro que abriga tanto a solidão como o convívio. Este espaço, pela sua importância, foi motivo de desenho para a determinação da linguagem do edifício, em que importava perceber se este espaço integraria um novo desenho de forma a unificar o conjunto, ou pelo contrário, se o espaço deveria permanecer com o seu desenho original separando-se do reconstruído.

Neste sentido da questão tornou-se essencial o contacto com os habitantes da casa para uma nova percepção do projeto que fosse de encontro com a melhor solução de desenho. Num primeiro momento, a cobertura plana, que identifica os elementos separadamente, teve uma maior tendência por autonomizar o desenho do espaço da sala exterior sem maiores alterações. No entanto, o *tempo* será a chave que permitirá refletir sobre as propostas, aprofundando todas as questões que ficaram colocadas e dando abertura para que estas propostas se desenvolvam. As maquetes permanecerão em cima da mesa para futuras opiniões sobre as duas soluções, ou ainda, uma terceira que se poderá vir a desenvolver, já que esta proposta explica um caminho que tanto pode ser um fim como um meio para chegar à melhor solução. O desejado era criar uma base que motivasse a conversa e discussão sobre algo comum a todos - *a casa* - concretizando-se assim a problemática da dissertação num combinar de interesses de um (per)curso, o gosto por casas e pelo habitar, o encontro entre espaços de silêncio e espaços de ruído que numa casa definem um conjunto capaz de responder automaticamente às nossas ações, porque a casa conhece(-nos). A reflexão sobre o trajeto nesta habitação que nos propusemos a redesenhar os espaços, acabou por ganhar vida, assumindo-se mais do que a alteração de elementos, mas sim no repensar a casa como um todo em que as diferentes partes se articulassem, melhorando a sua arquitetura em sintonia com o modo de vida dos habitantes e proporcionando novas histórias a quem virá depois.

“Construir

*Construir uma casa tornou-se uma aventura.
É preciso paciência, coragem e entusiasmo.*

O projecto de uma casa surge de formas diferentes. Subitamente, por vezes, às vezes lenta e penosamente. Tudo depende da possibilidade e da capacidade de encontrar estímulos - bengala difícil e definitiva do arquitecto.

O projecto de uma casa é quase igual ao de qualquer outra: paredes, janelas, portas, telhado. E contudo é único. Cada elemento se vai transformando, ao relacionar-se.

Em certos momentos, o projecto ganha vida própria.

Transforma-se então num animal volúvel, de patas inquietas e de olhos inseguros.

Se as suas transfigurações não são compreendidas, ou dos seus desejos é satisfeito mais do que o essencial, torna-se um monstro. Se tudo quanto nele parece evidente e belo se fixa, torna-se ridículo. Se é demasiadamente contido, deixa de respirar e morre.

O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o autor: ultrapassa-o constantemente. É preciso não o perder. O desenho persegue-o.

Mas o projecto é um personagem com muitos autores, e faz-se inteligente apenas quando assim é assumido, é obsessivo e impertinente em caso contrário.

O desejo é o desejo de inteligência.”³⁶

³⁶ VIEIRA, Álvaro Siza, Texto 005 in *01 Textos*, Parceria A.M. Pereira, Lisboa 2019, p. 21

Referências Bibliográficas

ÁBALOS, Iñaki, *A boa vida: visita guiada às casas da modernidade*, trad. Alicia Duarte Penna, Barcelona: Gustavo Gili, 2003

ALCARAZ, Marta, *Casas*, trad. Victória Perez Camisón, Dinalivro, Lisboa, 2004

ALLEN, Gerald, MOORE, Charles, LYNDON, Donny, *La Casa: Forma y Diseño*, Editorial Gustavo Gili, SA, 6ª edição 1999

AMARGÓS, Martí, BERMÚDEZ, Ramón, FIBLA Guillermo, LINARES, Oscar, TARRAGÓ, Iñaki, QUETGLAS, Jordi, *Rehabitar en nueve episodios*, Madrid: Lampreave, 2012

BACHELARD, Gaston, *A poética do espaço*, trad. António de Pádua Danesi, 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1998

BANHAM, Reyner, “A home is not a house”, in *Architectural Design*, 7/8. London, 1990

BENJAMIN, Walter, *Imagens de pensamento*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004

BUSCH, Akiko, *Geography of Home: writings on where we live*, Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1999

CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004

CORNOLDI, Adriano, *La arquitectura de la vivienda unifamiliar: manual del espacio doméstico*, trad. Antoni Solanas i Cànovas. - Barcelona : GG, 1999

COSTA, Alexandre Alves, *Só nós e santa tecla: a casa de Caminha de Sergio Fernandez*, Porto: Dafne, 2008

CREUS, Juan, GALLEGO-PICARD, Pablo, QUESADA, Fernando, *Habitación Room*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2003

FERNANDEZ, Sergio, *Percurso da arquitectura portuguesa 1930/1974*, Porto, FAUP Publicações, 1988

GALFETTI, Gustau, *Casas refugio/Private retreats*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1995

GANS, Deborah, *Le Corbusier*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1988

GUERREIRO, Paulo, *Viana de Lima e a Influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa*, Município de Esposende, 201

HEIDEGGER, Martin, *Construir, habitar, Pensar*, in Conferencias y Artículos, Barcelona: Serbal, 1994

LANE, Barbara Miller, *Housing and Dwelling, Perspectives on Modern Domestic Architecture*, London : Routledge, 2007

LUSTENBERGER, Kurt, *Adolf Loos*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1998

MONTEYS, Xavier, *Le Corbusier. Obras y proyectos, Obras e projectos*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2005

MONTEYS, Xavier, FUERTES, Pere, *Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*, Barcelona: GG, 2001

NORBERG-SCHULZ, Christian, *Intenciones en arquitectura* - 2ªed. - Barcelona : GG, 1998

NORBERG-SCHULZ, Christian, *L'abitare : l'insediamento, lo spazio urbano, la casa*; trad. Anna Maria De Dominicis. - Milano : Electa, cop. 1984

PALLASMAA, Juhani, *Encounters: architectural essays Vol. 1*, Helsinki: Rakennustieto, 2012

PALLASMAA, Juhani, *Encounters: architectural essays Vol. 2*, Helsinki: Rakennustieto, 2012.

PALLASMAA, Juhani, *Habitar*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2017

PINA, Manuel António, *Como se desenha uma casa*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012

QUETGLAS, Josep, *Habitar*, in CIRCO 15, dirección M.Mansilla, Rojo, Tuñón, 1994

RAMOS, Rui, *A casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*, Porto: Faup publicações, 2010

RAPOPORT, Amos, *House, Form and Culture*, London: Prentice-Hall, 1969

ROTH, Adolf, *Dos casas de Le Corbusier y Pierre Jeanneret*, COAAT, Murcia, 1997

RYBCZYNSKI, Witold, *La Casa. Historia de Una Idea*, Madrid: Editorial Nerea, 1997

SANTACANA, Amadeu, *Es pequeño, llueve dentro y hay hormigas : Soriano Palacios*, Barcelona: ACTAR, 2000

SHARR, Adam, *La cabaña de Heidegger: un espacio para pensar*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2009

SILVA, Ana Sofia Pereira da, *La intimidad de la casa : el espacio individual en la arquitectura doméstica en el siglo XX*, Buenos Aires: Diseño, 2015

TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens*, Lisboa, Caminho, 2013

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, Faup publicações, Porto, 3ª edição 1996

TÁVORA, Fernando, *Casa de Férias em Ofir*, Blau, Lisboa, 1992

TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Lisboa: Blau, cop.1993

VAUDOU, François, *La petit maison de Le Corbusier: Villa le Lac à Corseaux-Vevy*, Carré d'Art, Genebra, 1991

VIEIRA, Álvaro Siza, *01 Textos*, Parceria A.M. Pereira, Lisboa, 2019

VIEIRA, Álvaro Siza, *Imaginar a evidencia*, (trad. Soares da Costa), Edições 70, Lda., Reimp., Lisboa, 2009

ZABALBEASCOA, Anaxu, *La casa del arquitecto*, 4ª ed. - Barcelona: Gustavo Gili, 2000

ZUMTHOR, Peter, *Atmosferas*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2006

ZUMTHOR, Peter, *Pensar a arquitetura*, Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2009

Índice de Imagens

- 1 | Imagem retirada do Google Maps a 6 de Agosto de 2018;
- 2 | Desenho do autor;
- 3 | Imagem retirada do Google Maps a 6 de Agosto de 2018;
- 4 | Fotografias do autor;
- 5 | Fotografia do autor;
- 6 | Fotografia do autor;
- 7 | Desenhos do autor;
- 8 | Arquivo pessoal;
- 9 | Arquivo pessoal;
- 10 | Arquivo pessoal;
- 11 | Desenhos do autor;
- 12 | Desenho do autor;
- 13 | Arquivo pessoal;
- 14 | Arquivo pessoal;
- 15 | Fotografia do autor;
- 16 | Fotografia do autor;
- 17 | Fotografia do autor;
- 18 | Fotografia do autor;
- 19 | Fotografia do autor;
- 20 | Fotografia do autor;
- 21 | Fotografia do autor;
- 22 | Fotografia do autor;
- 23 | Fotografia do autor;
- 24 | Arquivo pessoal;
- 25 | Arquivo pessoal;
- 26 | Arquivo pessoal;
- 27 | Arquivo pessoal;
- 28 | Arquivo pessoal;
- 30 | Arquivo pessoal;
- 31 | Fotografia do autor;
- 32 | Fotografia do autor;
- 33 | Fotografia do autor;

- 34 | Fotografia do autor;
- 35 | Fotografia do autor;
- 36 | Fotografia do autor;
- 37 | Fotografia do autor;
- 38 | Fotografia do autor;
- 39 | Fotografia do autor;
- 40 | Fotografia do autor;
- 41 | Fotografia do autor;
- 42 | Arquivo pessoal
- 43 | Desenho do autor
- 44 | Arquivo pessoal
- 45 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni, Álvaro Siza: casas 1954-2004**, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 122
- 46 | <https://atfpa3y4.wordpress.com/2014/02/06/casa-avelino-duarte-alvaro-siza/> - [22 Agosto de 2019]
- 47 | <https://casaduarte.home.blog> - [22 Agosto de 2019]
- 48 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni, Álvaro Siza: casas 1954-2004**, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 122
- 49 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni, Álvaro Siza: casas 1954-2004**, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 119
- 50 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni, Álvaro Siza: casas 1954-2004**, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 119
- 51 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni, Álvaro Siza: casas 1954-2004**, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 118
- 52 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni, Álvaro Siza: casas 1954-2004**, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 118
- 53 | Arquivo pessoal
- 54 | Desenhos do autor
- 55 | **Kurt Lustenberger, Adolf Loos**, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1998, p. 152
- 56 | **Kurt Lustenberger, Adolf Loos**, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1998, p. 155
- 57 | **Kurt Lustenberger, Adolf Loos**, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1998, p. 156
- 58 | **Rui Ramos, A casa: arquitetura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português**, Porto: Faup publicações, 2010, p. 374
- 59 | <http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-marques-guedes-caminha.html> - [24 de Agosto de 2019]

- 60 | <http://olharquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-marques-guedes-caminha.html>
- 61 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 27
- 62 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 27
- 63 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 27
- 64 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 27
- 65 | **Paulo Guerreiro**, *Viana de Lima e a Influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa*, Município de Esposende, 2017, p. 466
- 66 | **Paulo Guerreiro**, *Viana de Lima e a Influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa*, Município de Esposende, 2017, p. 467
- 67 | **Paulo Guerreiro**, *Viana de Lima e a Influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa*, Município de Esposende, 2017, p. 471
- 68 | **Luiz Trigueiros**, *Fernando Távora*, Lisboa: Blau, cop.1993, p. 78
- 69 | **Luiz Trigueiros**, *Fernando Távora*, Lisboa: Blau, cop.1993, p. 79
- 70 | **Luiz Trigueiros**, *Fernando Távora*, Lisboa: Blau, cop.1993, p. 79
- 71 | **Luiz Trigueiros**, *Fernando Távora*, Lisboa: Blau, cop.1993, p. 79
- 72 | **Luiz Trigueiros**, *Fernando Távora*, Lisboa: Blau, cop.1993, p. 82
- 73 | <https://arquivoatom.up.pt/index.php/alcado-10> - [23 de Agosto de 2019]
- 74 | Imagem realizada pelo autor
- 75 | Imagem realizada pelo autor
- 76 | Imagem realizada pelo autor
- 77 | Imagem realizada pelo autor
- 78 | Desenho do autor
- 79 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 56
- 80 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 56
- 81 | <https://josecamposphotography.com/alves-santos-house-1970/> - [24 de Agosto de 2019]
- 82 | <https://josecamposphotography.com/alves-santos-house-1970/> - [24 de Agosto de 2019]
- 83 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 60

- 84 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 60
- 85 | **Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni**, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 61
- 86 | Desenhos do autor
- 87 | Imagem realizada pelo autor
- 88 | Imagem realizada pelo autor
- 89 | Desenho do autor
- 90 | Desenho do autor
- 91 | **Paulo Guerreiro**, *Viana de Lima e a Influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa*, Município de Esposende, 2017, p. 469
- 92 | Desenho do autor
- 93 | Arquivo pessoal
- 94 | Arquivo pessoal
- 95 | Desenho do autor
- 96 | Desenho do autor
- 97 | Desenho do autor
- 98 | Desenho do autor
- 99 | Desenho do autor
- 100 | Desenho do autor
- 101 | Desenho do autor
- 102 | Imagem realizada pelo autor
- 103 | Imagem realizada pelo autor
- 105 | Imagem realizada pelo autor
- 106 | Desenho do autor
- 107 | Desenho do autor
- 108 | Imagem realizada pelo autor
- 109 | Imagem realizada pelo autor
- 111 | Imagem realizada pelo autor
- 112 | Desenho do autor
- 113 | Arquivo pessoal

Imagens referenciadas no segundo capítulo: “problema(s) - quatro referências”

Villa le lac, imagens:

<http://www.villalelac.ch/en>

<https://www.sites-le-corbusier.org/fr/Villa-Le-Lac>

<https://www.lescouleurs.ch/en/journal/posts/villa-le-lac-le-corbusier-the-hole-in-the-wall-and-other-experiments/>

<http://www.danslavilledimages.ch/N626/villa-le-lac-le-corbusier.html>

Villa le Lac, plantas e perfis:

https://www.bibliocad.com/pt/biblioteca/villa-le-lac-le-corbusier_21137/#

François, Vaudou, *La petit maison de Le Corbusier: Villa le Lac à Corseaux-Vevy*, Carré d’Art, Genebra, 1991, p. 63

Casa das Marinhas, imagens, plantas e perfis:

Paulo Guerreiro, *Viana de Lima e a Influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa*, Município de Esposende, 2017, p. 530, 539

<https://www.thenest.pt/pt/inspiracao/casa-das-marinhas>

Casa Alves Costa, imagens:

http://olhararquitectura.blogspot.com/2011/06/casa-alves-costa-moledo_6452.html

<http://molimgar.pw/Casa-Alves-Costa-Marcelino-Beu-e-Joana-Silva-Siza-Outdoor.html>

Casa Alves Costa, plantas e perfis:

Alessandra Cianchetta, Enrico Molteni, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Barcelona: Gustavo Gili, 2004, p. 44-46, 50, 52, 190

Vill’Alcina, imagens, plantas e perfis:

<http://www.inesdorey.com/index.php?/projectos/ditados-velhos-sao-evangelhos/>

<http://www.cnll.pt/portfolio/sergio-fernandez/>

